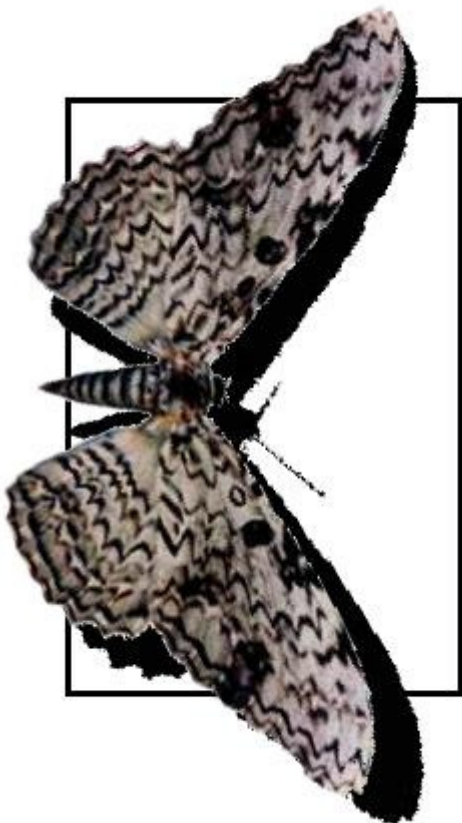


À Sombra da Mariposa.

Í g o r O.



À Sombra da Mariposa.

Í g o r O.

2 0 0 8.

- Me desculpe! - surpreso. - Não vi que estava aí.
- Sou assim tão insignificante? - maliciosa. - Tão sem importância e invisível?
- Claro que não! Não lhe quis dizer isso.
- Então nem quer falar comigo?
- Não! - mais surpreso!
- Não?- em fúria.
- Digo, sim!
- Como?

*Para o OVƏRMUNDO!
E a quem interessar possa...*

Não. Não é aqui que se conhecem. Nem é agora que ocorre o seu derradeiro diálogo. Estão juntos, porém. E talvez este seja o mais significativo dentre os seus desencontros.

O corredor de serviço por onde ninguém jamais passa, com seu ar estagnado, sua vaga utilidade, recebendo a visita de uma sombra sem dono, que não devia estar lá. Trata-se de uma negação, o envolvimento dos dois. Ele não é o corredor vazio, muito menos ela a sombra, embora se comportem como tais. Trata-se de um grande não.

E o negror do piche os envolve.

Uma estranha força que de modo algum os aproxima, mas sim, os impede de afastar. E não é boa, somente os mantém juntos, coesos sem fazer sentido, desde a situação na qual se descobriram, no decorrer de uma sucessão de eventos, que qualquer um, precipitada e erroneamente, afirmaria casual.

Mas não foi casual.

Como não é casual o agora, o aqui. Uma ocasião que não é das melhores. Ele, como sempre, cansado e indiferente, mas devido à juventude que resiste, ainda capaz de observar que Manuela também não está em um bom dia. Muito pior do que de costume e impossibilitada de disfarçar sua preocupação, ela desiste e se move a esmo, sorrindo nervosamente com um cigarro entre os longos dedos.

Uma aparência contundente, doente e atraente.

Cumprimentam-se, sem se tocar, enquanto escolhem (Escolhem?) uma mesa.

Os veículos agressivos, passam de lá pra cá.

As pessoas apressadas, passam de cá pra lá.

Não há cães, só vira-latas.

Nenhum pássaro, só pardais.

Mesas e cadeiras plásticas interrompem a calçada. Lá dentro não é melhor, pois está muito abafado. Pedem o de sempre, pois já estiveram aqui. Melhor dizendo, só estiveram aqui. Foi somente aqui que se viram, desde a primeira vez. Um desses lugares que pode ser em qualquer lugar. No centro da cidade.

Do outro lado da rua, um sorriso doentio.

O esfarrapado e sujo está sentado no cordão da calçada.

Um soberano maldito em seu trono vulgar. Sobrevoado pelas moscas.

É invisível, ele. Mas está ali.

Adiantando-se, o jovem atrasa uma cadeira para que ela se acomode. Um insosso resquício de suas antiquadas maneiras machistas, para as quais a mulher pouco atenta. Seres

bem mais sinistros atraem sua atenção. Ela jamais relaxa, embora pareça completamente à vontade com seus problemas. Jamais permite uma inesperada aproximação.

Concentra-se no outro lado da rua.

Ele fala de coisas banais, ela o ignora sem maldade, ele simplesmente nem percebe, ela sabe. Por enquanto, tudo é muito breve e fútil, o modo como as coisas são por aqui. Esta cidade dita tão viva e de fato tão morta, cheia de orgulho por nada. Seguem falando o que não precisa ser, breve e futilmente.

Contudo, antes mesmo que chegue o que pediram, envereda-se a conversa por outros caminhos; menos reais, mais espinhentos. Passam a falar daquilo que sempre falam. O único assunto que os detém. O misterioso assunto. Aproximam-se, pois sussurram. E todos aqueles seres que não estão ali, aquietam-se para melhor ouvir. Ele também, vai redobrando gradualmente o seu interesse e a sua atenção, ao que Manuela torna-se o ser falante, ativa e cativante, feita de lábios e mãos. Começa a expor sua cruel realidade. A mesma realidade que para ele é tão doentia, mas tão atraente.

Obviamente ele é o perfeito ouvinte, o mais passivo possível, sinaliza nos momentos certos para impeli-la a seguir falando. E ela fala, aparentemente sem calcular os danos que arrasta com seus relatos. Danos de toda espécie, que torturam seu corpo, encarceram sua mente, e conduzem o seu espírito até aqueles remotos lugares onde estão os que não estão. São danos que ela traz em um saco gotejando sangue e deposita sobre a mesa, ao lado do cinzeiro e das xícaras de café que acabaram de chegar. Aqui estão!

O sangue respinga no plástico branco da mesa e das cadeiras.

Assim como na surrada porcelana das xícaras.

Uma gota que cai no café.

Entre as cinzas.

Ainda jovem e esperançoso, controlado e medroso, ele toma um gole, mas não fuma. Ainda não fuma. E bebe café com quatro gotas de adoçante, não açúcar. Mas bebe café. O jovem fraco e abatido que, apesar de infeliz, esforça-se (Mas não muito!) para sobreviver. Provavelmente mais por medo da morte do que por gosto pela vida. Ele ainda não sabe, mas a atraente mulher a sua frente o está desgraçando. Justo ele, que no pouco tempo que teve refinou-se nessa opção de somente observar, essa morna opção de deixar a vida passar, enquanto os outros vivem. Justo ele, que embora seja uma presa óbvia e fácil, é incapaz de identificar um verdadeiro predador.

E Manuela é uma predadora.

Uma predadora acossada.

Mas uma predadora.

Enquanto vai encenando sua tragédia para o outro, uma tragédia real, nem por isso menos encenada, também ele começa a sentir-se acossado. Ela é bastante convincente na exposição de seus relatos, mostrando no mundo e nas coisas da vida as provas cabais daquilo que diz. Toma nas mãos algo corriqueiro e, com delicada perícia, dali desvela o inimaginável. Os monótonos objetos cotidianos, as chaves do carro, o cartão ponto, que banhados na negra luz de seus olhos transformam-se em fantásticos artefatos, o chifre do unicórnio, o

Dado Yessim. Mas toda essa situação, embora empolgante, é assustadora e por demais perigosa. Oferece risco em vários níveis.

Certos níveis, ele nem mesmo pode conceber.

Evitando questioná-la, ele somente escuta o que ela tem a dizer. Ela dispensa perguntas de tanto que fala. E tudo o que diz, assusta e fascina, a si própria tanto quanto ao outro. Ele é o rato de esgoto que segue a furtiva doninha para uma estranha realidade. Encurralado, lentamente o rapaz vai percebendo que tal realidade é a sua também, visto que só existe uma. Uma misteriosa e ampla realidade que a tudo abarca. Ele vai sendo arrastado por essa trilha sem nome, mas que tem espinhos. Ela muito mais o seqüestra do que o guia nessa viagem sem volta. Essa mulher magnífica. E maligna.

Essa mulher, que está pedindo ajuda.

Esse pedido é tão sutil e inadmissível que o rapaz demora um pouco a compreendê-lo como tal. E quando o compreende, deseja estar enganado, pois não consegue imaginar um jeito de ajudar. O que ele pode fazer? Isso que ela lhe traz é algo tão vago e inatingível que ele não vê uma solução possível. Tem a forma do invisível e a textura dos pesadelos. Como ele pode oferecer ajuda? Uma vez que quer e precisa ajudar, uma vez que se obriga, ou seja obrigado, como pode fazer? Do mesmo modo que alguém abre a carteira para mostrar que está vazia, ali não há um puto tostão, o jovem expõe o seu dilema, esperando ser compreendido.

Por algum tempo, tomam café.

Terminam um, pedem outro.

O calor é insuportável, faz mais de quarenta graus.

Mas o café vai bem.

É reconfortante.

E fugaz.

“Great Bolls of Fire”, na interpretação original de Jerry Lee Lewis, começa a ressoar em algum equipamento de som perto dali. Quatro acordes básicos espancados no piano, depois a voz, inconfundível.

Boa parte das pessoas que transitam na rua ainda não se deu conta, mas outras já estão correndo, desesperadas ou curiosas, de um lado para o outro. Um estouro de manada.

É sempre assim.

Quando ele está com Manuela, as coisas começam a acontecer.

Que coisas?

Todo o tipo de coisas que nunca acontecem quando não está com Manuela.

Coisas misteriosas.

Praticamente todos na rua já perceberam o que se passa e correm para lá, ansiosos pela destruição, pela dor alheia, correm para ver mais de perto as chamas. De um estouro de manada a uma revoada de abutres. A cerca de uma quadra de onde os dois tomam café, iniciou-se um incêndio em um pequeno prédio de uns quatro ou cinco andares. É possível ver dali, sem levantar das suas cadeiras plásticas vagabundas. É possível ver as labaredas saindo pelas janelas. Querendo lambe os céus.

Manuela se ilumina.

Ele pensa que é o fogo.

Mas não.

Criaturas aladas e chifrudas, incandescentes em sua velocidade, sobrevoam o local, espiralando ao redor do prédio, dando rasantes sobre os observadores, entrando e saindo pelas janelas fumegantes. Algumas delas pousam nas copas das árvores da calçada em frente, e ali as árvores também pegam fogo. Outras parecem descansar na mureta da cobertura, a poucos passos da gente sitiada que grita por socorro.

Uma dessas criaturas, soturna e imponente, volta-se para Manuela.

Olha direto em seus olhos.

Vê que foi vista.

A mulher prende a respiração por um instante e o rapaz, que como todos os demais presentes, nada vê além do incêndio, faz menção de pegar sua mão, para confortá-la. Seria o primeiro toque, mas não acontece. Ela volta a si, recolhendo o braço.

O tumulto é generalizado. Param os carros, as motos, os pedestres, todos para ver. Nos comércios, o dinheiro (Pasme!) é momentaneamente esquecido. Há um sadismo perene querendo surgir. As pessoas observam as chamas que, impiedosamente, se alimentam de tudo e de todos. Tudo e todos. Começa a recender o cheiro de carne assada junto da fumaça irritante. O cheiro propriamente, não é ruim, e a propósito, é bastante agradável e familiar, mas é exatamente isso que o faz repugnante. Esses que observam em segurança não podem ouvir os gritos de agonia que soam no interior do prédio, pois as chamas fazem muito barulho, desse modo, são pegos de surpresa por esse específico perfume da Morte. Esse cheiro. Uma essência medieval, digamos. Alguns até mesmo demoram a compreender de onde vem; são os que sentem uma leve pontada de fome, instantes antes de vomitar pelas calçadas, com a chegada da compreensão.

Dizem que a carne humana é suave e doce, e quando queima (Quando assa.), possui um perfume inigualável.

Os dois decidem partir dali.

Presenciaram o suficiente.

Sobre a mesa ficam moedas.

O piche segue com eles.

O fogo, deixam para trás.

Partem lado a lado.

- Em que dia estamos?

- Hoje é doze de Janeiro de dois mil e seis; quinta-feira. - responde com inexplicável satisfação. - Por quê?

- Ora, veja... Outra quinta-feira...

- Como?

- Você nunca notou nada de diferente nas quintas-feiras?

Ele pensa um pouco.

Nega, balançando a cabeça.

Não muito convencido de sua resposta.

O suor lhe escorre pela espinha.

Acumula-se junto à cintura.

- Pense bem...

Palavras ecoando.

Um incontável número de lembranças ruins explode em sua memória, porém ele não sabe, não há como saber, que todas elas ocorreram em quintas-feiras. Destas lembranças todas, uma em especial ganha vida, erguendo-se das trevas do esquecimento. Tapa seus ouvidos, embaça seus olhos, leva-o embora.

A miúda ave verde está morta em suas mãos infantis.

A cabeça pendendo, como só a Morte faz pender.

E um aperto no peito vai deformando o mundo pela dor.

Por ter passado de ano, na escola, o menino foi presenteado com uma catorrita. Filhote, o animal apegase e confia. Grande parte do tempo está solto pela casa. Revoa de um móvel a outro, caminha livremente pelo chão. São só poucos dias desde que chegou aqui, mas já é parte imprescindível da família.

Dia quente de verão, o menino brinca com seu novo amigo até o plácido esgotamento. Inevitavelmente cai no sono, abandonando-se à bonança que antecede a triste tempestade. Dorme seu sono infantil na santa paz da ignorância. Quando acorda, imediatamente sente falta do animalzinho.

Cadê?

Será que fugiu?

Não. Melhor fosse, contudo...

Sorri, antes do desespero.

Diante da dura revelação.

A catorrita não fugiu, embora não esteja mais aqui. Entre as almofadas sobre o sofá, de onde acaba de levantar de seu sono, encontra o pequenino corpo empenado, inerte. E a compreensão vem como um soco no estômago. Enquanto dormia, o menino rolou por sobre a ave que velava por seu descanso, sufocando-a sem perceber, esmagando-a com seu corpo sem dar-se por isso.

Tortura-o a idéia de que o animalzinho tenha morrido sem compreender por quê.

(Por que ele não me deixa sair? Por que me machuca?)

Foi numa quinta-feira de sua primeira semana de férias de verão.

Sabe disso, com infeliz e terrível certeza.

Não nega, nem resiste.

- Quinta-feira? - pergunta Manuela, um sorriso inexplicável.

- É... Foi numa quinta-feira... - comenta como se a mulher tivesse lido seus pensamentos.

- Tenho certeza porque no dia seguinte, na sexta, saímos em viagem. Aquela situação estragou boa parte das minhas férias. - e com os olhos rasos d'água. - Fui eu, percebe?

- Sim... Estou percebendo. - a mulher aguarda um pouco, espera o outro retornar completamente. - Minhas quintas-feiras são sempre incômodas. As piores vinte e quatro horas da semana, sempre. Não é um dia ruim. Somente incômodo. Sem sentido.

- É a primeira pessoa que me fala isso. - está de volta, supera a dor. - Todos falam da segunda, reclamando. Alguns do domingo, por ser monótono. Mas da quinta, você é a primeira pessoa. - suspira. - Está sempre me surpreendendo.

- Mas é disso que estou falando. Todos os dias da semana têm sua própria cara; têm sua própria personalidade, que todos conhecem. Com exceção das quintas-feiras.

- Certo. - descrente. - Então qual a cara da terça?

- Ora! Terça-feira é o dia de pagar as contas. Ou melhor dizendo, o dia de não pagar. - outra vez aquele enigmático sorriso. - É mundialmente tradicional, marcar-se para uma terça-feira a conclusão de uma dívida que não se pretende pagar. - e vendo-o desarmado, conclui. - Há inclusive uma expressão castelhana, "Hasta martes!", seria "Até terça!", vários povos sul-americanos usam-na para se despedir de alguém que não pretendem mais encontrar. O motivo é o mesmo. Percebe?

Ele digere a informação, com certa dificuldade.

Indignada, mas divertida, ela ainda acrescenta:

- Você não lembra daquele personagem do desenho do Popeye, que pedia dinheiro emprestado, pra comprar hambúrguer, dizendo "Lhe pagarei, com prazer, na terça"? Qual era mesmo o nome dele?

(É "Dudu".)

Ele lembra do personagem, não do nome, e dá por aceita a tese. Porém...

- E a quarta?

- Quarta-feira é o meio da semana, meu jovem... - segura de si. - O centro de um ciclo de sete dias, o exato local de onde se pode melhor divisar o passado e o futuro. Dia certo para se tomar importantes decisões. Muitos empresários supersticiosos, por exemplo, preferem marcar importantes reuniões para as quartas-feiras. - faz um ar divertido, mas que traz um pouco de ferro em brasa. - Imagino que também queira saber da sexta e do sábado, não?

- Bem... Sexta, todos concordam que é um ótimo dia...

- Sim...

- Mas, sábado?

- O dia em que Deus descansa. - sua repentina seriedade é coisa inquietante, contudo aquele sorriso permanece em seus lábios.

Sempre um mesmo sorriso, que combina com tudo.

- Você quer dizer "descansou"? Como na Bíblia?

- Não se engane, meu jovem... Os deuses continuam fazendo o que sempre fizeram, sempre farão o que fazem. Eu disse e quis dizer: "O dia em que Deus descansa."

(E não se fala mais nisso.)

Caminham a esmo pelo centro da cidade.

Não há vento, não há sombra.

O suor escorre, empapando as roupas.

Vertigens descem do Sol. Como anjos que...

Caminham a esmo pelo centro da cidade.

Passam os bombeiros no sentido contrário.

Os dois os acompanham com o olhar.

Bem como todos os anjos... Que...

- Você se esquivou e não respondeu a minha pergunta.

- Manuela... Como posso ajudá-la se não consigo entender o que se passa? No pouco que entendo, nem sei se acredito.

Está sendo sincero e verdadeiro, como só ele sabe ser. Um de seus pontos altos.

Manuela ouve calada. Um olhar maduro, atento. Espera.

As mãos preparando o próximo cigarro.

Os lábios querendo fumar.

- Nos conhecemos, faz o quê? Uma semana?

- É.

- Você vem e vai. Do nada, para o nada. Nem sei quem realmente é. - pesa o que pretende dizer, por alguns segundos. - E, no entanto, nunca antes estive tão perto de alguém. - desabafa. - Não sei o que sinto... Não consigo me concentrar no trabalho, pensando em quando nos veremos. Ou se nos veremos. - olha-a, seus olhos antigos, não consegue sustentar o olhar; nunca consegue sustentar o olhar. - Acho que eu me apaix...

- Quietos, por favor! - ela interrompe e traga, fazendo as palavras virem com a densa fumaça. - Pare de choramingar. Que drama!

Ele suspira.

- É só uma questão de querer se envolver. Do modo certo. Mesmo sem entender ou acreditar, pode me ajudar, se quiser me ajudar. Se quiser se envolver.

- Eu quero.

- Então eu serei o menos obscura que consigo ser. E você entenderá.

Param de falar para atravessar a rua. Enquanto os veículos param no sinal vermelho, alguns palhaços invadem a faixa de pedestres, fazendo malabarismos ao Sol fustigante e impiedoso. Do meio da rua, Manuela avista, sentado à mesa de um bar adiante, um outro palhaço, sozinho. Um olhar astuto, embora melancólico, observa os companheiros de profissão. Avalia-os à distância.

Parece não sofrer com o calor. Veste um macacão colado ao corpo, que delineia todas as suas formas de modo quase imoral, com uma estampa quadriculada em dois distintos tons de azul, um claro e outro escuro, com gola e punhos de seda branca luminescente. Seda bufante. O cabelo castanho, curtíssimo, emplastado. O rosto e o pescoço cobertos de pó. Lábios vermelhos, andrógenos como seus olhos miúdos. E as duas mãos ao natural, uma pele intensa, como se houvesse recém retirado as luvas.

Espectro da arte circense, pensando os rumos futuros.

- Você estava olhando para dentro daquele bar?

- Estava.

- Por um instante, pensei ver alguém sentado junto daquela mesa...

Manuela sorri.

De fato, a mesa está vazia.

- Estão em toda a parte. E me perseguem. Em toda parte... - quieto, ele a observa e escuta. - Não sei ao certo, quando teve início. Mas minhas mais remotas memórias surgem

das suas sombras. Desde a infância os percebo. E me percebem. Talvez porque os perceba, talvez porque me percebem. Não sei. - ao rapaz surge uma pergunta que ele não verbaliza, mas a resposta vem. - Quem são? - tempo... - Na maioria das vezes, os mortos. Todos os mortos. Mas vários outros seres também.

Ela conclui e aguarda.

- Isso é "o menos obscura" que consegue ser, Manuela?

- Esse é você tentando ser esperto? - ferina. - Sou o que sou.

Ele não esconde a irritação, mas não revida. Impaciente, olha ao redor.

E Manuela ri de sua cara amarrada. Acha o máximo.

Gargalha curiosamente de tudo e de todos.

De modo nervoso. Totalmente incômodo. Gargalha.

De irritado, ele passa a constrangido.

Os passantes observam-no sem ação. Críticos em seus olhares de concreto.

Ele quer esmurrá-la por fazer isso, mas é tão atraente...

Na falta de uma iniciativa...

- Vamos sair daqui, por favor? - vencido, implora.

- Claro, querido. - vitoriosa.

Ela não é má, só confusa. Difusa.

E feminina, de um modo que só ela sabe ser.

(Mas não era maligna?)

Seguem à pouca sombra dos edifícios, em sentido contrário ao vento quente e seco que não refresca, concordando em ir até a praça que divisam no fim da quadra. Um oásis onde proteger-se da tempestade de areia. Um refúgio arborizado, esquecido, abandonado entre comércios e escritórios por demais atarefados para percebê-lo ali.

Seguem até a praça. Uma promessa de paz.

Enquanto ele escolhe um banco, ela se senta no gramado.

Aqui não há Sol, mas o calor persiste. Agressivo.

O calor do vento que balança as árvores, carrega o lixo.

Até a grama está aquecida. Lânguida.

Com certa dificuldade, ele desiste de procurar e senta diante dela.

- Você diz ter vivido assim por toda a vida; sendo perseguida. Por todo tipo de criaturas, com seus motivos insondáveis. Diz que por vezes é bom, por vezes é ruim. Mas sempre, de algum modo, assustador. Tem medo, mas se acostumou... - para cada palavra dita, ela demonstra aprovação, atenta. - Se sempre foi assim... Se está acostumada... Por que só agora precisa de ajuda? E por que eu?

- Porque alguma coisa se quebrou. - imediatamente. - Caiu o véu. Rompeu-se o selo. Não sei como lhe dizer isso, mas... De alguma forma, eles conseguiram a chave. E eu não mais estou segura, não mais tenho como me proteger. - ela procura algo, termina outro cigarro e acende mais um. - Vou dar um exemplo, pra ver se faz mais sentido: Não importando o que acontecesse, não importando quem fosse que viesse no meu encalço, eu sempre tive onde me esconder, pr'aonde correr, fugir e ficar segura. Nos últimos tempos, este local seguro, este forte, era o meu apartamento. Corria pra lá, fechava a porta, e tudo ficava bem. Ninguém

entrava. - traga. - Isso mudou. - suas feições se transformam com a aparição da fumaça. - Eles conseguiram entrar. Entende o que digo? Eles conseguiram. Agora não há segurança em lugar algum. E não sei o que fazer. Por isso peço ajuda.

- E...?

- Porque confio em você. Confiei em você no momento em que o vi descer do ônibus naquele dia. - a sinceridade é uma pedra preciosa no centro da testa de uma, até então, desconhecida Manuela. - Não porque me parecesse forte e invencível, não porque fosse um herói, disposto a desvendar enigmas e matar monstros para me salvar do centro do labirinto. Não querido... - ela o atravessa com um olhar; e agora ele é transparente e sólido como cristal. - Confiei em você porque você é real. Jamais tive tamanha certeza quanto à existência de alguém. Por isso confio em você. Por isso escolhi você.

Manuela se estende no chão, satisfeita consigo mesma.

Traga longamente.

Ele pensa que acaba de receber o mais estranho elogio de sua vida.

"Sou real...?"

- Você não faz idéia de como é conviver cotidianamente com tantos diferentes aspectos do universo. - ela lamenta. - Ser sempre uma das únicas pessoas capaz de coisas nas quais as demais nem sequer conseguem acreditar... Ver o que os outros não vêem. Ter certezas que não se pode ter.

Parece triste.

- Preciso dar um jeito de acabar com isso. - fecha os olhos devagar; os seus terríveis olhos, fechados. - Sinto... Sei, com uma imensa certeza que jamais tive, que se não acabar com eles, de uma vez por todas, acabarão comigo. - apaga o cigarro na grama. - meu fim.

Respira profundamente, deitada no gramado com as mãos atrás da cabeça.

Os dedos cruzados sustentando a nuca.

Os olhos perdidos tocando a escuridão.

Fala sem abri-los:

- Cristiano é um bonito nome...

- Obrigado! Foi minha mãe quem escolheu. Era o nome do personagem de uma novela da TV. - olha Manuela, um corpo estendido, flutuando sobre o capim. - Dizem que no Brasil, de trinta anos pra cá, a maior parte das pessoas ganhou seus nomes devido a personagens de novela, como eu.

- Dizem tanta coisa... - ela resmunga distante.

- É... Mas eu gosto do meu nome; Cristiano Zimmermann. - conclui. - Mesmo sendo comum, escolhido de forma comum. Gosto dele.

- Eu gosto, também. - murmura.

- Hum...?

- Do seu nome. - sorri, ainda de olhos fechados. - Gosto do seu nome.

Ele relaxa um pouco, vendo-a estendida assim.

Sente-se um guardião.

Não?

(Não?)

Como faz calor...

Um calor lascivo.

E logo ali, Manuela.

Suada e sensual.

Cálida, calada.

Manuela mais calma.

E casual.

Agora que a escuridão lhe envolve completamente, arregala bastante os olhos, como se assim pudesse escutar melhor o que se passa lá em cima. Junto às pedras frias e úmidas, a pequena Manuela toma o cuidado de fazer o mínimo de barulho possível, pois bem sabe que seu perseguidor possui a notável capacidade de somente rastejar em sua direção enquanto ela respira. Todo o seu deslocamento sempre segue o exato ritmo das taquicárdicas pancadas de seu assustado coração. Ela sabe que, só e quieta, já é demasiado ruidosa para conseguir percebê-lo chegando. Manuela mal se move de medo, meditativa mediante o medo, matreira, mórbida, mal se move.

O coração lhe pulsa forte nos ouvidos, os pulmões, um verdadeiro vendaval. Contudo, não reduz o seu empenho, não esmorece, permanece imóvel, encolhida contra a dureza do granito. Deseja a luz do Sol de agora a pouco, a relva fresca florida, habitada pelos insetos coloridos, mas isso, já não pode ter mais; é um luxo do qual não mais dispõe. Negam-lhe isso, o silêncio, as trevas e a terra.

O silêncio, as trevas e a terra.

E ele.

Onde será que ele está?

Ele.

Será que já se foi?

Não... Só está aguardando... Além das árvores, além do longe, mas logo ali. Aguardando que ela saia para poder pegá-la. Aguardando que ela saia do seu local seguro; onde ele não pode ir. A menina tem muita experiência e sabe dos seus ardis. Melhor esperar um pouco mais...

Ela não sabe exatamente quando isso começou, e mesmo hoje, depois de adulta, nas ocasiões em que ocorre, não sabe ao certo se é real (Mas o que é real, afinal?) ou coisa de sua imaginação, ou o quanto é externo e o quanto é interno. Sua fértil e febril imaginação, sua imaginação sem graça. Seu mundo sem paz, de vasta desgraça. O fato é que inesperadamente começa a sentir-se observada. Olhos lhe olham. Um mórbido desconforto passa a alastrar-se por seu corpo, começando nas omoplatas e no pescoço, subindo depois para a nuca. Enrijecendo tudo, travando tudo.

Sente então que há algo lá.

Além.

Olhando.

Que se aproxima lentamente, observando por trás. Com seus olhos cruéis, fixos nos cabelos arrepiados de sua nuca. Observa por onde começará a tortura, o que primeiro

machucar, onde mais dói... Tem o hálito salobro de uma respiração silenciosa. Bem perto e atrás. Tem as presas e garras daqueles que dilaceram. Perto e atrás.

Ela volta-se, procura, mas não encontra nada.

Nunca encontra nada.

Nada.

Esse desconforto aumenta até atingir níveis insuportáveis, acumula-se como um fardo sobre as suas costas, torna-se um verdadeiro pavor! Um asqueroso e gigantesco inseto lhe subindo pelos cabelos. Uma lâmina afiada que desliza coluna abaixo. Até que repentinamente explode! Não suporta mais! E ela tem que correr! Fugir, sair de onde quer que esteja e esconder-se para não ser apanhada por este que nem bem sabe quem é. Não há como saber. Geralmente corre para o seu lugar seguro.

Seu lugar seguro.

Para aonde vai agora.

É o que ocorre agora.

E ela espera que ele se vá.

Melhor esperar um pouco mais...

Nessas horas, nunca é demais.

Enquanto aguarda, já descansada da fuga e da arriscada descida pelos nichos entre as pedras das laterais, escuta passos trôpegos sendo arrastados pelos gramados da superfície, uma respiração pesada, densa e saturada, acompanhada de gemidos de dor e lamentos ininteligíveis, segue-se a cada nova passada.

Ela sabe:

Não é seu algoz.

Trata-se de uma pessoa.

Um ser humano.

Um homem cansado e aparentemente ferido, talvez um pouco bêbado, a julgar pela forma como as palavras lhe escapam da boca. Inadvertidamente, monotonamente, ao que parece, ele murmura em um outro idioma. Seu passejar entrecortado, embriagado, acelera uma última vez e vem se extinguir em um tombo, próximo à boca do poço seco, no fundo do qual a menina Manuela se esconde.

Essa nova e inesperada situação atrai seus sentidos para algo bem mais sólido, distanciando-lhe um pouco das emoções que antes sentia. Lentamente vai sumindo a sua antiga preocupação, na medida em que é substituída pela curiosidade com aquilo que agora se passa lá fora. De um medo antigo, velho seu conhecido, para uma nova indagação:

Quem?

Olha para o alto e vê a vaga silhueta de um homem usando chapéu de abas largas, a cabeça e os ombros pendendo rapidamente para dentro do poço. Por um instante, acredita que ele vá vomitar... Por um instante, acredita que ele venha a despencar lá de cima, mas se recompõe e se firma. Não cai mais.

Não cai mais.

Pois se firma.

Sente-se bastante segura, uma vez que conhece muito bem este local e sabe que de lá não pode ser vista. A propósito, sente-se agora, perfeitamente segura, visto que a presença real (Real?) de alguém, seja quem for, afasta seus outros temores. O outro medo se foi. Partiu seu misterioso algoz. Um dia ele volta, mas por hoje se foi.

No alto, o homem segue mastigando as palavras. Gemendo e lamentando-se durante algum tempo. Uma ladainha inquieta, maçante, mas não assustadora. Perdura durante algum tempo. Conversa com o poço, com as árvores, com o próprio chapéu. Que não respondem, mas são obrigados a escutar. Tal qual a menina lá embaixo. Todos escutam e todos aguardam, durante algum tempo.

Até que chegam mais dois...

E estes assustam.

Eles riem e também estão bêbados.

E assustam.

Mais dois homens para aumentar a festa.

(Festa?)

Aquele primeiro homem se aquieta, prendendo a respiração, neste típico silêncio de medo. Seu chapéu não é suficiente refúgio, mesmo assim, afunda-o mais na cabeça.

Lá dentro do poço, a menina atenta para a chegada de um novo espectro que em nada lhe agrada. Seus ouvidos preparados escutam a aproximação de um distante bater de asas, negras asas de couro, e o assobio de uma foice ao vento. Uma pequena massa gelada aglutina-se no interior do seu estômago. Preferia não estar ali, para não testemunhar o que pressente que está para acontecer. O que sabe que está para acontecer.

Os dois homens, recém chegados, riem e caçoam do primeiro homem, ferido. Bêbado e assustado, devido ao medo, calado.

Caçoam, como quem cutuca um animal machucado, preso em uma gaiola.

"Ladrón!"

Dizem gritando!

"Agora tu no escapanos!"

Sentenciam.

Manuela sabe o que significa.

Ouve e sente.

Não compreende bem as palavras, mas sabe o que significam, pois...

Ouve o bater de asas.

E lateja no peito o seu significado.

Ecoa no peito, o estender do couro negro ao vento.

Silva aos ouvidos, o reflexo do aço em crescente.

O coração conhece a melodia.

Sente o rasgar da lâmina.

Não precisa compreender o que dizem para saber que não é bom...

Sente e sabe.

O pobre bêbado não tem mais forças, nem sequer tenta fugir. Passa a ser uma questão de escolha, uma simples questão de escolha: Morrer agora, ou fugir de novo e morrer depois.

Uma maldita escolha, essa:

Morrer agora ou fugir para morrer depois.

Nervosamente, começa a rir e a matraquear com um tom asqueroso e submisso.

"Amigos, perdón!"

Gani de orelhas murchas e rabo entre as pernas.

"Perdón..."

Sim... Obviamente, são todos muito amigos...

E amigos compreendem, perdoam...

Tensa, a menina espera pelo pior, enquanto todos riem feito loucos.

O vento resvala naquela ave obscura; sua sombra passa.

"Entonces te encontramos, Tadeo!"

Riem alto, descontrolados.

"Tadeo, Tadeo... Que passa? Tienes medo, Tadeo?"

Riem enquanto agarram o bêbado e arrastam-no pelo chão. Riem enquanto rasgam suas roupas e jogam-nas longe. O amarrotado chapéu de abas largas que, esbofeteado, voa e cai aos pés de Manuela. Que contêm um grito. Riem alto, enquanto apanham a corda do balde do poço. E seguem rindo, enquanto amarram o bêbado desesperado, que chora de tanto rir. Ri para não chorar. O riso irrita e todos riem enquanto falam. Os dois riem, enquanto amarram. Amarram seus tornozelos juntos, seus pulsos por trás das costas e à cintura. E maniado como um novilho, o bêbado é rolado e chutado pelo chão. Chutam-lhe especialmente o rosto. Depois, é erguido e pendurado pelos pés, de ponta cabeça na trave sobre o poço, onde antes esteve o amassado balde de lata. E é quando o riso pára.

Todos param de rir.

Por breves momentos, ficam os dois observando o outro que oscila logo acima da boca do poço. Bem acima da pequena Manuela, que engole seus soluços. E abaixo daquele ser que ali está para cumprir com a sua eterna tarefa; batendo asas.

Depois...

Trocam palavras ásperas, bruscas, estúpidas!

Palavras como tapas e pontapés!

Palavras pauladas!

O homem amarrado soluça e chora, mais lúcido do que jamais esteve...

Desistiu de argumentar. Somente chora, desesperado.

Surge uma faca desvairada, que sorri silenciosa. Olha nos olhos do homem.

Cumprimentam-se.

E se esparrama o recorrente silêncio.

E quando o silêncio vem, Manuela fecha os olhos.

O anjo negro estende as asas.

Um rápido silvo rasga o ar pálido e faz correr o sangue morno sobre a cabeça da menina. Um engasgo, um espasmo, e os dois homens se vão, deixando o outro para trás. Para ele também seguir o seu novo caminho.

Mas, Manuela fica.

A pequena Manuela.

Banhada no sangue deste que se foi.

No bater de asas, se foi.

Carregado, se foi.

- O que foi?

- Nada importante. - abre os olhos, devagar. - Só uma lembrança da minha infância no interior. - senta e massageia longamente a nuca e o pescoço. - Dor de cabeça.

- Certo...

Uma péssima seleção de cores parece tentar amenizar as linhas pesadas da monolítica arquitetura de um grande edifício a Oeste da praça. Dotado de um heliporto e com boa parte de sua área útil destinada a estacionamento, mais parece um rinoceronte vestido de palhaço do que uma obra que mereça maior comentário.

Deste infeliz conjunto de formas e cores, aproxima-se um ágil helicóptero de quatro lugares, branco e vermelho, passando bem acima das árvores da praça e desaparecendo por alguns instantes lá no topo, alguém desce, alguém sobe, depois se retira para o Leste, tão depressa quanto surgiu.

Os dois observam por entre os galhos.

Depois acompanham o som que se vai, até que só reste o trânsito.

O trânsito que faz tremer a grama.

Cristiano está pensativo, visivelmente preparando-se para começar a falar.

Manuela, pacientemente, aguarda com um leve sorriso nos lábios.

Trânsito que treme galhos.

- Ocorreu-me uma idéia. - finalmente! - Espero que você não me entenda mal. É algo que não resolve o seu problema, seja ele qual for, mas pode ajudar um pouco. Amenizar momentaneamente as coisas.

- Diga.

- Você diz ter perdido o seu "local seguro", que não se sente bem, não se sente segura em lugar algum. E, pelo pouco que sei, vive sozinha.

- Sim...

- Talvez ficar sozinha, neste momento difícil, não seja boa coisa.

- Sim...

- Talvez passar um tempo acompanhada, alguns dias, lhe faça bem. - ele fraqueja; pensa demais, age de menos. - Não sei, é só uma idéia...

- Fale de uma vez, criança! - ordena.

- Quer ir para a minha casa? - desembucha. - Passar o fim de semana comigo?

Durante alguns instantes, o jovem não consegue imaginar que conseguiu falar, não consegue imaginar o resultado de sua decisão; Manuela é toda um enigma. Ela aceitará? Ofendeu-se? Ele não sabe. Espera.

Então, sorrindo ela o liberta da angústia:

- Mas é claro que quero! Será ótimo!

Ufa!

- Então vamos. - animado. - Lá em casa, garanto que não está tão quente. Ficaremos melhor. Bem melhor.

Para alguns, pode ser difícil de acreditar, mas realmente não há malícia no convite; talvez uma vaga espécie de esperança, quase infantil, mas não malícia...

Deste modo, preparam-se para um novo passeio. Diferente do que fizeram até agora, este com um objetivo; a casa de Cristiano.

- Onde fica?

- Hum?

- Sua casa, onde fica?

- Algumas quadras daqui... - pensa... - Quer pegar um ônibus?

- Não. Gosto de caminhar.

- Certo.

Lentamente, abandonam a praça. Deixando para trás os ciprestes, cansados, empoeirados, sem perfume. Triste sina de quem nasce e cresce no centro. Em bronze, um busto de Borges de Medeiros. Alguém de quem se despedir. Do outro lado da rua, expostas ao implacável Sol da tarde, as infinitas faces da arte e uma carranca sem proa, saúdam.

Os dois estão indo para a casa dele.

Quem sabe seja o Sol, que mesmo prestes a se pôr não dá trégua nem misericórdia, ou talvez a simples ordem de todas as coisas aqui expostas, a intensidade dos sons, os cheiros, a pura disposição dos variados objetos, da lata de cerveja às altas fachadas, não dá para saber exatamente o quê, mas algo lhes rouba instantaneamente o ânimo. O entusiasmo de instantes antes, simplesmente sumiu. Seguem, contudo. Incomodados.

Estão indo.

Tomam a rua dos fundos dos mundos.

Em desconforto, andam em silêncio.

O Sol nas costas, os olhos no chão, na sombra.

Em vão, se vão.

Suas sombras parecem reclamar do calor da calçada.

Chiam em contato com a pedra quente.

Na calçada da rua dos fundos.

Indo.

Eventualmente algumas árvores. E um sobrenome entre os galhos: "ADAMS S.A."

À esquina, à esquerda: "ILLUSIONS 11/11 Sexta-feira" e um sorriso em preto e branco, auto-contraste. Muros, paredes, torpes memórias da metrópole. Pichações, velhos cartazes rasgados, grafites desbotados.

Que cidade é essa que escorre sob seus pés como a areia da ampulheta?

Repleta de altos e baixos e luzes e sombras e escadarias para descer e subir e becos escuros para entrar e sumir. Que cidade é essa?

Aqui uma "Torre de Prata", ali uma frase perdida: "O maior legado que podemos deixar às gerações futuras é o bom exemplo."

Exemplo.

(Que exemplo?)

Tire suas próprias conclusões. Que cidade é essa?

Cidade de festas beneficentes, de jovens baleados, de carros importados, de mendigos cidadãos, de um passado sempre bem visto e um futuro quase incerto.

Onde se alternam fachadas lusas e germânicas. Que cidade é essa?

Mais uma terra à vista no Novo Mundo, saturada de esperanças de um outro mundo, que seja melhor. Um novo mundo melhor.

Cidades...

Que diferença faz...?

Afinal, não são todas iguais?

Cerca de quarenta e cinco minutos depois.

Quarenta e cinco minutos de uma leve caminhada.

Uma leve e quente caminhada.

- É aqui. O 312 da Borges do Canto. Onde moro.

- Interessante... - olhando a casa da frente. - A casa em frente tem nome além do número habitual.

- Ora! A minha casa também tem, embora eu não o escreva no muro.

- Tem é? - quase com desdém. - Qual?

- "Não Há Losna."

Ao ouvir o nome pronunciado pelo outro, pela primeira vez a mulher volta-se para a casa, mas não vê a casa. Cadê a casa? Sua imediata impressão é de que ali só há um terreno baldio tomado por abundante vegetação. Uma explosão verde! Epífitas de toda espécie agarram-se nas grossas galhadas que se retorcem e se aproximam para formar o tronco monumental de uma árvore indeterminada. Tudo em um raio de mais de dez metros esconde-se sob sua sombra. O alto gramado abandonado, uma variedade de flores que lutam contra o sufocamento, diversos outros arbustos e pequenas árvores que se contorcem desesperados buscando por um raio de Sol, e até mesmo a pequena casa de dois pisos que há alguns instantes nem parecia existir. Outra óbvia fachada alemã. Muito antiga.

- Nossa! Agora sei porque disse que aqui não estaria tão quente! O que você fez aqui? Hospedou o Monstro do Pântano?

- Quem?

- O Mons... Ah! Esquece... - leva as mãos à cintura, respira fundo o verde do ar. - Meus parabéns! É um lugar e tanto.

- Obrigado. - um pouco cansado. - Mas não sou o responsável... Quando nasci, já era exatamente como agora, de lá pra cá não mudou nada. E minha mãe, sempre diz que não era muito diferente na sua infância.

- Você e sua mãe sempre viveram aqui? - incrédula.

- E o pai dela. - orgulhoso. - É da família há mais de um século.

- Que diferença! O edifício onde moro nem tem dez anos, e eu ali estou a no máximo um... Nem um ano... - olha ao redor, tentando entender o que vê, mas não consegue. - Não imagino como se possa viver toda a vida em um só lugar. O mundo é tão grande e tão cheio de coisas para se ver e viver. Sei lá. Ficar plantado é pras plantas.

Nada delimita o terreno. Nem muros, nem cercas, nem nada. Para os lados, os vizinhos mais próximos estão além de uns cinquenta metros, no mínimo. Na frente não há calçada, o

fundo é impossível de ver. E o que intensifica o estranhamento é o terreno ter um acentuado caimento para sua parte de trás, de modo que a casa foi construída com dois pisos na frente e três nos fundos, algo que, de imediato, não se avista. E quando se avista, por desconhecido motivo, não se compreende.

O local todo parece ter saído de uma antiga fábula dos Grimm. Talvez os irmãos Jacob e Wilhelm tenham sonhado com este lugar enquanto escreviam seus contos, ou o seu construtor, inspirado naqueles textos, tenha se deixado sonhar ao erguer estas paredes. As fabulosas paredes de uma casa antiga.

Uma beleza incomparável que convida a entrar.

- Vamos entrar?

Manuela, assentindo, vai para a área dianteira.

- Não. Por aí não. - ele adverte. - Esta porta está trancada faz anos. - e se diverte com as impressões da outra. - Eu nem tenho a chave.

É a porta da frente.

- Entraremos pela lateral. - divertido.

- Você que sabe. - responde abandonando o lugar.

Está séria agora.

Notou algo.

Antecipou.

Pela esquerda, uma trilha segue descendo para os fundos. Vêem-se pequenas janelas redondas à altura dos joelhos, pelo meio da grama crescida. Um porão talvez. Surge uma varanda lateral. Três degraus depois, sobem para ela e vão até a porta. Com uma monstruosa chave, Cristiano faz girar ferrolhos de uma inacreditável antiguidade, que destrancam a porta, gigantesca. Construída para homens bem maiores, se não de corpos, de egos. Uma porta pesada, que se abre, mas não range.

Ele entra.

A escuridão o envolve.

Algo com o qual já se está acostumando.

Os olhos, porém, desacostumados, não têm a menor chance.

Ele chuta uma coisa macia, que rola pesadamente através do assoalho de tábuas largas. Rola, rola, rola e pára, com uma leve pancada.

- Opa! - vai Tateando a parede, por dentro. - Devo ter esquecido alguma coisa por aqui. - acha o interruptor. - Pronto!

Luz.

- Pode entrar.

Ela entra.

Estão em uma sala de jantar. Móveis simples, mas resistente, toda em madeira pesada e escura, colonial. Um ambiente aconchegante e miraculosamente frio. Uma redenção e uma delícia. É possível respirar melhor. Os aromas madeirados massageando os pulmões.

Ele puxa uma cadeira.

- Sente-se. - diz. - Fique à vontade. Vou encostar a porta para que não entre o ar quente... Largar minhas coisas... Já volto.

Sai.

Deixando a mulher ali.

Mas Manuela não está sozinha no cômodo.

De pé ao lado da cadeira de espaldar alto, diante da mesa para oito pessoas, a mulher procura pelo que foi chutado pelo outro. Procura mesmo que no fundo não faça questão de encontrar. Não vê nada imediatamente. De onde está pode abranger com o olhar praticamente todo o local. Mas nada vê. Nada além dos rodapés bastante gastos que informam sobre a idade da casa, os pés torneados de uma antiquada cristaleira, e as tábuas do chão, caprichosamente enceradas. Mas nada a mais, nada que aqui não devesse estar.

Nada que pudesse rolar.

Seus olhos só não abarcam sob a mesa a sua frente e sob a cristaleira adiante.

Estará lá?

Um punhal gelado lhe toca a espinha.

Ou aqui?

O coração acelera.

O quê?

A respiração descontrola.

O quê?

Em um monumental esforço para não desmaiar, apóia-se na cadeira e lentamente começa a inclinar o corpo para olhar debaixo da mesa. Não há meio seguro de calcular quanto tempo leva para executar esse movimento tão natural e tão impossível. Mal consegue controlar os repentinos e violentos tremores que invadem seus ossos. Muito menos busca raciocinar sobre sua ridícula e inexplicável reação a seja lá o quê que lhe está incomodando. Somente treme. Treme e ofega enquanto se abaixa.

Vai baixando, baixando e (Não resiste!) fechando os olhos...

Agacha-se completamente, agarrada à cadeira e de olhos bem fechados.

Senta-se ao chão, solta a cadeira, abraçada aos joelhos. Tremendo.

Com o queixo encaixado entre os seios, escuta.

A despeito da respiração forte e da percussão cardíaca, escuta.

Escuta.

Alguma coisa rola, rola, rola e pára.

Estava debaixo da cristaleira, agora veio para cá.

Rola, rola, rola e pára.

Diante de seus pés.

É quente.

O Sol brilha lá fora, aqui dentro a luz está acesa.

Mas não faz a menor diferença.

Pouco importa.

Manuela treme.

Sem coragem para abrir os olhos.

E de olhos fechados, algo a seus pés, sorridente.

Treme descontroladamente.

Enquanto isso, no andar de cima, os pensamentos do rapaz são invadidos por um verdadeiro tumulto entre idéias, planos e ponderações. Por vezes ele se penitencia irritado por permitir que isso aconteça. Gostaria de conseguir relaxar, cessar o turbilhão dentro de sua mente. Pensa demais, para qualquer coisa, por mais insignificante que seja, pensa e repensa (Se é que "repensar" é possível!) demasiadamente, iludido pelo vago conceito de precaução. Planejar, ponderar, precaver; não é preciso errar para aprender. O sábio aprende com o erro alheio. Somente ele acredita nisso...

Toda essa bobagem lhe transborda pelos ouvidos, escorre pelo nariz.

Se Manuela estivesse aqui, lhe alcançaria um lenço.

Mas isso já aconteceu.

Tem o lenço.

Só não sabe.

Pobre Cristiano com medo da vida, que futuro tem?

Transbordará para sempre essa infecção intelectual?

Há alguns dias quando conheceu Manuela, desejou mais que tudo no mundo (Sim. Sempre foi dado a exageros.) que tivessem algum tempo juntos, só para eles. Afinal, têm tanto a conversar. Pois o momento chegou e com ele o medo de não desfrutá-lo da melhor maneira. Não saber o que dizer. A mulher está lá embaixo, na sua sala de jantar, para passar a noite, no mínimo. Terão todo o tempo de que precisam. E toda a privacidade.

Pronto. Seu desejo realizado.

E agora?

Sua mãe, a única pessoa com quem divide a casa, está viajando para visitar suas irmãs, ficará ainda algumas semanas fora. Amanhã, já decidiu, não irá trabalhar. Telefonará logo cedo, avisando que não está bem. Nem precisa de um atestado médico, pois no escritório todos confiam nele. Uma só palavra resume sua pessoa: Confiável.

Não foi o que ela disse?

"Confiei em você no momento em que o vi descer do ônibus naquele dia."

Confiável.

Previsível.

Real...?

Insuportável.

Ele se acha insuportável, mas não consegue mudar.

Mudar iria requerer um esforço muito grande.

E no fundo acredita que o tempo de mudar já passou.

Ou que a mudança não faria diferença.

(Faz sentido!?)

Agora será sempre assim: "Um amor de pessoa!" Palavras de sua mãe.

E sua mãe o conhece melhor do que ele mesmo.

Fato que ele se nega a admitir.

"Um amor de pessoa! É o meu filho..."

Está fazendo de novo! Pensando! Pensando-se! E o que é pior:

Pensando-se com as palavras dos outros. Jamais com as suas. E aqui encontra outro fato que se nega a admitir. Na sua escala de valores, que merda mesmo, a opinião dos outros vale, no mínimo, três vezes a sua. Diz que não, mas sabe que sim.

E toda essa bobagem lhe transborda pelos ouvidos, escorre pelo nariz.

Se Manuela estivesse aqui, lhe alcançaria um lenço.

Mas isso já aconteceu.

Tem o lenço.

Embora não se tenha dado conta...

Tem o lenço.

O menino Cristiano com medo da vida, que futuro tem?

Transbordará para sempre essa infecção intelectual?

Bem...

Ele encontrou Manuela.

Manuela e seu lenço chamado desgraça.

O rapaz ainda não notou, mas todo esse panorama que acaba de traçar sobre si próprio, está mudando gradualmente nos últimos dias. São minúsculas modificações em seu comportamento, sutis percepções para as quais ainda não atentou. Coisas como deliberadamente faltar o serviço, e para tanto, mentir; inadmissível no recente passado. Trair a confiança daqueles que o rodeiam. Mentir.

Ela lhe está fazendo isso.

Fazendo mentir.

Manuela.

Que a propósito está esperando lá embaixo.

Não pode deixá-la esperando para sempre.

Com renovado entusiasmo, decide-se por um banho.

Mesmo breve, um bom banho.

Deixa suas coisas sobre a cama.

Abre a porta do guarda-roupa.

Ocorre-lhe uma inquietante sensação de recomeço. C'est du déjà vu.

Mas isso já aconteceu.

Na prateleira, diante de seus olhos, está um livro aberto. Não é seu, embora (Onde?) já o tenha visto antes, está ciente (Quando?) de que já o leu.

Toma o pequeno volume nas mãos, com uma secreta sensação familiar, o papel, de uma maciez amarelada, curva-se sobre seus dedos, farfalhando adocicadamente.

Lê:

"Foi então que necessitei que esfolassem completamente a pele das solas dos meus pés, para que os cascalhos da estrada longa fossem mais absolutamente compreendidos pela carne viva e permanentemente exposta à agressão atroz, para que o meu sangue fluísse em volume e velocidade suficientes, deixando o meu rastro orgulhoso para ser seguido por aqueles que tivessem interesse e coragem de me encontrar. Tive toda a pele restante do meu corpo recoberta por tatuagens místicas, escalavradas por meio de uma haste de ferro em brasa, assumindo as formas simbólicas mais sinistras e inconcebíveis, cujos significados

estavam vinculados diretamente ao momento exato de executá-las e cujo objetivo óbvio é o de resguardarem a totalidade da minha pessoa das investidas inimigas. Eu mesma, com estes dedos que não mais posso ver, arranquei os meus olhos das suas órbitas, para que os meus demais sentidos pudessem então fazer sentido e para que as feras furiosas com as suas faces feias não me pudessem aterrorizar nunca mais, tornando-me desta maneira em uma cega plenamente capaz de enxergar muito além da simples visão da luz refletida. Transformei-me então na primeira dentre o meu povo completamente preparada para percorrer aquela que chamam de Estrada para Tir, buscando tudo aquilo que há tanto tempo nos faz falta e que tanta falta nos faz, e neste estado sagrado de corpo e alma, depois das muitas horas de torturas honrosas e horrorosas, ainda sobrevivi durante muitas horas, nas quais fui adorada como a uma deusa para somente depois, misericordiosamente, partir na companhia da Morte."

E no final do parágrafo, consegue escapar.

Faz tanto tempo... Já leu isso.

Sem fechar o volume, uma rápida olhada na frente.

Não há capa, mas o frontispício informa:

"Tir."

Batidas leves, quase inaudíveis, o encontram absorto.

Convidam-no a sair, voltar para o...

Alguém bate à porta.

É isso!

- Já vou... - diz, mais para si mesmo do que para o suposto visitante. - Já estou indo... - desta vez com maior volume na voz.

Do quarto ao corredor, às escadas, outro corredor, cozinha e, finalmente, a sala de jantar. Cadê Manuela? Atende a porta.

- Sim?

- Chegou mais tarde hoje, Cris.

- Ah! É você, Lídia... - puto e entediado.

- Claro! Quem mais? Posso entrar? - vai empurrando a porta.

- Não! - controla-se. - Hoje não. Estou de saída. - segurando a porta.

- Ora, ora... - cínica e intrometida. - Temos compromisso?

Lídia é apenas uma menina de treze anos, ruiva, magra, ágil e sobretudo insuportável, que foi incumbida pela mãe de Cristiano da deliciosa tarefa de espioná-lo. Com o rigor e a impiedade de um sádico despertador, cumpre sua missão sem a mínima preocupação em disfarçar o prazer que esta lhe proporciona. O pobre rapaz, que já tem mais que o dobro da sua idade, tentou de tudo, do suborno às ameaças de agressão física, mas não teve efeito. Lídia é um ser implacável e um horror real, com o qual ele acabou se acostumando.

- O que vai ser? Um cineminha solitário ou aquele seu amigo idiota?

Quando foi que lhe deu tamanha intimidade? Por que, afinal, permitiu que fosse tão longe? Está desconsolado... Não devia contar-lhe nada, mas a solidão freqüentemente o incomoda e a adolescente é tudo que tem ao alcance. Equilibra o aborrecimento com sua boa educação e fala francamente:

- Não devia falar assim, guria. Sabe que me chateia. Na verdade, vou... - tenciona mencionar Manuela, mas... Não. Sai e fecha a porta atrás de si.

- Vai?

Misteriosamente, Lídia ainda não sabe de Manuela. (Ainda não sabe.) Faz vários dias que se têm encontrado e ainda não falou nada para a garota. Isso lhe ocorre como um aviso, um inesperado alerta que ele não consegue interpretar, mas... (Manuela é sempre "mas...") Resolve deixar as coisas como estão.

"Manuela é só minha!"

Sussurra em seu próprio ouvido.

Em muito tempo, uma de suas poucas decisões verdadeiras.

Decide não falar de Manuela.

"Manuela é só minha!"

Repete para si mesmo.

Em muito tempo, uma de suas únicas decisões verdadeiras.

Resolve não falar de Manuela.

"Manuela é só minha!"

Ecoa para si mesmo.

- Vou ficar em casa e dormir cedo. - pensa adiante, pensa no trabalho que faltará amanhã. - Tenho dor de cabeça. Acho que estou gripado. - é perfeito! - Quero tomar um comprimido, um chá e descansar. - pensa bem e conclui. - Tudo bem pra você?

De algum modo ela se compadece:

- Ora, é claro, Cris! - visivelmente preocupada. - Quer ajuda?

- Não precisa. Obrigado.

"Funcionou!!"

- Então, já vou indo.

- Certo.

- Tchau.

- Tchau.

Enquanto a vizinha se vai pelo meio das folhagens, ele, satisfeito, considera o seu desempenho. Conseguiu pensar em tudo, e agir na hora exata. Conseguiu aquele pouquinho de privacidade que tanto almeja, mas nunca tem. Funcionou porque pensou rápido e não vacilou. Funcionou.

Então entra e chaveia a porta.

Mas não pensa que mentiu.

Isso nem lhe ocorre.

Mentiu por Manuela.

Cadê Manuela?

Procura.

Acha.

- Mas o que você está fazendo aí embaixo?

Manuela debaixo da mesa, de costas para ele, sussurrando baixinho:

- Por... Favor... Me... Ajude... - soluça.

O que há com ela?

Está tremendo toda!

Ele se ajoelha, pretendendo abraçá-la para tirá-la dali, mas antes, ela se volta. Os olhos revirados, mostrando somente o opaco globo ocular arranhado de pequenos vasos sanguíneos. Chorando. O queixo bate ruidosamente, dolorosamente. Ela segue sussurrando pedidos de ajuda, mas sua voz, em um fenômeno irreal, absurdo, não parece partir da boca, mas sim de algum lugar mais profundo dentro de seu peito.

- Por... Favor... Me... Ajude...

De quatro, engatinhando em sua direção. Nem parece ela!

Nem parece ela!

- Ajude... - o som como um vapor sulfuroso.

O jovem cai sentado e, de costas, sentado, arrasta-se para trás.

Lustrando o chão.

- Faça... Alguma... Coisa...

- S-se é uma brincadeira, não tem a menor graça!

- Ajude... - o som como um sibilo reptílico.

Ela segue vindo para ele, obrigando-o a fugir.

Ele recua até dar com as costas na parede.

Encolhe-se todo. O que há com ela?

- Faça... Alguma...

De trás da mulher, alguma coisa rola para fora da sala de jantar. Rola por uma das portas que vem do interior da casa e segue rolando pelo corredor. Tão rápido e repentino que o rapaz não vê o que foi. Alguma coisa arredondada, do tamanho de uma bola de futebol, escura e... Peluda...?

Manuela está voltando a si. Sentada, a um metro do outro, enxuga as lágrimas do rosto. Respira fundo e olha para ele.

- Perdão. - sua voz voltou ao normal. - Não quis assustá-lo. - envergonhada, leva as mãos no rosto. - Perdão. - chora.

Ele está sem palavras. Observa-a apreensivo.

É mesmo ela?

Uma muda interrogação no olhar. O que aconteceu?

Manuela?

- Está tudo bem agora... Perdoe-me, sim?

- Claro! Mas... - começa a recompor-se. - O que foi isso, Manuela?

- É melhor eu não ficar sozinha. - o tom das palavras é o mesmo das súplicas. - Por favor, não me deixe só.

Levantam-se, os dois, mas cada um por si.

- Tudo bem, eu estou aqui, mas não faça mais isso.

- Então não me deixe.

Ele faz que sim, transtornado. Foi uma brincadeira? O que foi isso? E aquilo?

Passa por ela olhando pelo chão, procurando.

Procurando pelo chão, vai até a porta por onde aquilo saiu.

- Venha comigo, então. - convida. - Preciso tomar banho.

"O que foi aquilo?" Pensa.

Durante os breves minutos nos quais Cristiano toma seu merecido banho, Manuela fica sentada no chão, escorada à porta do banheiro, pelo lado de fora, cantarolando uma melodia cíclica. O som da água os impede de conversar, mas de certo modo, até um pouco doentio, mantém um vínculo através da canção dela à porta e dos ruídos dele ao banho. Ela está com medo, então ele se apressa.

Depois, trocam de lugar.

O rapaz consegue-lhe emprestadas umas roupas de sua mãe, mais confortáveis. Servem bem, deixando-a inquietantemente "sexy". Uma atraente mulher, nas roupas de sua velha mãe. Inquietantemente "sexy".

E tudo parece mais tranquilo agora.

Na cozinha, juntos, preparam uma refeição.

Então, após um longo período de silêncio...

- O que lhe aconteceu exatamente?

- Querido, vou lhe ensinar uma coisa.

- Sou todo ouvidos, pode falar.

- Quando passamos por qualquer tipo de experiência fora do comum, seja lá o que for, imediatamente depois de resolvida a situação, não convêm falar dela.

- Isso é bobagem! Superstição.

- Não. Escute: Isso nada tem a ver com superstição, ou crendice popular. Muito pelo contrário, é até certo ponto filosófico e científico.

- Sei... Como assim?

Ele reconhece o assunto; o misterioso assunto.

- Tudo o que nos acontece, tudo pelo qual passamos, só ocorre porque acreditamos. Depende de nossas crenças, porque somos nós que construímos o mundo no qual vivemos. Ele só é o que é porque nós o fizemos assim, e contamos pros outros que ele é assim, e acreditamos quando nos contam que ele é assim. Tudo uma questão de crença compartilhada.

- Tudo bem. Já ouvi essa teoria em algum lugar, mas...

- Não seja ingênuo! - irritada. - Não é uma teoria. É o mais próximo da realidade que podemos chegar! É o que somos e o que tudo é. O grande problema com as pessoas é justamente essa postura imbecil de procurar verdades complicadas onde elas não existem! Tomar por teoria, algo imediato e real. O mundo é o que é, nós somos o que somos, por simples crença nisso. Não é uma teoria. É a pura e inaceitável realidade.

- Está bem. Não se irrite. Mas e sobre falar das coisas...?

Ela respira.

- Sim. É que ao tratarmos de algo superado, nesse mundo que nós mesmos construímos, estamos reconstruindo, revivendo. E acontece que o que havia sido superado, pode ganhar forças e ressurgir. Nós o trazemos de volta. Uma situação resolvida, boa ou má, deve descansar no passado, onde é o seu lugar. Devemos dar um tempo para que ela se

distancie de nós o suficiente, para que ao tratarmos dela, não consiga obter força para reaparecer. Sei que parece confuso...

- Não, não é confuso. Só não compreendo como você consegue viver com tudo isso sempre em mente. Não percebe que talvez essa seja a raiz dos seus problemas?

- Agora vai me analisar, é?

- Não estou analisando. Fiz uma pergunta, você respondeu. Esta é a minha réplica. Sabe o que penso? De verdade...?

- Diga...

- Que evitar falar sobre nossas dificuldades, isso sim lhes dá força. Porque desse modo damos mais motivos aos nossos medos. Se algo foi superado e resolvido, foi superado e resolvido, e pronto. Não há como voltar. Se voltar, é porque não havia sido realmente superado. Falar ou não, não muda nada.

- É um impasse?

- É um impasse.

- Diga o que aconteceu. - sorrindo.

- Não vou falar disso agora! - divertida e brava.

- Medrosa...

- O Medo é um aliado. - num outro tom. - Está sempre comigo. - mastiga uma fruta qualquer, junto com as suas próximas palavras. - Mas, pra que você não pense que sou uma completa intransigente, digamos que tive um ataque, ou sofri um ataque. A diferença é bastante sutil. Entenda como quiser.

- Na minha casa? - agora ele até parece ofendido.

- Não é a casa, criança! Sou eu. Não entendeu ainda? - E acrescenta. - Não há nada de especial em sua casa, se você está preocupado em saber, além do fato de ela ser bastante antiga. Nada de especial, nem pra bem, nem pra mal.

- Fico feliz. - Indiferente.

- Aqui, o que me concede segurança é você.

Agora ele se lisonjeou. Sorri sem graça.

- Obrigado. - morde um pedaço de pão.

- É por você que vim... - seu sorriso inclinado é um verdadeiro enigma.

- Estou às ordens, senhora. - divertido e encabulado, presta continência.

Comem calmamente.

Como é quieto aqui.

Um tranqüilo universo particular.

Uma cabana perdida na floresta.

Na rua o Sol nem começou a baixar, e já passam das dezoito horas. Coisas de horário de verão no Rio Grande do Sul. Aqui dentro, no entanto, com a casa completamente fechada, fria, sombria, e as luzes acesas, tem-se uma impressão de deslocamento. Como se estivessem fora do mundo. Como se eles dois e isso que imediatamente os rodeia, as roupas, os móveis, as paredes, fosse tudo o que há.

Uma bolha de alta madrugada fria, em pleno fim de tarde mormacento.

- Não quero atrapalhar, Cristiano. Sua vida, seu trabalho...

- Minha vida está melhor com você nela. - surpreende-se com a facilidade com que diz isso. - Quanto ao trabalho, não irei amanhã. Podem ficar sem minha presença. Não se preocupe com isso. Temos todo o fim de semana.

- A sexta-feira treze... O sábado quatorze... O domingo quinze... E já é o meio do mês. - divaga sozinha. - Todo o fim de semana.

Por que ela disse isso?

- E o seu trabalho? - ele pergunta, casual.

- Ora! Pensei que soubesse que não trabalho. Ao menos não como você entende. Mas, mantenho-me bem com o que faço.

Realmente, ele recorda que já falaram disso, de forma breve, em algum momento, nas suas conversas passadas. Ao que parece, Manuela é filha única de uma família de muitas posses, contudo, por motivos fáceis de supor, eles não a querem por perto. Assim, pagam-lhe uma generosa mesada para que a sombria ovelhinha mantenha-se distante.

Para o rapaz, uma situação quase impossível de acreditar. Em seu mundo não há isso. Pelo menos, não havia até agora. Ele que sempre se acreditou isolado e solitário, mas que diante de uma diferente forma de viver, como a desta mulher, é levado a admitir o quão dependente é de sua família, sobretudo de sua mãe.

Mas a coisa não para por aí. Para não ficar completamente ociosa, uma vez que dispõe, sem esforço, de tudo o que precisa para sobreviver, a mulher resolveu envolver-se com arte. Uma área que muito lhe agrada. Trabalha como que empresariando artistas plásticos, no estado e fora, no país e fora.

- Sim, mas se quiserem falar com você?

- Tenho secretária eletrônica pra isso, ora! Falam com ela, depois ela me conta tudo.

Secretária eletrônica. Em seu mundo, também não há isso. Agora há. Ele pensa em quantas são as diferenças entre esses dois mundos, tão distintos, e em como o seu modo de ser e viver, em comparação ao de Manuela, é limitado e sem graça.

Seria possível mudar?

A pergunta fica...

Sem resposta.

Mudar...

É angustiante o modo como variam os ânimos sempre que estão juntos; concomitante. Primeiro estão satisfeitos sorrindo, tranquilos naquela boa calma, e até certo ponto, flertando. São adultos, afinal. Mas, em seguida, como se quebrasse um copo, a bonança tem outra face, ainda é boa, mas não é tudo o que há. Torna-se o prelúdio dos maus tempos. Fecham-se os cenhos, baixam-se as vozes.

Um olhar sobre o ombro, depois olhos nos olhos.

Brevemente, olhos nos olhos. Impossível retê-los assim.

Cristiano desvia o olhar, devagar, devagar.

A madrugada é profunda, não importa o Sol lá fora.

Parte de Manuela, mas em pouco tempo também o envolve.

Uma espécie de mancha negra, uma sombra.

Vem com Manuela, agora se espalha pela cozinha.

Como uma névoa densa que se acumula junto ao chão.

A despeito do estranhamento, ele volta a olhar para ela.

Isolada e linda em meio ao piche pegajoso.

E ela fixa seus olhos, prende-o, é uma estátua de sal, fala:

- Está sentindo...? Estão aqui com a gente.

Ele se arrepia todo. Tem medo dela. Medo.

"Pare, Manuela! Por favor, não faça isso comigo. Pare, por favor!"

- Foram se aproximando enquanto estávamos distraídos. Agora não tem mais jeito. Estão todos aqui. - tempo... - Me querem e sempre sabem onde estou. Podem me ver a quilômetros, a anos de distância. - tempo... - Estão todos aqui. E duvidam que você possa me ajudar de qualquer forma. Estão irritados comigo por tentar fugir e com você, pela audácia de tentar ajudar-me.

Reúne forças e pergunta:

- Mas o que eles querem, afinal?

- Eu nunca consigo saber. São muitos e diferentes. Nunca consigo ter certeza. - olha pela cozinha. - Logo ali, tem uma menina decapitada. Segura a própria cabeça, pela franja loira, com o braço estendido para frente, como se fosse uma antiga lanterna a óleo. Volta a cabeça para aquilo que quer ver, como a iluminar o local. - olha para cima. - No teto, junto da lâmpada, tem um bebê, engatinhando em círculos. Está mastigando alguma coisa que se mexe em sua boca. Acho que a mãe dele está atrás de você. Ela tem nas mãos uma lata preta de inseticida.

Cristiano se volta, em um salto! Já está de pé! Mas, não há nada em lugar algum. Só os dois na iluminada cozinha de sua casa. O estranho é que justamente o vazio lhe assusta mais. Se estão realmente ali, não é capaz de vê-los. Não pode fazer nada. Gostaria de poder, gostaria de ver. Sentir-se-ia melhor.

O que mais lhe assusta é não ver.

Ela continua, como que em transe:

- Sente aí! Você não pode fazer nada ainda. Primeiro tem que acreditar, se envolver, para depois poder agir. Interagir.

O rapaz volta para a cadeira, senta, depois encosta a testa na madeira fria da pequena mesa da cozinha. O toque é algo sólido e real. Ajuda-o a perceber o quanto ele não é. Ocorre-lhe uma inesperada idéia, totalmente nova e inusitada. Será que só são reais as coisas inanimadas? Será que toda a vida não passa de ilusão? Em seu âmago, sem que se dê conta, inveja profundamente as grandes pedras de granito com as quais sabe que a casa foi construída. Queria ter certeza de que é real. De que existe.

"Será que eu existo?"

A pergunta é tão triste...

"Manuela diz que sim. Existo. Sou real. Mas..."

Mas ela segue descrevendo sombras:

- Quer realmente se envolver?

Cristiano meneia a cabeça em um sim incerto, duvida de tudo, não sabe o que quer; até aqui foi gradual, mas agora é definitivo, isso sabe. No ar é capaz de perceber um tipo de pó brilhante. Ou está imaginando isso?

- Quer se envolver?

- Quero.

A luz da lâmpada dá uma piscada, depois fica muito intensa antes de voltar ao normal.

- Feche os olhos... - sussurra, Manuela. - Não vai precisar deles.

O rapaz obedece. Põe as mãos sobre a mesa. Ajeita-se na cadeira.

- Mantenha-os fechados e esqueça que eles existem. Seus olhos são seus inimigos. São os principais responsáveis pelo seu mundo ser tão limitado. - ele não nota, mas a mulher levanta e anda ao seu redor, lenta e suavemente. - Agora relaxe e preste atenção a sua pele. Toda a sua pele. Veja como é recoberta de minúsculos pelos e eles tocam em tudo. No ar, nas roupas, nos móveis. - tempo... - Sua pele é o que o contém aí dentro, é o que encerra você, e é a sua primeira defesa contra todo o resto. Concentre-se em sua pele. Toda a sua pele. Principalmente as solas dos pés. - a voz de Manuela vem de todos os lados e de nenhum. - É inestimável que se sinta, da melhor forma possível, o chão por onde se pisa. Conhecer a estrada que se está trilhando. Saber de onde vem, para aonde vai, quais os vales que cruza, quais os picos que sobe, quem por ela costuma passar. É nas solas dos seus pés que se concentra o mais importante de seus conhecimentos. Quem você realmente é.

Quem você realmente é?

O que você realmente faz?

O que gostaria de ser e fazer?

Antes de morrer, o que gostaria?

Qual seu desejo, antes de vir a Morte?

Sem abrir os olhos, ele começa a ver a cozinha. Bem devagar, como se suas pálpebras fossem ficando transparentes, ele observa a mesa com suas mãos sobre ela. Suas mãos estão diferentes, mas não compreende exatamente em quê. Vê toda a mobília, também mudada (É a luz...), junto das paredes ao redor. As portas, as janelas, o piso, o teto. Espere! No teto, a lâmpada! (Isso!) Está pulsando como se estivesse viva. É isso que altera as sombras de todas as coisas, lhes dando um renovado e sombrio aspecto. Mas seus olhos ainda estão fechados.

A lâmpada pulsa como o coração de um monstro...

Então ele começa a ver, através da luz latejante...

Primeiro como vultos vagos e translúcidos, depois vão adensando e colorindo pouco a pouco, para enfim ser algo que se possa de fato ver.

Uma massa humana.

Um imenso número de pessoas de todas as idades, de todas as raças, de todas as mortes, de todos os lugares, amontoam-se pela cozinha, em cada espaço vazio. Preenchem tudo com seus corpos mutilados. Uns sobre os outros, sobre a pia e o fogão, sobre e debaixo da mesa, e de alguma forma absurda, também agarrados ao teto. Todo o ambiente está lotado, abarrotado, sobrecarregado, com pessoas mortas, lado a lado e para todos os lados. O ambiente todo preenchido de gente. Pessoas mortas. Umas em cima das outras. Inclusive aquelas que Manuela havia descrito. A menina, o bebê.

Cristiano pode vê-las perfeitamente.

E seu desespero tem nome:

Claustrofobia.

Pois...

Cada uma delas o olha diretamente.

Mesmo as que estão atrás das outras.

Olham-no diretamente e furiosas.

"Devo ter enlouquecido." Pensa.

E imediatamente recorda Manuela.

A mulher não está ali, junto deles.

- Manuela, onde está você?

Sua voz é pastosa, propagando-se pelos corpos.

Todos se movem ao escutar o nome dela.

E, em um eco horroroso, todos repetem:

- Mmmmmaaaaannnnnnuuuuueeeeeeelllllaaaaa...

Cristiano arrepia e treme até os ossos.

- Oooooonnnnndddddeeeee eeeeeesssstttttááááá...

É sua própria voz que eles estão usando.

- Vvvvvoooooccccccêêêêê...?

Está sufocando... Precisa sair! Levanta com dificuldade... Sobre seus ombros também tem gente! Também tem gente sobre seus ombros! E todos, por todos os lados, se movimentam uns contra os outros, reclamando e gemendo, em consequência de ele ter se movido... Observam-no fixamente, pastosamente, enquanto ele caminha para a porta. Mãos, braços, rostos, costas, pernas, por todos os lados, se movem, apertam... Ele não consegue respirar! Precisa sair! Está sufocando...

- Manuela, me ajude!

- Mmmmmaaaaannnnnnuuuuueeeeeeelllllaaaaa...

Não! De novo, não! Estende os braços, desesperado, tocando toda aquela carne que se amontoa! De novo, não! Cobre os ouvidos, mas não muda nada!

Mmmmmeeeeee aaaaajjjjjuuuuuddddddeeeee...!

Apóia-se neles a cada passo, espremido, agarrado, manipulado, quase pode nadar nesse terrível mar. Estranho como ainda vê os móveis, o chão, o forro, as janelas, e a porta para aonde vai. Sólidos e transparentes. Quando isso vai acabar? Precisa de ar!

Em um último esforço desesperado, um sublime momento de força total, atira-se contra a porta, a mão estendida para a maçaneta, sua salvação. Sente o metal gelado, real, sólido. Redondo como o pequeno punho de uma estátua de bronze. Gira e abre a porta, para se libertar. A massa humana reage para todos os lados, como se fosse o próprio ar. Olha então para o corredor, sua final redenção, liberdade!

Mas a massa humana também está lá.

O que é demais para ele.

Desiste.

Cai.

- Cristiano...?

A voz feminina como um sino distante.

- Cristiano, acorde.

O vento que sopra no campanário, levando e trazendo o som.

- Cristiano. Está tudo bem agora. Acorde.

Como um cego perdido na névoa escura, o jovem guia-se pela voz da outra.

- Cristiano. Você consegue. Acorde. Volte para ficar comigo.

Retornando aos poucos, solidificando sua consciência, reencontrando a si próprio no nome que a mãe lhe deu.

"Cristiano." Pensa. "Cristiano sou eu." Pensamentos como pedregulhos. "Minha mãe me deu este nome por causa de uma novela." Pedregulhos que caem no rio da realidade.

Dolorido, estendido no chão aos pés da porta, metade do corpo na cozinha, metade no corredor, retorna hesitante ao mundo dos vivos. Ao mundo sólido dos objetos inanimados e sem consciência. (Será?) Mais seguro de si, ao menos um pouco mais, consegue abrir os olhos, com muita dificuldade. Estão colados por uma secreção ressecada, que vai retirando com esfregadas leves das mãos. Depois de abertos, focalizam. Esgotados de uma noite de sono mal dormida, não dormida. Nem é noite ainda.

Manuela no fundo do corredor.

A primeira coisa que vê.

Sentimentos tumultuados.

Deseja a mulher ali, mas tem medo.

Antes não era assim.

- Vejo que já melhorou. - caminha em sua direção.

- Já. - ergue-se com dificuldade. - Acho que já... Era você me chamando?

- Sim. Percebi que era melhor trazê-lo de volta.

- Obrigado. Ajudou-me bastante. Não estava conseguindo acordar.

- Você não estava dormindo.

Ele está esgotado. Mal consegue parar de pé. Tem a impressão de que passaram horas enquanto ele lutava contra aquelas pessoas, embora saiba que foram apenas poucos minutos. Há uma dor em seu peito. Um sentimento de perda. De perda da inocência, como o brinquedo novo que foi quebrado no mesmo dia em que foi comprado. A escolha foi sua. Somente sua. Sabe.

Nunca mais será o mesmo.

Sente como se devesse odiar Manuela por isso.

Mas não pode.

Ama-a.

Mas não pode.

Sabe.

- O que foi que aconteceu comigo? - pergunta Cristiano, realmente perturbado; transtornado. - Quanto tempo se passou?

Difícil precisar as reais dimensões assumidas pela experiência no contexto da vida monótona que o jovem tem levado. Que está confuso é certo, mas talvez essa confusão seja

apenas superficial, pois parece que algo bem profundo não está tão chocado assim. De algum modo enigmático, existe um reconhecimento do que se passou, como a vaga memória de eventos jamais vividos. Ele repete para si mesmo que jamais passou por isso, que não sabe do que se trata, que precisa de uma explicação, mas... Não precisa. Por dentro sente-se à vontade.

- Passaram-se só alguns minutos, não se preocupe. - tranquiliza a mulher. - Agora, quanto ao que aconteceu... Bem... - pensa... - Pelo que pude observar das suas reações, você esteve em contato com os mortos. Mas quero que me conte tudo, só assim poderei ter certeza. Você consegue falar...?

Com essa pergunta, ele não nota, mas a mulher está trazendo de volta aquele dilema do qual antes trataram. Ele consegue falar sobre o que acaba de viver?

- Sim... Acho que sim...

- Então diga.

- Bem, acho que eram fantasmas...

Ela interrompe:

- Fantasmas não, querido. Mortos. - didática... - Há uma boa e fundamental diferença que depois lhe explico.

- Certo. Havia mortos por toda a parte. - verifica o que pretende dizer até ficar satisfeito.

- Suponho que eram mortos, porque estavam mortalmente feridos, em sua maior parte.

- "Mortos na hora da morte." - ela informa. - É um dos modos mais corriqueiros com que costumam aparecer.

- Estavam em toda a parte! - enfatiza. - Em toda a parte, mesmo!

- Eu sei o que quer dizer. Como uma massa compacta de gente.

Em um monstruoso lapso, estão novamente ali.

Todos os mortos sobrepostos e amontoados.

Olham fixamente para o rapaz...

Que sofre um espasmo involuntário!

- Meu Deus! - grita e levanta. - Tire-os daqui!

Mas já se foram.

Não estão mais.

Cristiano caminha de um lado para o outro, como um animal acuado.

Não. Ele não conseguirá falar. De modo algum ele conseguirá falar.

- Lembra daquilo que eu lhe disse a pouco, sobre não falar nas coisas imediatamente...?

- ela não tripudia, de modo algum, só comenta.

Cristiano incandesce, nervoso:

- Então cale a boca! - berra indignado, amedrontado, depois se arrepende. - Perdão... - vai como que para pegar-lhe as mãos. - Por favor, me perdoe... Não quis...

Ela levanta. Ruma para o outro lado da mesa, como que com medo ou com raiva, impossível saber. Muito observadora. Quieta.

- Tudo bem. - diz. - Não falei para brincar, mas para que aprenda.

Ele está em silêncio, de cabeça baixa.

E um instante depois, repentino, volta-se para o passado.

Para sua infância. Aqui mesmo, nesta casa.

Costumava brincar de "Houdini, o Mestre dos Mágicos". Vira um filme sobre o famoso escapista e ficara realmente impressionado. Como sempre, brincava sozinho, imaginando a platéia eufórica, os assistentes de palco. Fazia todo o tipo de mágicas e era feliz. Os pombos imaginários voavam de sua cartola também imaginária e saíam livremente pela janela de seu quarto. Era feliz.

Um dia, já na adolescência, reviu aquele mesmo filme de anos atrás. E teve uma confusa decepção. Descobriu que Harry Houdini, na verdade, não só não tinha poderes especiais como não acreditava que eles existissem. E que o conceituado norte-americano havia dedicado a sua vida à tarefa de desmascarar charlatões que diziam fazer contato com espíritos.

Ocorreu-lhe descobrir a diferença semântica entre Mágica (Simples truques de ilusionismo.) e Magia (Conhecimentos, digamos... Menos simples.), e que seu herói era, de fato, o "Mestre dos Mágicos", mais especialmente o "Mestre do Escapismo", e não o "Mestre dos Magos", como ele imaginava.

(O "Mestre dos Magos" era personagem do desenho "A Caverna do Dragão", que ele, a propósito, não assistia.)

Mas por que isso tudo agora?

Ora, uma simples fuga.

Um truque para escapar a cruel realidade.

Do mesmo modo que seu herói fazia.

Truque de Escapismo.

- Você sabia que Harry Houdini não acreditava em fantasmas? - pergunta com um descaso que chega a ser cômico.

- Sim. Sabia. - responde a outra, captando o estratagema. - E você sabia que meu avô paterno conheceu Houdini pessoalmente, em sua infância?

- Verdade!?

Mais surpreso impossível.

Uma criança.

- Sim. Na primeira década do século passado, a já proeminente Família Maia passou férias conhecendo os Estados Unidos e o seu caçula, o incansável Maurício Maia, falou, em inglês, com o próprio Harry.

Cristiano está maravilhado.

Um sorriso infantil nos olhos.

- Ele lhe presenteou com uma minúscula chave, que meu avô guardou por toda a vida e depois me deu. - nostálgica. - Tenho-a até hoje.

- Ah! Você terá que me mostrar, um dia!

- Claro que sim! Está no meu apartamento. Quando formos lá, lhe mostro.

(Ora, ora...)

- É uma promessa? - inquire. - Olhe lá...

- Fique tranqüilo. - aquele enigmático sorriso torcido. - Nós vamos.

Banhados, alimentados e assustados...

O que mais poderiam querer?

Manuela boceja, como uma leoa.

- Nossa! Ainda é cedo, mas já estou cansada.

- Não é tão cedo assim. É o horário de verão que nos confunde. E se você estiver cansada, quiser ir dormir...

- Não. Dormir, não. Não tenho sono. Mas, talvez deitar um pouco.

- Vamos ao quarto de hóspedes, então. - convida animado, ainda lutando para superar os exageros dessa tumultuada tarde. - Vamos ver como estão as coisas por lá.

Seguindo para os fundos da casa, no fim do corredor há um aconchegante saguão de onde sobe uma escada para o segundo pavimento. Cristiano vai rapidamente apresentando os diversos cômodos, ao que passam diante das portas fechadas. Vários quartos, nada mais. Um deles é o quarto de hóspedes, que espera por Manuela. Mais um ambiente levemente rústico, com móveis em madeira escura, em estilo alemão. Toda essa casa é assim. Austera, mas aconchegante, sempre semi-iluminada e preenchida por uma umidade perene. Uma maravilha no Verão de quarenta graus que faz além das paredes de granito. Mas como será no Inverno?

Os dois reviram os armários para encontrar as roupas de cama, depois arrumam tudo como duas crianças que os pais mandaram dormir. Terminadas as tarefas, sentam-se aos pés da antiquada cama de meio-casal. Coincidentemente adequada para eles. Lado a lado, Manuela à esquerda, fitam-se longamente. Eles não sabem, mas ambos estão pensando a mesma coisa, exata e precisamente a mesma coisa:

"Como é bom encontrar alguém com quem se pode ficar em silêncio."

Sim.

É muito bom.

Mas...

As coisas mudam.

Se eles fossem algum tipo de casal, seria o momento ideal para...

Contudo, não são um casal. Mal são uma dupla.

- Há diferença entre mortos e fantasmas?

- Você já está melhor? - quer saber ela, antes de recomeçar os tormentos.

- Estou bem. - garante ele. - Vamos em frente. - é teimoso também; isso é bom.

- Todos aqueles que morrem são mortos. - deita-se na cama, deixando cair os calçados.

- Fantasmas são mortos que não estão contentes em ter morrido, ou que não sabem que morreram. Basicamente é essa a diferença. Em outras palavras, os fantasmas têm algum problema com a Morte, os mortos não.

- Eu imaginava que só era possível contatar fantasmas...

- Por quê?

- Sei lá! - deita-se também, ao lado direito de Manuela. - Se não têm problemas, por que os mortos também nos procuram?

- Não nos procuram, propriamente. - olhando para o teto, há uma pequena aranha lá. - Esbarramos com eles devido a nossa sensibilidade. E você, Cristiano... - fixa seus olhos, que fogem. - Tem muita sensibilidade.

- Jamais imaginei uma coisa dessas para a minha vida... - é estranho como sempre tem dificuldade em olhá-la nos olhos. - Sempre fui tão comum. E minha vida tão normal.

Ele não percebe, mas aquela pequena aranha começa a descer para eles, suspensa por uma finíssima teia. Descendo, descendo...

- A vida é tão superficialmente normal, quanto profundamente misteriosa. O que muda é o foco. - pensa... - E a sensibilidade. Essa, querido, você tem bem mais do que imagina ou que gostaria de ter.

- Bem... Espero conseguir lidar com ela, agora que a descobri. - introspecto. - E quanto a esses objetos malucos que se usa para entrar em contato com o além? - pergunta um pouco divertido. - Cartas, copos, garrafas, rádios velhos... Sei lá! Funcionam?

- Geralmente só funcionam nas mãos de pessoas sensíveis ou de grande conhecimento e dedicação. O certo é que não podem fazer nada sozinhos, são ferramentas a nosso dispor. - ela pensa um pouco, procurando antigas informações. - Dentre tais ferramentas, uma das mais eficientes que conheci, trata-se do Dado Yessim. Já ouviu falar?

- Não...

Suavemente, sobre o lençol.

Chega a pequena aranha.

E é novamente vista pela mulher.

- Ora, veja quem veio participar da conversa? - graceja Manuela.

Ainda machucado, convalescendo, Cristiano sofre um injustificado sobressalto antes de compreender do que a outra está falando. De quem a outra está falando. Avista a criaturinha e põe-se a rir de si mesmo. Em que afinal se está transformando?

- Uma aranha?

- Sim. Das vermelhas... - com cuidado, estende a mão para que o animal se agarre, mas este foge rapidamente, sumindo para baixo da cama. - Acho que não lhe agradei.

- Impossível! - fazendo-se de sério. - Inaceitável!

- Que posso dizer...? - divertida, interpreta uma terrível dúvida. - Obrigada!

- Mas e o Dado? Como é?

Interessou-se pelo objeto.

- Ah, sim! Bem... É como um dado de cassino, só que um pouco maior, geralmente feito de madeira. Usa-se para fazer perguntas simples e diretas para todo o tipo de criaturas, mas, sobretudo para os espíritos dos mortos.

- Mas é um dado com pontinhos, como os outros?

- Não. Não é. Possui seis diferentes símbolos, com seus respectivos significados e interpretações, mas sem números ou pontos.

- Basta ter o Dado e começar a fazer perguntas? - o interesse é legítimo, mas desta vez o alvo de sua curiosidade não lhe parece assustar.

- Claro que não! Existem métodos, dos mais simples até os mais elaborados. Mas, sinceramente, não conheço nada mais profundo a respeito e muito menos tenho um Dado Yessim comigo. - para um pouco, para procurar pela aranha, mas nada encontra. - Lembro-me apenas de uma regra básica:

- Qual? - curioso.

- Para que funcione corretamente, deve-se jogá-lo sempre um número par de vezes. Duas, quatro, seis... Compreende?

- Sim. - espera... - Só isso?

- É isso! - conclui. - Como disse, não sou especialista, mas o vi sendo usado em algumas ocasiões, que me foram bastante impressionantes e assustadoras... - divaga, como se fosse partir, mas não.

- Você lembra de quais são os símbolos?

- Não todos. - gesticula como a desculpar-se. - Sei que há um para "Sim" e um para "Não", mas é só o que me lembro. Como disse, não sou especialista.

- Pena não saber mais. Fiquei curioso.

- É... Mas, pelo que me parece, não precisamos de um desses.

Ele ri nervoso, concorda:

- Realmente...

O rapaz ergue considerações sobre sua recém descoberta sensibilidade. Maquinações automáticas que é incapaz de evitar. De que serve ser assim tão perceptivo? Quem, em seu perfeito juízo, iria querer uma responsabilidade dessas? Ele quer...? Talvez fosse melhor esquecer tudo isso. Expulsar Manuela e retornar para o seu cotidiano controlado de alguns dias atrás. Expulsar Manuela...? Ridículo!

- Espere aí. - repentina. - Sei com quem você pode conseguir um Dado Yessim, caso realmente queira.

- Quem?

- Fratelli Grigio!

- Como disse?

- É italiano. Quer dizer irmãos Grigio.

Cristiano só escuta.

- São dois gêmeos antiquários que conheci em Caxias do Sul, especializados em antiguidades de valor místico. Se eles não tem um Dado Yessim, sabem como conseguir. E o que é mais importante: Sabem tudo a respeito do objeto. Você precisa conhecê-los.

- Bom saber, mas... - desanimado. - Eles moram na serra, que é bem longe daqui.

- Não, não. Não desanime. Eles mudaram pra cá, no começo do ano. Se não me engano, estão com a loja nova ali no centro, próximo da catedral gótica.

- Mas que conveniente!

(Realmente.)

- Podemos fazer uma visita. São super queridos. E extremamente profissionais. - pensa bem. - E pensando bem, já se passaram meses desde o meu último contato com eles. Tenho saudades e manter contato é bom para os negócios.

Há um breve momento de hesitação, em que se olham, procuram pela aranha vermelha, suspiram profundamente...

- Por que não vamos até lá esta noite? - pergunta Manuela.

- Quê? - surpreso. - Aonde?

Essa é Manuela...

- Vamos até o antiquário dos Fratelli Grigio, ora! - e segue fazendo planos. - Eu lhe apresento a eles e nos divertimos muito com o sotaque carregado dos dois, enquanto reviramos todas aquelas bugigangas em busca de um Dado Yessim. - e para o toque final. - Poderá perguntar tudo o que quiser. Será uma festa!

- Mas, agora, Manuela? - reclama.

E esse é Cristiano...

Dessa pergunta feita, bem como do tom no qual foi feita, abre-se o abismo absurdo que existe entre o inexperiente Cristiano e a misteriosa Manuela. Quem é jovem e quem é velho aqui? Manuela, aparentando quarenta ou mais, inflada com o entusiasmo de uma adolescente por um simples passeio ao centro (Outro passeio ao centro.), ou Cristiano, com pouco mais de vinte, ranzinza e irritado consigo mesmo, por não conseguir dizer não para a proposta feita? Quem é jovem e quem é velho aqui?

- Qual o problema com agora? - mais espantada do que ele. - Não estamos fazendo nada que não possamos continuar fazendo a caminho.

(Pois é, não estão.)

- Sim, mas...

- Você não irá trabalhar amanhã, não é?

- Sim, mas...

- Então chega de "mas"! Deixe o "mas" comigo, que é uma de minhas especialidades. Pegue o que achar necessário e vamos lá! O que está esperando?

Ele desiste.

Mas está contente com isso.

A cada nova descoberta ao lado dela, mais se deslumbra.

E se assusta, ao se descobrir ainda mais ao lado dela.

Não leva muito, já estão prontos para sair. Cristiano, muito responsável, verifica se tudo está em ordem na casa, enquanto Manuela troca de roupa. Depois, pelo pequeno saguão da escadaria, nos fundos, descem por uma outra escadaria e chegam a uma garagem que antes nem parecia estar ali. Ele acende as luzes. Agora são realmente necessárias.

- Ah... Aí está o carro... - diz Manuela, ao rever (...?) o pequeno carro popular.

- Sim. É o meu carro. Algum problema?

- Sem problemas...

Com o controle remoto, abre a garagem. Diante da porta, uma estradinha estreita insinua-se para a rua em frente da casa. Ele abre a porta do carona para ela, espera que se acomode, fecha a porta. Cruza pela frente do carro, entra e senta-se ao volante. Libera o freio de mão, liga o motor, os faróis, rola suavemente para fora da casa. Pára. Enquanto põe o cinto, espera fechar a porta da garagem. Então, arrancam e saem, com a trilha sonora do rolar dos cascalhos e do farfalhar das folhas.

- Ponha o cinto, Manuela.

Olham-se.

- Por favor...

- Sim papai. - debochada, põe o cinto. - Melhor agora?

- Bem melhor. - satisfeito.

Manuela, também satisfeita, revira o porta-luvas, buscando coisas comprometedoras.
(Não pára nunca!)

O rapaz, transferindo sua atenção, não avista ninguém na casa da sua vigilante vizinha, mas sabe que Lídia o observa.

Disse-lhe que ficaria em casa, descansando.

Responderá inquérito por isso.

"Que vida...!" Pensa.

O dia quente de Janeiro deu lugar a uma abafada noite de Janeiro, à medida que a escuridão veio acompanhada de plúmbeas nuvens de chuva. Um temporal daqueles se está preparando.

"Que tempo...!" Acrescenta.

Enquanto o carro se vai, descendo a ladeira, de uma das casas em frente, pelas frestas de uma janela lateral, Lídia observa e marca a hora: Vinte e uma e quinze.

"Cris, seu malandro, acha que me escapa?"

Pensa ela, satisfeita consigo mesma, ao que lhe ocorre uma breve memória:

- Quando é que vai deixar de ser idiota e me convidar pra sair com você, hein Cris? - pergunta, gracejando, mas com óbvias segundas intenções.

Cristiano, incomodado, responde bruscamente:

- Talvez quando você parar de se convidar, Lídia! - Arrepende-se de imediato, mas já é tarde. - Digo...

Já é tarde.

- Tá! Já entendi. - a garota sai, magoada.

Não precisava ser assim.

"Por que faz isso, Cris?"

Lamenta.

E lá no fim da rua, o carro sinaliza e depois curva para a esquerda, desaparecendo na noite solitária.

No interior do veículo, Manuela encontra o mais recente CD do "U2", "How to Dismantle an Atomic Bomb", e põe pra tocar desde a primeira faixa.

("Vertigo")

- Gosta deles? - questiona, começando a dançar no assento.

- Não. É minha mãe que gosta!

O modo como ele responde permite dúvida.

Ela não deixa passar:

- Você não era assim, rapaz! Ora vejam só!

- O quê? - desvia os olhos da avenida. - Como assim? - fingindo não compreender.

- Nada. - debochada como ela só. - Vê se olha pra frente! Você não quer morrer antes de conhecer os Grigio e o seu Dado Maravilhoso, não é mesmo?

- Nem você, antes de revê-los, certo?

Há algo no tom de sua voz, ou no brilho de seu olhar, que antes não estava lá. Algo novo e sujo, que Manuela desconhece. Contudo, supera. Supunha que isso ocorreria, mais cedo ou mais tarde. Continua dançando.

- Não. Não quero morrer. - sinistra.

Ele dirige com atenção e responsabilidade.

E dirige bem. Conhece o carro.

Ela saracoteia o tempo todo a seu lado.

Dotada de infinita energia.

- Agora a pouco você comentou que viu um desses dados sendo usado... - repentino. -

Conte como foi.

A mulher para e se acomoda no assento, olha adiante o vazio.

- Bem...

Primeiro a estrada curva para a direita, depois começa a descer.

Vem dividindo grandes distâncias de descampados solitários.

Outra dessas vias de chão batido, que cruza a zona rural.

Tempo seco, muito pó.

Já com chuva, é lodaçal.

Essas estradas do interior guardam consigo certa energia que jamais veremos nas ruas das grandes cidades. Nasceram de antigos caminhos inevitáveis que levavam as pessoas até suas mais básicas necessidades. Partiam, originalmente, das casas até os poços ou açudes, dos açudes até os pomares ou roças. Não careciam, como as cinzentas ruas ou avenidas metropolitanas, de um objetivo simples e direto. Tinham porquê. Tinham vida.

Nessa nossa específica curva, longe de tudo, as pessoas contam aparecer três homens. Dizem que um deles é um demônio disfarçado de homem, vestindo um corpo de homem. E que fuma cachimbo, pitando fundo e dando risada. Os outros dois, são irmãos, que há muitos anos se mataram, numa luta violenta.

Por causa de uma mulher.

(Por causa de um demônio...)

É o que os colonos falam sobre a Curva da Ladeira.

Ninguém passa aqui sozinho.

Evitam tais rasgos de coragem.

Ninguém passa aqui à noite.

Também evitam tamanha burrice.

Segundo as mais típicas versões da história, os dois irmãos se mataram numa sangrenta briga de facão. Foram se abrindo talhos e se arrancando pedaços, foram se desfigurando e se aleijando aos poucos, até sobrarem só os ossos, de duas caveiras dançando a dança macabra da morte.

Caim surpreso, diante de um Abel enfurecido.

E o demônio cachimbando.

Rindo a não mais poder.

Tem gente que diz ver só os dois facões faiscando no ar.

Outros juram que o chão da estrada se respinga de sangue fresco.

Só que ninguém sabe ao certo como foi que aconteceu.

Dizem que foi ciúme.

Dois homens apaixonados pela mesma mulher.

Mas, como foi que aconteceu, exatamente?

Ninguém sabe.

E é pra solucionar esse mistério que a gurizada vem pra cá.

São cinco.

Três guris, duas gurias.

Diego, com sua irmã, Aline, são os dois mais novos; têm quatorze e doze. O Valmor e o Vilmar, também irmãos, com dezessete e dezenove. E a namorada do Vilmar, com quinze, Manuela.

Excetuando essa última, que mora no centro e é filha de família rica, os demais são jovens bastante pobres, filhos de colonos. Sem instrução e, de certo modo, sem maiores maldades. Gente boa. Simples.

Todavia foi o Vilmar que, sabe-se lá como, arranjou o tal do Dado Yessim. Diz ele que serve pra falar com os mortos. Propôs que viessem jogá-lo aqui na Curva da Ladeira, pra tentar descobrir o que realmente aconteceu. Perguntar direto pros defuntos por que foi que se mataram.

Enfim...

Na verdade é tudo por farra.

Pra tomar uns sustos e depois sair correndo e rindo à toa e a valer, uns da cara dos outros. Sair contando vantagens do tipo:

"Eu, nem me assustei."

"Vocês é que são cagões!"

"Se duvidarem, volto lá sozinho..."

Tudo por farra.

E pra agarrar as gurias, assustadas, as pobrezinhas...

Vilmar quer Manuela, a todo custo. Ou a qualquer (Qualquer?) custo. Ela até que gosta dele, mas é esperta. Não dá chance. Mas ele quer!

Já pro Valmor tanto faz, basta agarrar alguém.

Por farra.

Mas, não pra Manuela.

Ela já viu.

Sabe...

Sabe que alguma coisa estranha aconteceu nessa região, algo muito ruim, pois já viu essas coisas que o povo conta pra se divertir, sem ter a certeza que ela tem de que foram reais e terríveis. Já viu muito sangue e sentiu o cheiro da fumaça do cachimbo, já escutou os relâmpagos do aço ao longe e através do uivo do vento Minuano. Aqui está, não pela farra, nem pelo mistério, mas por seu namorado. Teme por ele, por ser muito corajoso e burro. Gosta dele, e teme. Não quer que se machuque.

Fim de tarde de Outono.

O lusco-fusco que confunde os mundos.

Nuvens baixas de uma aragem cinzenta e ininterrupta.

Estão os cinco sentados na beira da estrada, na parte de fora da curva, olhando praquela vastidão de campo que perde a cor rapidamente. Faz uns minutos que chegaram e ninguém falou nada ainda, nada. Mas todos sabem pra que vieram.

- Tá aqui ele. - diz Vilmar, tirando o Dado do bolso. - É ou não é como eu falei?

Concordam.

(É.)

- É bem grande, mesmo. - comenta Diego.

Valmor, que já tinha visto o objeto em casa, em posse do irmão, acrescenta:

- É de madeira maciça, gravado a fogo.

Passa de mão em mão.

Só Manuela não quer pegar.

- Que foi? - Vilmar questiona.

- Vejo com os olhos.

- Medrosa!

Todos riem.

E com o riso começa.

Sempre o riso.

(Os medievais advertiam sobre o riso... Mas isso ficou no passado.)

- Pega aí, de uma vez! - ele joga o Dado pra ela, que se esquivava ao invés de segurá-lo. - Não deixa cair, sua tonta!

Cai.

Rola pelo pó do chão e pára, com a face preta virada para cima. Às costas de todos, percorre uma sombra. Como se tivesse passado diante do Sol. Mas o Sol já se pôs, e ninguém passou. Nenhum deles se vira. Estão todos vidrados no Dado caído diante dos seus pés. Como se tivessem acabado de quebrar algo muito valioso.

Aquele copo estilhaçado.

A xícara com leite derramado.

É que são só crianças.

Fazer o quê?

Rir?

- Mas que droga, mesmo! - ralha Vilmar, com a namorada. - Não era pra começar ainda... Tínhamos primeiro...

- Grande coisa! - interrompe Aline, adiantando-se para juntar o Dado.

- Não!!! - Vilmar pega-a firme pelo pulso! - Deixa ele aí.

Diego irritado:

- Pra que essa bobice?

A segunda sombra.

Aproxima-se.

- Ele só pode ser jogado a sério... - intui Manuela. - É isso, não é? - dirige-se a Vilmar.

Os ânimos tensos.

Um pouco...

Intensos.

- É. - tempo. - Agora já começou... - mais tempo. - E por culpa sua, perdemos a nossa primeira pergunta!

- Ué? - Valmor. - E tem número certo de perguntas, por acaso?

- Número certo, não tem. Mas, tem que jogar um número par de vezes... - irritado e frustrado. - E é claro que tem que fazer uma pergunta antes de jogar!

- Então tá. - Aline, inocente. - O Dado já mostrou a primeira resposta... O que quer dizer? - para Vilmar.

- Pra qual pergunta, sua tonta? - debochado.

- Olha como fala com a minha irmã!

Os dois se encaram.

- Que foi?

- Que foi o quê?

Levantam e se empurram.

- Chega! - Manuela, que percebe a terceira sombra e aquele cheiro de fumo forte. - O que significa esse lado preto? - realmente quer saber.

Todos atentos às palavras de Vilmar.

- O Mal.

Arrepiam-se.

Diego respira fundo e rompe o silêncio:

-Todos querem fazer isso?

Entreolham-se.

Pequenos roedores assustados.

Olhinhos vermelhos, refletindo a luz do além; o fogo.

A noite vem a passos largos, além do que começa a esfriar. A névoa e o chuveiro ocultam as três sombras que ali estão, junto deles, mas apenas Manuela sabe delas. E embora esteja apreensiva, controla-se. Sente, mas não pode ver. Muito menos mostrar. (Muito menos mostrar.) De que adiantaria falar alguma coisa?

- Vamos de uma vez! - pede Aline. - Viemos até aqui pra isso, não foi? - coragem.

- É. - Valmor. - Vamos lá!

Todos, então, concordam.

(Todos.)

Levantam.

Vilmar junta o Dado Yessim e segue para o meio da estrada, acompanhado dos sete.

Formam, de modo espontâneo, em plena Curva da Ladeira, a mais antiga das formas: O círculo.

Lado a lado, todos vendo todos.

Cinco sentam-se no chão molhado, três ficam de pé.

Diante dos olhos de todos, Vilmar ergue o Dado a altura do rosto e fala:

- O que vamos perguntar?

- Ué? - Valmor. - Se tem alguém aqui, além da gente!

- Tem. - diz Manuela.

Valmor graceja:

- Nem precisamos do Dado, temos a Manuela...

Riem-se.

Somente os cinco jovens.

- Vamos perguntar se querem falar com a gente? - Aline. - O que vocês acham?

Muito bem, pequena Aline, concordam.

- Perguntarei, então. - Vilmar, bastante sério.

Assentem.

- Pensem bem forte na pergunta que vou fazer... - fecha a mão, apertando o Dado com firmeza, depois fecha os olhos. - Se tem alguém aqui, além de nós cinco, quer falar com a gente? - enquanto fala, começa a tremer, nem escuta a própria voz. - Responda. - larga o Dado no ar.

Enquanto o cubo despenca para o solo, a sombra que está ao seu lado estende o braço e os longos dedos para, por um instante, tocar o objeto. E ele cai com a face "sim" voltada para cima.

Sim.

É inevitável.

Os sete dão um passo para trás.

- Já jogamos duas vezes... - juntando o Dado. - Jogamos mais?

- Claro. - diz Valmor ao irmão. - Pergunte se são os três de quem falam.

Ao que todos concordam, o Dado rola novamente.

Sim.

- Quais as chances de um Dado cair duas vezes do mesmo lado? - incrédulo, pergunta Diego. - Alguém sabe?

Devia ser uma piada, mas ninguém vê graça.

Ninguém ri.

- A quarta: Vocês se mataram com facões, como contam?

Sim.

- Meu Deus! Três vezes sim!

- Pergunte por que se mataram? - pede Manuela.

- Como vão responder isso? - Valmor.

- Só pergunte. - ela não pede, manda.

Vilmar obedece.

Solta o Dado, que cai com o lado branco para cima.

- E daí? - Diego pra Vilmar. - O que foi?

- Bem... O lado branco representa o Bem. Mas...

Pensam...

- Será que não deu certo? - Aline.

- Foi por Amor. - Manuela.

Os demais não conseguem ter essa certeza toda, mas ela não se incomoda. Acostumou-se a ser vista assim. Estranha.

- Deve ser como se costuma dizer. - Diego tenta explicar. - Brigaram por gostarem da mesma mulher. Pergunte agora se foi isso...

Como os demais estão de acordo, Vilmar pergunta:

- Vocês brigaram por uma mulher?

Sim.

Agora estão muito compenetrados na experiência, nem precisam se falar. Vilmar faz as perguntas em voz alta, olha pros amigos e joga o Dado.

- Era a mulher de um de vocês?

Não. Pela primeira vez, não.

- Era a namorada?

Não.

Surge uma dúvida.

Entreolham-se, sem saber o que pensar. O que perguntar?

- Uma amiga?

Não.

- Desisto. - brinca Vilmar. - Alguém tem uma idéia?

- Será que a mãe deles os fez brigar? - Aline pergunta para si mesma.

Por falta de coisa melhor...

- Foi a mãe de vocês?

Não.

- Talvez, eles tivessem uma irmã... - diz Manuela.

- Talvez, mas não podem ter brigado por gostar da irmã. - duvida Valmor, sem pensar mais calmamente no assunto. - Não ao ponto de se matarem. - está evitando uma idéia que os demais também estão evitando. - Ninguém mata um irmão por causa da irmã. Não é?

Agora é a vez de Manuela não conseguir entender como ele pode ter tamanha certeza disso. Então, inevitavelmente, contra a vontade dos presentes, ela faz a pergunta que estavam evitando:

- Pergunte se eles estavam apaixonados pela própria irmã...

Revoltam-se.

- Que nojo, Manuela! - Aline.

- Nada a ver! - Diego

- Só na sua cabeça mesmo! - Valmor.

Vilmar, tanto quanto os outros, não gostou, mas não fala nada. Conhece Manuela um pouquinho melhor que eles e acompanha seu raciocínio, apesar de não concordar com ele.

- Pergunte se eles estavam apaixonados pela própria irmã, Vilmar. - insiste.

Ele hesita.

- Medroso. - cutuca, Manuela. - Pergunte...

- Vocês brigaram por que estavam apaixonados por sua... Própria irmã?

Estão irritados, enojados com Manuela quando cai o Dado. E ficam ainda mais contrariados quando responde que sim.

Sim.

Perplexos.

Incrédulos.

Incomodados.

- Melhor parar com isso... - Diego tenta levantar-se devagar. - Quem contou quantas perguntas fizemos? - alguém o empurra para baixo, obrigando-o a sentar. - Que foi isso?

Todos o viram cair de um jeito estranho. Esfolando os joelhos.

Mas ninguém fala nada. Estão confusos.

Todos viram!? Viram!?

- Que foi isso? - assustado, transformado. - Onde estou?

(!?)

- Fique quieto! - diz Vilmar. - Eu estou contando. E temos que terminar o que começamos. - pensa, depois olha para Manuela. - Mas não consigo imaginar um jeito de continuar perguntando... Perguntar o quê?

Nem precisa perguntar nada!

- Por que não nos deixam em paz!? - perguntam juntas, duas vozes sobrepostas. - Estão vivos!! O que mais querem!? - uma delas é a voz de Diego, que não mais está sozinho.

Apesar da noite e do chuveiro, é possível ver o que se passa. No meio do círculo, ajoelhado como que em penitência, encontra-se o pequeno Diego. Os dedos entrelaçados atrás das costas, preso por si mesmo, a testa encostada no chão de terra da estrada, cabeceando em um arremedo de ciscar. Os joelhos e a testa sangrando. E sobre ele, uma sombra debruçada. Uma sombra longa, como uma capa.

- Mano o que é isso? - Aline quer correr para ele, mas é interrompida por Valmor.

- Calma guria! Melhor não...

Então outra transformação!

Rápida demais!

- Calma!? - outra vez, duas vozes. - O filho da puta tava na cama com ela!!

A meiga Aline não mais existe! Ganha fúria e dimensão! Solta-se de Valmor.

Está vestida com a razão... Não vai parar até castigar o irmão.

Vai pro meio do círculo, fazer o que é preciso.

Suas palavras constroem.

Elas assustam:

- Tava trepando com ela, né seu pau-no-cu!?

- E daí!? - diz Diego, que não é só Diego.

Dentre os presentes, não há um ao menos que compreenda tudo o que está acontecendo, porém suas almas sabem, não carecem de entendimento, são capazes de sentir e sentindo compreender. Sabem que...

Melhor seria não estar aqui.

Para todos os sete.

Melhor seria não estar aqui.

Porém...

- Vô te capá, desgraçado!! - de onde veio o facão que agora carrega? - Como pôde fazer isso!? Nossa própria irmã...

- Não a obriguei a nada, tu bem sabes!! - agora também com um facão na mão, ergue os olhos pra encarar o irmão, e a irmã. - Além do que, se ela não te tivesse nojo, tu também terias ido!! Não negues!! Sabes que terias ido com ela!!

- Maldito!! - urrando e chorando. - Morre desgraçado!!

E a faiscada começa a voar pelos ares!

Ilumina-se a Curva da Ladeira.

São Diego e Aline, que se enfrentam, ao menos fisicamente, a golpes de facão, com uma extraordinária perícia que ninguém reconhece. Mas não mais parecem Diego e Aline. É como se tivessem séculos de experiência, e como se estivessem determinados a lutar até a morte. Pois somente a morte do outro lhes interessa. Atacam com força e fúria jamais vistas antes pelos demais, fazendo da Curva da Ladeira um verdadeiro campo de batalha, fazendo com que ninguém tenha coragem nem condições de interferir.

Interferir como?

São só crianças desesperadas, afinal.

Fazer o que contra esses dois guerreiros bárbaros, prestes a se matar?

Vilmar procura pelo irmão, buscando ajuda para tomar uma atitude. Está impotente e sem ação, não é capaz de pensar rápido.

Fazer o quê?

Manuela, por outro lado, do outro lado da peleja, define suas ações, mas parece em transe, procura por algo ao redor. Por alguém... Presente, embora invisível... Perigosamente perto dos irmãos que se digladiam, ela perscruta as trevas, através da chuva, além das faíscas, sentindo um cheiro intenso... O fedor do fumo do inferno!

Qualquer um diria estar às margens de um colapso, porém...

De repente, encontra.

Aqui!

- Me dê isso aqui! - diz Manuela autoritária, pegando o cachimbo das mãos do falso homem. - Suma daqui, infeliz! - e ele se ri e se vai.

Muito rápido.

O cachimbo é volumoso e quente, feito de barro. Pesa bastante e queima suas mãos de longos dedos de pele fina e macia. Mas a jovem resiste, pois, intuitivamente sabe o que precisa fazer para ajudar seus amigos. Vai até eles, que alucinados lutam, e, sem perder tempo, arremessa o artefato para que se espatife no chão. E aos pés dos dois, que cessam o combate, vão então morrendo as chamas nos últimos nacos do fumo maldito.

Assim como morre aquela ira sem motivo.

Porque as sombras se vão.

O Mau se foi.

Tudo muito breve e sem explicação.

E o casal de irmãos se abraça, agora desarmados daquelas longas lâminas. Eles não viram nada, de nada se vão lembrar, bem como Vilmar e Valmor que não entenderam o que fez Manuela. Foi rápido demais pra eles.

Rápido demais.

Foi tão rápido que...

Cristiano nem percebeu.

- Eu era uma menina ainda, morava em Bagé, um namorado meu foi quem conseguiu o dito Dado... Jamais soube como... Ou onde... - Bono, vindo de todos os lados, começa a cantar

"Sometimes You Can't Make it on Your Own" e Manuela atenta para a letra, por poucos instantes, antes de seguir falando. - Fomos até um lugar dito assombrado, ele, eu e mais uns amigos, pra falar com os mortos. Inconseqüências da adolescência. - tempo. - Funcionou mais ou menos como pretendíamos, mas não foi nada bom, nem bonito de se ver. Por pouco que não nos machucamos.

Ela volta a prestar atenção à letra.

O refrão...

Ele aguarda que ela prossiga com a narrativa, mas parece que a mulher já disse tudo o que pretendia dizer. Por algum desconhecido motivo ele não insiste mais no assunto. Ficam escutando a melodia, que é tão triste e tão linda, tão pessoal, enquanto o carro ronrona baixinho, seguindo a avenida que leva para o centro.

São os únicos na estrada.

Parecem ser os únicos em todo o mundo.

Diferente da versátil Manuela, Cristiano não sabe exatamente o que diz a letra da canção, seu conhecimento do inglês é bastante superficial, mas sente que é perfeita para o momento, um tanto adequada para servir de trilha sonora ao solene estado que agora se estabelece entre os dois.

Um solene momento de paz.

Tão raro estar em paz com Manuela por perto.

O jovem realmente gosta de guiar. Para ele é sempre benéfico, uma terapia. Deste modo, uma vez que ela agora está inusitadamente compenetrada e quieta, ele é capaz de relaxar e, pela primeira vez em muito tempo, pensar com calma e controle em tudo o que lhe vem ocorrendo nos últimos dias.

E principalmente hoje.

As coisas naquela semana (A semana passada.) estavam transcorrendo como sempre, sem percalços, sem alterações, o cotidiano previsível e sob controle, como ele bem gosta que seja, até descer do ônibus e dar de frente com Manuela. Manuela inesperada. Um casual esbarrão não devia mudar nada, mas mudou.

De fato, lembra perfeitamente que nem mesmo esbarrou nela, mas foi como se tivesse acontecido. E mudou tudo.

- Me desculpe! - surpresa. - Não vi que estava aí.

- Sou assim tão insignificante? - maliciosa. - Tão sem importância e invisível?

- Claro que não! Não lhe quis dizer isso.

- Então nem quer falar comigo?

- Não! - mais surpresa!

- Não?- em fúria.

- Digo, sim!

- Como?

O rapaz está atrapalhando as outras pessoas que querem descer do ônibus, empurram-no irritadas, mal educadas, o cobrador fala alguma coisa que é melhor não ouvir.

- Vamos sair daqui, para falar em outro lugar? - educadamente, ele convida em pleno caos. - Venha comigo, por favor?

- Está me convidando para ir com você?

(Cristiano está convidando Manuela para seguir com ele?)

- Sim.

A mulher sorri.

Pela primeira vez aquele misterioso sorriso.

Responde ao convite:

- Aceito!

Está surpreso e satisfeito consigo mesmo por conseguir lembrar em detalhes daquele momento, não pensou que pudesse...

Agora considera o ambíguo valor das palavras. Sua desconhecida importância. E falar nunca lhe pareceu tão arriscado e perigoso. Pensa que a todo o momento nos comunicamos fazendo uso de diversas palavras, inúmeras palavras, das quais não sabemos a origem, das quais não imaginamos o verdadeiro objetivo. De onde vieram elas, afinal? E se tiverem sido criadas para dizer outras coisas, para fazer outras coisas, diferente daquilo que queremos dizer? Se através delas estivermos fazendo muito mais do que comunicar nossas idéias ao mundo?

Palavras, bem mais do que palavras.

Capacitadas a recriar o mundo...

Transformar o real, realizar a transformação.

Considera o seu primeiro diálogo com Manuela. Há algo nele que não o põe à vontade. Desde o modo conturbado como aconteceu, até as palavras que foram ditas e o que em verdade quiseram expressar. Sente-se ludibriado, pego de surpresa. Algo naquela primeira conversa não o satisfaz. Sente-se só diante dessas dúvidas todas. Está perdido e completamente sozinho no carro.

Olha para o banco do carona.

Não se choca...

Nem por um instante se choca de não ver a mulher ali.

E por um longo momento...

Está só.

Só.

Depois fecha os olhos demoradamente, enquanto o carro segue em frente, para abrí-los e fixá-los nos de Manuela. E dessa vez os consegue sustentar como nunca antes foi capaz. Pela primeira vez suporta esses olhos. Pela primeira vez.

Resiste a eles, corajoso feito um herói.

- Ainda estou aqui, Cristiano...

- Eu sei.

Continuam ouvindo música.

Agora um blues.

(Love and Peace or Else.)

Ocorre-lhe uma abstração deveras cômica. Ri de si próprio por pensar assim. Balança a cabeça, olhando o volante. Desde criança acostumou-se a ouvir histórias de lugares

assombrados, casas assombradas, navios assombrados, florestas assombradas, enfim, locais habitados por almas penadas, mas nunca havia ouvido falar de uma pessoa assombrada.

Uma pessoa assombrada.

Esta é sua mais nova amiga, Manuela.

(Amiga?)

Em oposição aos antigos contos de fantasmas, que arrastam suas correntes nos sombrios corredores de castelos em regiões remotas da Terra, ele se pode gabar de conhecer uma mulher assombrada, bem aqui, bem agora, em plena cidade de Novo Hamburgo, no ano de 2006. Uma mulher assombrada, e que lhe assombra. Assombrada pela vida, a vida que leva, à sombra... À sombra da coerente percepção de todos. Exceto da sua. À sombra do sólido mundo de todos. Exceto do seu.

Somente ele compreende.

Manuela é sua.

Só sua.

É assim que tem que ser.

E sente que começa a desenvolver poderes sobre ela, pode deixá-la quieta se quiser, como agora, pode fazê-la calar. Pode mandá-la embora, pode fazê-la sumir. Consegue ter certezas sobre ela que pensou que jamais teria, saber que está ali, sentir que está ali.

Pode tê-la ao seu lado, quando quiser e o quanto quiser...

Pode tê-la para sempre.

Eternamente sua.

E de mais ninguém.

Só sua.

Sua.

- Perto da catedral, você disse?

Adiante, podem avistar a construção gótica iluminada.

- Isso. - olha pela janela, para ver onde estão. - É só dobrar na próxima, à esquerda.

- Aqui?

- Exatamente. - desliga o CD. - É no número 218 desta rua, se bem me lembro.

Acompanhando a numeração, o rapaz sobe uma típica ladeira da cidade. O motor reclama um pouco, ele reduz a marcha, adiante e devagar. Do lado esquerdo da rua, umas duas ou três árvores de médio porte escondem a fachada antiga reformada do 218. Há uma lâmpada enterrada na calçada que, virada para cima, ilumina a pesada placa de madeira onde está esculpido o nome da loja:

"218 Decoração e Arte."

- Não eram antiquários?

- Sim... Por quê?

- Aqui é mais uma dessas lojinhas de decoração!

- Vejam só, que descoberta! - graceja. - Não sabia desse seu lado preconceituoso.

- Sou mesmo! - defende-se atacando; uma novidade. - A cidade está repleta dessas dondocas vendendo porcarias a peso de ouro, que todos comprem sem questionar, só para

mostrar que têm bom gosto. - e realmente muito irritado, quase descontrolado. - Não esperava que seus amigos fossem esse tipo de gente...

- Acalme-se lá, Clint Eastwood... Acalme-se lá! - achando a maior graça na reação alérgica, ultra-preconceituosa que ele demonstra. - Meus amigos não são "esse tipo de gente". Só depositaram seu estoque provisoriamente nos fundos dessa loja, até encontrarem um local adequado para o seu negócio. Foi um acordo que fizeram, quando vieram de Caxias do Sul. - e frisando suas últimas palavras. - E a propósito, meu irritadiço amigo, um acordo muito inteligente e proveitoso, uma vez que não estão gastando nada para deixar aqui suas coisas.

- Bem... Eu... - mas não se entrega. - De qualquer forma, já está fechada mesmo, como eu imaginei. Agora teremos que voltar e...

- Agora teremos que bater e esperar que nos atendam, seu tonto. - atropela sem perdão. - Eu sempre soube que estaria fechada. Vim ver os Grigio e não a dona da "lojinha de decoração"! Qual o seu problema, hein? - então tortura. - Por que o seu mundo tem que ser assim, sempre tão difícil, como um eterno parto de risco? Cuidado que isso mata!

Ele não diz mais nada. Sem reação.

"Melhor calar sua boca."

Pensa.

"A mulher está certa."

O que é pior.

Está bastante certa.

Sua vida tem sido um saco.

Indiferente à crise do outro, ela desce do carro e bate forte à pequena porta lateral do estabelecimento. Chama, com os pulmões de uma criança em dia de festa:

- Giuseppe! Giovanni! - e bate de novo à porta. - Saiam dessa toca, seus ratos comedores de queijo fedido!

"Ela não existe..."

Pensa Cristiano, enquanto fecha o carro.

(Não, não existe.)

Aciona o alarme, constrangido.

"O que os vizinhos acharão disso?"

- Giovanni! Giuseppe! - aos berros e risos. - Dove sono miei amici?

Ele está procurando um lugar para se esconder.

Um buraco bem fundo. Quem sabe um poço.

Então alguém começa a abrir a porta.

A fumaça torna tudo indefinido. E define tudo, em elipses ascendentes.

Longas linhas que saem da boca e do nariz do senhor que atende a porta, filtradas pelo seu espesso bigode grisalho, ao modo de Verdi. Fuma todo o tempo, e não retira, pra nada, o cigarro do canto da boca.

- Giuseppe! Há quanto tempo!? - cumprimenta Manuela. - Come stai!?

Efusiva, a mulher arremessa-se aos braços do outro, perdido ainda. Enredam-se na sinuosidade desses véus fumegantes, em um abraço carinhoso e inesperado.

- Manuela? Sim, sim, Manuela! - o dragão responde, com um forte sotaque. - Que bela surpresa! Belíssima surpresa! Vou bem! Vou bem! - e ao notar Cristiano, que se aproxima, desvencilha-se, com cuidado, para depois questionar a amiga. - E você como está? Acompanhada?

- Muito bem acompanhada. - corrige orgulhosa. - Deixe-me apresenta-los: Este é meu recém descoberto, Cristiano Zimmermann. - uma mesura depois. - E aqui está o mais velho dos Fratelli Grigio, Giuseppe Grigio.

Cristiano é trazido para a fumaça. Uma fumaça com educação européia.

E os dois homens apertam as mãos, descontraídos.

O brasileiro vagabundo e o dragão italiano.

(O braseiro vagabundo e o dragão italiano.)

Este velho bem mais forte do que aquele rapaz.

- Ma come voi? - interrompe, Manuela. - E tuo fratello, dove stai?

- Estamos bem, minha querida. Mas não fale italiano, preciso aprender português. - pede com franqueza. - O Giovanni está lá nos fundos, lavorando em uma cristaleira.

- Diga "trabalhando". - corrige Manuela. - Trabalhando em uma...

- Sim, sim... - ri-se. - Trabalhando. Está trabalhando, ele. Vamos entrar?

Mas claro que vão! Passam pelo velho, que fecha a porta e os acompanha.

- Sempre em frente, meus amigos. - instrui, migrando o cigarro de Leste para Oeste. - Sempre em frente e chegaremos lá.

Um corredor apertado e esfumaçado os leva para os fundos. Onde está o valioso e sobrenatural estoque. A cena que se passa é, sem dúvida, ambígua. Os três a se esgueirar por tal soturno e úmido corredor repleto de fumaça, mais parecem uma antiga locomotiva movida a carvão, percorrendo um estreito túnel sob a montanha.

No fim dos trilhos, uma escadaria com uns seis ou sete degraus, conduz até uma sala de bom tamanho, mas com pouco espaço, devido ao amontoado de um variado número de móveis e objetos que ali estão.

Soterrado entre eles, absorto em polir um grande móvel, encontra-se Giovanni.

Uma cópia fiel do irmão, embora minutos mais novo.

E que de modo algum fuma.

Novas apresentações. Nova troca de carinhos.

De imediato, o rapaz melhora seu humor.

Os gêmeos são realmente agradáveis.

E o seu humor muito volúvel...

- Qual o motivo da alegre visita? - pergunta Giovanni, deixando a cristaleira de lado. - Faz muito tempo, desde a última vez, não?

- Viemos por vários motivos. - responde ela. - Primeiro para dar as boas vindas. Afinal, somos dois que moramos aqui, temos esse direito e essa obrigação. - fala indicando também Cristiano, que concorda. - Sejam bem-vindos!

- Sejam bem-vindos! - agrega o jovem. - Espero que se agradem daqui.

Os Grigio se agradam, é certo, e agradecem emocionados.

Têm estado bastante sozinhos desde que deixaram a serra gaúcha. Lá possuíam diversos amigos, feitos ao longo dos últimos anos. Agora, por causa dos negócios, precisaram deixá-los para trás. Para eles é muito bom reencontrar alguém conhecido. Bem como fazer novos amigos em sua nova cidade.

Giuseppe pega o maço do bolso do avental que está usando e oferece cigarro para todos, inclusive para o irmão que se defende como de uma pistola.

Manuela pega um.

- Diga que são italianos, por favor... - sente o perfume.

- São italianos, sim. - sorri.

Cristiano pega outro.

- Bem, se são italianos... - fala para si mesmo. - Não custa experimentar...

- Não custa! - acrescenta o velho, erguendo as sobrancelhas.

Ele cuidadosamente destaca e descarta o filtro do seu cigarro, com uma minuciosa paciência que a todos impressiona e cativa, logo depois acende o fumo com um longo palito de fósforo. Passa a caixa para a mulher, que também acende o seu e se volta para o rapaz, com o palito ainda em chamas.

O fogo e ela são cúmplices.

Cúmplices.

- Já que vai se aventurar... - saboreia o momento. - Permita-me fazer as honras?

- Prefiro que assim seja. - nem Cristiano acredita no que disse, ou no que faz.

Os Grigio entreolham-se, marotos... Entenderam tudo.

E Cristiano Zimmermann começa a fumar.

- Um péssimo hábito, devo dizer. - resmunga Giovanni.

Mas os fumantes nem ligam. Os três saboreiam este suave fumo italiano, inimaginável a qualquer um que não o prove.

- Nosso segundo motivo é a curiosidade de meu amigo pelo Dado Yessim. - fuma e fala enquanto procura ao redor. - Vocês devem ter um por aqui, não?

Como duas corujas, os irmãos se olham e depois olham juntos para o jovem.

Giuseppe pergunta, em meio aos torvelinhos cinzentos:

- O que você pretende com um Dado desses?

O marcado sotaque, irreal.

- Bem... - tosse o rapaz.

Interrompe a outra:

- Não pretende nada, fiquem tranquilos. Fui eu que falei pra ele do Dado. Só ficou curioso, foi isso. - tempo. - Vocês têm algum?

- Para você é claro que temos, Manuela. - Giovanni olha, analítico, para os dois. - Querem adquirir?

Negam juntos, divertidos, pensando no quanto deve custar.

- Não, não...

- Vai bem, então! Vou procurar... Giuseppe fica fazendo sala.

- Claro. - comenta o próprio. - Sou o melhor nisso.

- Mas, por favor, somente se não for incômodo. - diz o jovem fumante. - Não queremos atrapalhar, de modo algum.

Os gêmeos balançam a cabeça juntos, negando e sorrindo.

- Vou procurar. - sai.

- Farei sala. - fica.

Nos minutos seguintes, Manuela põe as fofocas em dia com seu amigo e colega Giuseppe, enquanto Cristiano vagueia por entre suntuosos móveis antigos, tristes e empoeirados, caixas mofadas de papelão, abarrotadas de objetos estranhos, baús de couro envernizado, cheios de revistas e livros.

Uma tragada e uma tossida.

Uma capa lhe chama a atenção.

"Tir".

Em um traço pós-medieval, preto e branco, está retratada uma estrada, que se perde entre colinas. Um desenho nada complexo, um pouco obscuro, mas que parece esconder um segredo insondável.

- Esse... - retira o volume do meio dos outros. - Acho que já...

- O que encontrou aí, meu jovem? - pergunta de longe, Giuseppe.

- Um livro antigo... - responde e pensa um pouco. - Creio que minha mãe possui um igual, só que está sem a capa.

- "Tir"? - a palavra vem defumada.

- Exatamente. Como sabe?

- Um palpite.

Cristiano abre o livro no início do texto e lê:

"Neste momento sublime no qual agora me encontro, imediatamente depois de ter retornado de minha jornada bem sucedida, ponho-me a recordar saudosa, entretanto com certo desprezo, de como era monótona e sem sentido a minha vida de felicidade falsa, antes de encontrar com a Mariposa misteriosa, vivendo como filha única de um casal que se amava e via na minha presença a mais significativa dentre todas as suas riquezas. É minha decisão espontânea narrar, com o máximo de detalhes que me for possível, a totalidade dos eventos que se seguiram ao meu encontro, aparentemente casual, com a Mariposa misteriosa, uma vez que a partir deste encontro, não posso negar que, em minha vida humilde, tudo mudou para sempre. Nossa breve primeira conversa, se é que de tal modo podemos chamar aqueles lapsos sutis de comunicação não verbal, estabelecidos entre uma humana e um inseto, tratou primeiramente das nossas apresentações devidas e em segundo lugar, de tudo aquilo que precisava ser feito pela minha pessoa, para mudar não só a estagnação da minha vida, mas a de todo o meu povo. E foi desta maneira repentina e esvoaçante, com suas asas aveludadas a espalhar o seu pó brilhante pelo ar, que ela falou-me longamente sobre este lugar inigualável chamado Tir, das suas muralhas de vidro com seu guardião cadavérico de armadura, da estrada tenebrosa a ser percorrida para se chegar até lá, e dos horrores necessários aos que se quiserem preparar para partir em tamanha aventura."

Depois volta para junto dos outros dois, folhando rapidamente as páginas ressecadas. Esta edição se encontra em um diferente estado de conservação, se comparada àquela que viu em casa. Apesar de ter a capa, parece muito mais velha e sofrida.

Sem tirar os olhos do texto, pergunta:

- Que livro é esse?

Responde como profissional:

- É um livro anônimo, sem data precisa, chamado "Tir".

- Continuo na mesma... - brinca.

Os três riem.

- Ninguém sabe muito além disso... - fala mantendo o profissionalismo. - Sempre histórias breves e sem muito sentido. Crendices, especulações, superstições...

- Ora, conte-nos algo. - pede Manuela, cheia de entusiasmo. - Qualquer coisa.

O velho assente, de certo modo cansado:

- O livro ensina, por meio de histórias curtas, várias maneiras de se chegar a Tir; mais um local sagrado, como Avalon ou Atlântida, onde é possível encontrar-se aquilo que mais se procura, seja o que for. - uma última tragada, depois cigarro vai pro chão. - A lenda mais recorrente de todas é a de que o livro simplesmente apareça para aqueles que estão prestes a seguir viagem para Tir... - tempo. - Como um manual a ser seguido.

Cristiano não disfarça a surpresa.

Afasta o livro do rosto, sério.

Olha a estrada na capa.

Há um pôr do Sol ali.

Ou um nascer?

- Este é o único que vocês têm, ou existem mais por aí? - pergunta Cristiano, tentando agarrar-se a algo mais sólido. - Quanto custa?

Antes de responder, Giuseppe respira fundo e pega outro cigarro, do qual destaca o filtro e acende e traga, preocupado, cenho fechado, não se esforça para não ser solene:

- A última vez que vi este livro entre nossas coisas, a loja ainda era no Norte da Itália, há uns cinco anos, mais ou menos. Acredito que esse seja o único por aqui. - olha para Manuela, depois de volta a Cristiano. - Não custa nada. É seu.

- Não posso aceitar tal presente... - sem graça. - Deve valer muito...

- Não é um presente, rapaz. - não deixa espaço para negociações. - O livro é seu.

(Certo! Não se fala mais nisso.)

Procura um bolso para guardá-lo, mas são todos pequenos.

Quando está desistindo, Giovanni retorna entregando-lhe uma sacola plástica.

- Guarde aqui dentro, por enquanto. - diverte-se ao passar por ele, confuso. - Certo, meus amigos, aqui está o tão falado Dado Yessim. Aproximem-se, por favor.

Na mão direita traz uma caixinha de madeira clara polida, do tamanho de uma pequena caixa de bombom. Logo, os quatro orbitam a peça, curiosos.

Abre-se a tampa...

Está vazia.

Giovanni não percebe, pois tem a tampa da caixa lhe obstruindo a visão.

- O que acham? - pergunta. - É como imaginavam?

O forro de veludo verde acena solitário.

Todos desatam a rir!

- Mas...?

- Vuoto, testa vuota! - diz Giuseppe.

- Mas...

- Aí não tem Dado nenhum. - conclui Manuela.

- Mas.

Está vazia.

Depois de esgotadas as gargalhadas, surgem ainda mais algumas, insistentes, mas que por fim também se vão. Os irmãos, contrariados, até procuram por uma explicação para o desaparecimento do valioso objeto, mas não encontram. Talvez tenham sido roubados. Quem sabe o perderam na recente mudança.

Só para si, Manuela faz um esforço para lembrar que fim levou aquele Dado Yessim que, no distante passado, seu namorado Vilmar havia conseguido. Não sabe o que foi feito dele. Com quem terá ficado depois daquilo que aconteceu? Pensa só para si.

E os demais seguem lamentando a tragédia que é perder uma peça avaliada em cerca de trezentos Euros, mas...

Cristiano, que já está bastante à vontade, comenta:

- Imagino que seja um risco que se corre quando se é especializado em artefatos místicos ou objetos de origens remotas.

Os Grigio lamentam ter que concordar.

Todavia concordam.

- É verdade! - diz Giovanni. - Mas ainda bem que descobrimos antes de vendê-lo pra alguém. Imaginem que situação difícil? Descobrir no ato da entrega?

Todos concordam.

- Não seria nada engraçada. - Giuseppe.

Novamente concordam...

Mas recomeçam a rir, lembrando da caixa vazia.

Por que será que em certas situações, sem a menor explicação, começamos a rir e não mais conseguimos parar? De onde vem o verdadeiro motivo desse riso que rimos quando não há mais motivos para rir? Por que aquele forro verde parece tão engraçado?

- Sabe... - depois de certo tempo. - Acredito que tão cedo não verei um desses Dados. Mas bem que vocês me poderiam falar a respeito. Não poderiam?

Os irmãos concordam juntos:

- Sim, podemos.

- Mas, somente depois de você nos esclarecer a origem do seu interesse. - acrescenta Giovanni. - Sei que ela lhe falou, mas e daí? O que lhe atraiu tanto? - existe uma perspicácia na pergunta para a qual o jovem não atenta. - Pare e pense. O que lhe atraiu tanto? - talvez o sotaque do outro não permita perceber.

Antes de responder, considera demoradamente a sua situação frente à questão, que não é má a propósito. Por que agora tão grande interesse nesse objeto? Desde que conheceu

Manuela já falaram de tantas diferentes coisas, foram tantas estranhas situações, tantas dessas diferentes situações pelas quais passaram juntos. Por que o tal Dado lhe atraiu mais do que o resto? E não pode negar que realmente atraiu bem mais do que todo o resto que viveram ou do qual conversaram.

Por quê?

Eles aguardam pacientes por sua resposta.

Por quê?

Não o apressam, mas também não o ajudam.

Por quê?

A princípio, acredita que seja por não lhe causar medo, como o resto, mas abandona essa hipótese, pois esse Dado também o amedronta. Surge então uma fagulha, minúscula, que pode ser um motivo plausível, embora nada espetacular, parece-se mais com seu modo de pensar. Atem-se a esta fagulha ao modo de quem faz fogo em plena tempestade. Nem devia ser para tanto, mas ele não dispensa um pouco de drama barato em seus dias. Um pouco mais de lenha e... É isso!

Agora já pode esclarecer seu motivo.

Seguro de si, fala:

- Simplicidade.

É isso.

Aguardam.

- Não sei, mas... - fraqueja. - Essas coisas de Magia e Mistério sempre me parecem tão complicadas e difíceis de entender. Tão falsas. Mas não nesse caso. - mais seguro. - No caso do pouco que Manuela me contou a respeito do Dado Yessim, parece tudo muito óbvio e simples. Mais fácil. - e ainda mais seguro. - Entendo que se trata de uma ferramenta para se comunicar com os mortos, com a qual se podem fazer perguntas rápidas e diretas. Sem frescura. Rola-se o Dado. Sim ou não. E está tudo acabado. - que lindo, já é um profissional! - Simplicidade. Foi o que me atraiu.

Quando termina, há um brilho apaixonado em seus meigos olhos. Uma suave luminosidade que antes não estava ali, e que é impossível não notar. Mas sabe que não impressionou sua platéia, muito exigente ela. Isso lhe causa certo rancor. Mesmo de Manuela.

Muito exigente ela.

- Acredito que o nosso novo amigo tenha encontrado o seu Zahir... - diz Giuseppe, maquiavélico. - Seu Zahir é o Dado Yessim.

- Meu o quê? - começa a irritar-se...

(Alguém compreende o motivo?)

- O Zahir é um objeto que é todos os objetos e nenhum, e que uma vez visto jamais é esquecido. - explica Giovanni. - Nos apaixonamos por ele, e não podemos esquecer.

- Essas coisas não acabam nunca? - atônito, graceja o rapaz. - É um livro que aparece, um Dado que desaparece, um sei-lá-o-quê que não se esquece... O que falta? - para Manuela.

- A Arca da Aliança? - olha nos olhos dos três. - Quem sabe vocês não esperam aqui, enquanto eu vou até minha casa pra buscar o chapéu e o chicote?

Visto de fora, é certo que nem mesmo ele se reconheceria.

Eles começam a rir da sua arrogante e inocente ignorância.

Nem suspeita onde está, ou para quem fala, e já se sente seguro.

Põe volume na voz e se apruma, estufando o peito como um pombo.

Uma vez mais está demonstrando o caráter instável da sua personalidade.

O caráter que sempre foi seu segredo, bem guardado de todos, até de si mesmo.

- Creio que vamos precisar quando viajarmos no tempo, não acham? - debocha. - Quando formos enfrentar os soldados de Hitler, hein?

(Ele não era assim. E desse jeito, não dura muito.)

- O que você sabe de Hitler? - sorrindo fumaça, pergunta Giuseppe. - Provavelmente, como todo escravo da História, acredita que foi um monstro alemão responsável pela morte de incontáveis judeus inocentes. Simples assim! - estala os dedos. - Ou talvez, como bom servo de Cristo, prefira acreditar que era o próprio Anticristo, que a propósito não existe, é claro! Bastante cômodo. - enérgico, traga e prossegue, ao que o outro flutua. - Mas por favor, me diga, se não for pedir muito, afinal o que é "existir"? Ou o que você entende por "inocente"? - transborda fumaça, irreal. - Ou "monstro"?

Cristiano está perdido em si mesmo.

Manuela, em meditativo silêncio, aguarda.

Giovanni demonstra aprovar as palavras do irmão.

Giuseppe, mantendo a energia, mas sem rispidez, conclui:

- Seria ótimo que as coisas fossem simples, meu jovem amigo, mas não são. E... Lamento dizer... - termina outro cigarro, joga-o no chão. - Existem monstros inocentes.

Existem monstros inocentes.

(Entendeu?)

O jovem não sabe o que se passa. Muito lhe agradaria debater com Giuseppe, defender suas idéias, mas não sabe o que está sendo debatido. Não tem idéia do que o outro pretende. Olha para Manuela, como a pedir socorro. Por favor, me ajude.

Ela lhe devolve um afetuoso olhar, materno.

O mau materno olhar de Manuela.

E aquele sorriso também.

Fala, sem tirar os olhos dele:

- Acho que você o confundiu...

- Tenho certeza. - acrescenta Giovanni.

- Tudo bem... - apazigua o rapaz, completamente zozinho. - Já estou me acostumando. Mas, creio que preciso de mais um cigarro...

Surge mais um cigarro, que a mulher acende para ele. Concentram-se um no outro.

Enquanto incógnitos aos outros dois, os irmãos trocam um profundo e eloqüente olhar. Estão concordando em encerrar esse assunto, pois o Dado Yessim ainda não é para ele. Ainda não. O rapaz tem muito que aprender, e para esse objeto é melhor permanecer onde e como está: "Perdido".

Pelo resto da noite, não falarão nele.

Restabelece-se a leveza e a alegria iniciais.

Entreolham-se, os quatro, amarelados e risonhos.

E deste momento em diante, todos se esforçam para manter a conversa em domínios mais tranquilos, e nem por isso menos atraentes. Tratam de negócios, de ócios... Os Fratelli Grigio lembram da Itália e da boa comida que se serve por lá. Como bons brasileiros, Cristiano e Manuela defendem a diversidade da cozinha do Brasil, mas não param de elogiar e fumar os cigarros italianos, para desespero de Giovanni, que no final das contas, acaba fumando tanto quanto eles. Ou mais do que eles.

E assim seguem, rindo e falando e fumando, por toda a noite e madrugada. Essa madrugada que se transforma lá fora e, sem que eles percebam, vai construindo um novo e enigmático dia, único em sua úmida exuberância, como vários outros dias, como nenhum outro dia, mas que, tristemente, parecerá comum para a grande maioria das pessoas sobre a Terra. Para elas, essas tristes desavisadas, será só mais um dia. Que jamais voltará.

Jamais.

São por volta das seis horas quando os visitantes decidem partir. Entretanto, não está clareando esse aguardado novo dia, porque está chovendo... Está chovendo, quem diria! E estão todos amortecidos pelo cansaço e pela fumaça. Porém todos satisfeitos com a magnífica experiência. Foi bem-vinda, essa ocasião inusitada, bem-vindo esse encontro surpresa. Estão satisfeitos.

E satisfeitos também com a chuva, que trouxe consigo um pouco de ar fresco. Ar fresco, úmido e respirável!

Inigualável!

Cristiano recorda-se de que precisa ligar para seu serviço, avisando que faltará, contudo, por enquanto é cedo e não há ninguém lá.

Aguarda.

Manuela acerta com os gêmeos os últimos detalhes sobre a venda de um quadro. O último acerto da noitada, que antecede as despedidas.

E se despedem rápido, para não se molhar.

Despedem-se sorrindo, sempre sorrindo, todos sorrindo; como deve ser.

Os irmãos à porta, a chuva por tudo, o casal no carro.

(Sim. Nessa manhã, são um casal.)

Ver-se-ão, os quatro, no futuro?

O jovem liga o motor.

Chove mais forte.

Talvez sim...

E se vão.

Chove!

Não?

Transcorrem certo tempo sem trocar palavras.

É Cristiano, fazendo uso dos seus novos poderes.

É o motor do carro, fazendo suas orações matinais.

É toda a água do mundo, alagando a estrada lá fora.

E todos os pensamentos mudos, para respeitar à chuva.

No centro desta cidade, sempre que chove forte e repentinamente, como está acontecendo agora, pode se observar uma situação bastante característica. Do aconchegante interior do carro, os dois atentam para ela. Devido à acidentada geografia física do seu território, repleto de bruscas subidas e descidas, e da específica localização da região central, rodeada de morros por todos os lados, ocorre que sempre que chove com intensidade o centro se alaga de imediato.

Enche-se como um velho balde de ferro.

Um velho balde de ferro.

Bastam apenas poucos minutos de uma chuva volumosa, para que todas as principais avenidas se transformem em verdadeiros açudes, que transbordam para as calçadas, invadindo as praças e até mesmo o interior de alguns comércios. Um problema de ordem pública, ao que parece, sem solução, pois os antigos esgotos de grandes galerias deveriam ser suficientes para dar vazão à água, mas não dão. Além do que, dois grandes canais encontram-se, a céu aberto, no coração do centro; o que inexplicavelmente não faz a menor diferença.

O fluxo demasiado, intermitente, que desce dos céus, e dos céus aos morros, e dos morros ao centro, é superior à capacidade de vazão. Barrado pelo lixo ao chão, acumula-se antes de ir embora.

Lava o asfalto, lava as fachadas, lava as almas.

Contudo, instantes depois de acabada a chuva, tudo volta ao normal. A cidade rapidamente se enxuga e todos esquecem do que aconteceu. Ninguém mais pensa nisso, até que chova novamente.

Foi somente uma pancada, que agora já passou.

E já passou mesmo, embora as nuvens permaneçam lá no alto; carregadas.

- Daqui, para aonde vamos?

- Sei lá... Tenho fome.

- Tem fome? E sono, não?

- Não. Nem um pouco.

- Está mais acostumada do que eu...

- Certamente.

- Vamos comer o quê?

- Há essa hora? Vamos a uma padaria.

- Uma padaria... Tudo bem.

Estão a uma quadra de uma padaria.

Olha pelo retrovisor e, mesmo com a pista vazia atrás de si, dá sinal de luz e vira para a esquerda. Rumo a esta padaria. Boceja... Reduz a marcha e estaciona, de um só movimento. Dirige bem, mesmo com sono. O estabelecimento está abrindo agora; um lugar amplo e vazio, com mesas e cadeiras para os fregueses. Os funcionários sonolentos demoram a atender, mas atendem. No ar, o inconfundível aroma de café; um dos melhores.

- O que vão querer?

Pensam, diante do atendente que nem os olha.

- Café preto e um sonho com creme. - pede ela. - Como não dormi, como um sonho.

- Para o senhor? - ele nem prestou atenção no comentário...

Cristiano demora a responder, pois está pensando no que ela disse por último. Na verdade, não responde. Não faz sentido, como um sonho. Passou a noite em claro e não está acostumado... Como um sonho. Ela está mais acostumada do que... Como um sonho. Foi somente uma pancada... Como um sonho.

Não está mais ali.

Sonha.

- Senhor?

- Pelo jeito, ele não precisa de sonhos. - Manuela brinca com o rapaz, que pela primeira vez olha para ela, e não compreende o que vê. - Traga-lhe café com leite e dois daqueles pastéis folhados, vocês têm?

- Temos de frango, camarão e calabresa... - automático, evita olhá-la de novo.

- Os dois de frango, por favor. - pisca. - Se ele não quiser... Eu os comerei.

- Dois de frango. - anota. - Mais alguma coisa?

- Não, obrigada.

Sai apressado.

(Foge.)

- Coma primeiro, durma depois, querido!

Ele desperta de um salto.

O sonho se foi.

- O que foi?

- Você dormiu. Só isso.

- Você já pediu?

- Sim. Está a caminho.

- Nossa! - passa as mãos pelo rosto. - Não pensei estar tão cansado. - levanta e caminha ao redor da mesa. - Você pediu café?

- O meu preto, o seu com leite.

- Obrigado. Mas também devia tomar preto.

- Sente-se aí, que já está vindo.

Senta. Pensa consigo e acha graça.

Interrogativa, ela o olha.

- Acabo de pensar que fomos visitar seus amigos principalmente para tratar de uma coisa na qual acabamos quase nem falando.

- Verdade. Mas talvez tenha sido melhor assim; por enquanto. - e ao que nota o estranhamento do outro. - Os Grigio tomaram a decisão certa.

- Não entendo.

- Você não está preparado para o Dado.

- Preparado... - saboreia a palavra, incrédulo.

- Eles fizeram o melhor por você.

- Explique.

Da direção do balcão vem uma alegre garçonete, trazendo o pedido em uma bandeja. Os dois ainda são os únicos no interior do estabelecimento e ocupam uma das mesas perto

da porta, de onde podem avistar a rua deserta. Escura, em oposição ao iluminado interior da padaria. Cristiano percebe que a moça não consegue disfarçar seu interesse por Manuela, de longe vem cuidando a mulher por entre os objetos da bandeja. Chega a ser cômico.

Serve a mesa pelo lado do rapaz, dizendo:

- Se precisarem de mais alguma coisa, é só chamar. - demora-se organizando as xícaras e os pratos. - Tudo certo? - os dois confirmam, ela ainda reluta em partir.

Controlando-se para não rir, ele vai servindo-se de adoçante.

A mulher percebe seu estado; olha-o e depois para a garçonete.

Esta titubeia sem jeito, depois se liberta:

- Desculpe-me a indiscrição, por favor... - Manuela fita-a gentilmente. - Mas... Posso saber o que a senhora faz para seus olhos ficarem assim? - Cristiano para tudo. - São fantásticos! O que a senhora faz?

Muito naturalmente, a mulher responde:

- É uma nova maquiagem que, por enquanto, não temos aqui.

"Será que estou cego!?" Pensa o rapaz.

- Importada... - diz a garota, em êxtase.

Manuela, nem confirma nem nega.

Grata e iluminada, a outra aceita a explicação:

- Lindos! Desculpe-me e obrigada.

- Está tudo bem... Eu que agradeço o elogio.

- Imagine! Fabulosos! Com licença. - retira-se faceira, sinalizando para o colega no balcão, que a tudo cuidava numa distância segura. Sua impressão diferente da dela.

- De quê, afinal, ela estava falando? - pergunta perdido, pois nada vê de diferente nos olhos da outra.

(Nada vê agora. Mas antes...)

- Coisas de mulher... - resvala a mulher.

Quase satisfeito, ele prova o café e um dos seus pastéis.

Manuela também começa a comer.

- Diga-me, o que os Grigio fizeram por mim?

- Basicamente, eles lhe protegeram do Dado Yessim, quando decidiram que não o mostrariam para você. - aguarda. - Fizeram o melhor, você não está preparado.

- Como assim, "decidiram que não o mostrariam"? - mastigando. - Eles nem ao menos tinham o tal Dado.

Ela o olha como a uma criança de cinco anos.

Tempo...

Com esforço, ele mantém seus olhos nos dela.

Tempo...

- Estou decepcionada, querido... - finalmente comenta. - Até quem não estava lá percebeu o que aconteceu. E você não...?

- Deixe disso! - larga o pastel com um gesto largo. - Não está me dizendo que durante todo o tempo eles tinham o Dado e me mentiram a respeito?

- Claro! - natural. - Esperava que você se tivesse dado conta e só não dito nada por educação... - e conclui, fingindo desânimo. - Mas você nem se deu conta; o que é triste.

- Nem me dei conta? - não está bravo, só fazendo cena. - Nem me dei conta!? Que espécie de amigos são estes, que você tem!? Que espécie de amiga é você!? - no momento mesmo em que pergunta, ele sente o gosto ruim, mas já é tarde.

A mulher diz o que ele não queria ouvir:

- Não sou sua amiga, Cristiano.

As palavras chegando como trovão...

Na rua, de fato, troveja.

- Bem... - sem o que dizer, sem reação. - Eu...

Constrangimento para ele.

E um pouco de dor.

Desjejum.

Mas Manuela não sente pena. Deixa-o sofrer um pouco, aprecia-o sofrendo um pouco, depois torna-se gentil e, até certo ponto, protetora.

- Tudo bem, acalme-se. - fala baixo, macio. - Explico tudo, desde o começo, uma vez que você não conseguiu acompanhar. - termina o café. - Fomos aos gêmeos para ver o Dado Yessim. Ao dizermos isso, eles consideraram os riscos envolvidos e quiseram testar você, uma vez que me conhecem, foi você que quiseram testar. Para o seu bem. - Cristiano acompanha calado. - Então fizeram de conta que o tal objeto, tão valioso, havia sumido, para ver sua reação, e até certo ponto ela foi muito boa, ao que eles consideraram mesmo a possibilidade de "encontrar" o Dado para lhe mostrar. - ele segue atento. - Mas daí você veio com aquela história de "simplicidade". O que, perdoe-me a expressão, foi uma merda! - ela pensa que ele irá defender-se, mas não. - E concluiu, para meu espanto, ficando irritado, mal educado e confuso. Não esperava que lhe fizessem o favor de mostrar uma peça rara com você agindo daquele jeito? - tempo... - Esperava?

Ela prepara-se para uma explosão, mas não.

O pavio queima até o fim e...

Nada.

- Não sei o que aconteceu comigo. E imagino como devo ter parecido tolo.

- Somos todos tolos diante do Mistério.

- Creio que sim, mas... - mas... - Uma coisa ainda me é vaga. Duas, na verdade.

- Diga.

- Qual o problema em tomar o Dado Yessim por algo simples e o que há de tão perigoso nele, que eu não consigo ver? Não consigo mesmo.

Sabe aquela coisa de virar os bolsos do avesso?

Deixar os forros aparecendo para fora das calças?

Pois é... É Cristiano diante de Manuela.

Cristiano perante Manuela.

- Certo. Uma coisa de cada vez. - reflete melhor. - Mas uma coisa leva a outra. Veja:

Aquele primeiro atendente aproxima-se da mesa uma vez mais. Anota novos pedidos e se retira, as pressas. Cristiano estranha o esforço que ele faz para não olhar Manuela, mas decide nada perguntar a mulher. Deixa o Mistério ser Mistério. Ela segue falando:

- O único problema de tomar as coisas como simples é o risco de nos tornarmos superficiais. Há uma grande e perigosa diferença entre a simplicidade e a superficialidade, enquanto a primeira nos liberta de demasiadas precauções, o que é bom, a segunda nos torna ignorantes e pretensiosos.

O rapaz nada diz, mas demonstra concordar.

Junto desta mulher, está sempre cheio de idéias paralelas...

Mas é melhor ficar de boca calada.

- E quando o assunto é tão controverso quanto o nosso... Bem... O jeito é prevenir, pois não há remédio. E a última coisa da qual se precisa é de pretensão diante do desconhecido. - observa-o, analítica. - Entenda da seguinte maneira: Quando uma situação nos escapa, todos sofremos, uns mais, outros menos, de acordo com o que somos. De acordo com a bagagem que carregamos pela vida. Todavia, os pretensiosos, que se iludem quanto ao tamanho dos seus conhecimentos, sofrem muito mais ao descobrir que não estão no controle. E além do que, por mais que se saiba, nunca temos o total controle. Total controle nem mesmo existe!

Meio pastel folhado sobre a mesa.

Aguarda por uma resolução.

Solitário como ele só.

- A simplicidade tem seu valor, um alto valor, quando legítima. Muitos mestres, a propósito, afirmam que o caminho da felicidade parte da simplicidade, mas deve ir além. E é claro que sempre cabe perguntar o que são simplicidade e felicidade?

- Sabe Manuela, admiro você. - comenta tranquilo. - Entre muitas coisas confusas que sinto, de uma ao menos tenho certeza; admiro você. É tudo vago e sem sentido desde que estamos juntos por aí. Dá medo e faz rir. Irrita, acalma. Antes eu tinha tanta certeza de tudo que nem pensava nisso. Os dias passavam rápidos, todos iguais. Agora... - faz um amplo gesto com as mãos, dá de ombros. - Sei lá.

A garçonete, breve e educada, serve a mesa novamente e sai.

Na rua, um pouco mais de luz. Um pouco mais de gente.

Rajadas de vento frio. Guarda-chuvas.

O específico modo como as luzes refletem nas poças d'água.

E na padaria, o aroma de pão saindo do forno.

O amanhecer de um daqueles dias úmidos e cinzentos nos quais é delicioso poder ficar em casa, recolhido confortavelmente, longe das ditas obrigações. Viver, não sobreviver. Pena que essa liberdade, essa pequena liberdade de poder não ir, poucos têm.

Liberdade de ir e vir, afinal, não é liberdade de ficar.

Essa liberdade poucos tem.

- Respondi só metade da sua pergunta.

- Sim. Prossiga.

- O perigo no Dado Yessim é o mesmo perigo presente em qualquer coisa que faça ligação entre diferentes realidades, diferentes tempos, diferentes lugares. Se funciona para um lado, também funciona para o outro.

Uma pancada!

Som repentino que perdura...

Dispara um alarme.

- Continue...

- Raciocine comigo: Se existe um objeto com o qual você pode chamar os mortos, e os mortos vêm, se com esse objeto você pode, portanto, invocar os mortos, por que eles não podem chamar você? - leva as mãos na direção do rosto do jovem, os longos dedos, um movimento sem sentido. - Por que eles não podem invocar você?

- Não tinha pensado nisso... - diz de si pra si, saboreia um medo recém chegado.

- Se você pode trazê-los, eles podem levá-lo, com o mesmo objeto. E nem foi feito com esse fim, mas... - sorri enigmática, enquanto ele digere a informação. - E então? É perigoso o suficiente para você?

- Evidente.

Alguém desliga o alarme.

- Aqui podemos relacionar também com o primeiro ponto. Em tal caso, ajudaria sermos pretensiosos? - aguarda...

Ele nega com a cabeça.

Não, não ajudaria.

- E é só o começo. - toma café. - Um dado é feito para jogar, certo? - ele confirma. - Jogos envolvem sorte e azar, perdas e ganhos... Para jogar é preciso saber lidar com isso. Saber perder, saber ganhar. Saber interpretar se estamos em um dia de sorte ou de azar. Compreender como funciona o Destino e o Arbítrio. Conhecer as regras do jogo. Tudo isso está em jogo. É o jogo. - ela começa a comer aquele meio pastel. - O que nos traz uma pergunta ou duas. Com quem se está jogando quando usamos o Dado Yessim? E o que temos a ganhar ou perder?

Uma rajada de vento e chuva percorre todo o salão da padaria.

Um calafrio acabou de entrar. Veio comprar pão quente.

- Responda.

- Como? - Cristiano, pego de surpresa.

- Perguntei com quem se está jogando?

- Sim... Hã... Estamos jogando com os mortos, claro.

- Tem certeza?

- Sim. - seguro. - É pra falar com os mortos, não?

- É. - ela está séria. - É pra falar com os mortos. O jogo consiste em falar com os mortos, usando o Dado, mas não é com eles que jogamos. Não necessariamente. Não obrigatoriamente. Existem outros envolvidos. - lembra do forte cheiro do fumo. - Fazemos uma pergunta, rolamos o Dado, de acordo com a face que cai, interpretamos a resposta, supostamente dada pelos mortos. Supostamente. Mas sempre existem outros envolvidos, que interferem. O jogo mesmo, o grande jogo, esta sendo jogado por outros que não nós, nem os

mortos. - arremata. - Está sendo jogado por aqueles que permitem que o jogo exista e funcione. Chame-os como quiser... Jogadores cósmicos, Mestres do universo, Deuses... No final, são eles que realmente jogam. Nós somos somente as peças.

- É difícil ter certeza, mas acho que compreendo o que você está dizendo. - faz um esforço físico, tanto quanto mental. - Está meio vago ainda. Mas acho que captei.

- Tudo bem... - mais café. - No começo é assim. Mas, e o que temos a ganhar ou perder? Enfim, o que está em jogo? - ela espera...

- Informação...? - ainda em dúvida.

- Exatamente! - satisfeita. - Você acertou na mosca! - retoma. - Embora não seja só isso. Mas o principal é, sem dúvida, informação. E o perigo que envolve a informação, você compreende, não?

- Claro. Informação sempre envolve riscos.

- O que dizer então de informação sobre a Morte. Assunto sempre carregado de controvérsias, tabus, medos...

- Precisamos saber lidar com tudo isso. - diz o rapaz, agora mais seguro. - Saber só, não garante o bom proveito do conhecimento.

- Esse é o espírito da coisa. - Manuela confirma e conclui. - O Dado Yessim, antes de nos permitir saciar nossas tolas curiosidades, propõe um jogo entre a Vida e a Morte. Nós somos a Vida, eles a Morte. E este é um jogo no qual se ganha informação e se perde aquilo que éramos antes de ter tal informação. Perdemos a infância, perdemos a ingenuidade, perdemos a segurança do não saber. Trata-se de um objeto que liga dois mundos bastante distintos, para o qual precisamos de preparo para usar. Precisamos de legítima simplicidade, precisamos de consciência dos riscos envolvidos e não precisamos, de modo algum, de qualquer espécie de pretensão. - tempo. - Mais tranquilo agora?

- Sim. Obrigado.

- Compreende melhor os motivos dos Grigio?

- Bem melhor.

Com uma sacola de pães quentinhos, o calafrio vai embora.

Cristiano e Manuela ficam mais à vontade para terminar seu desjejum.

Em uma estranha espécie de paz. Por longo tempo.

Várias vezes são servidos. Várias vezes se servem.

Manuela come fartamente, bem mais do que seu corpo denuncia.

O rapaz a acompanha por educação, mas está mesmo é com sono.

De costas para a porta, por onde entra uma úmida aragem, e no estado de cansaço no qual se encontra, não é de se surpreender que esteja prestes a apagar novamente. Apóia a cabeça nas mãos, com os cotovelos sobre a mesa. Os olhos pesados, a respiração profunda. Prepara-se para falar qualquer coisa ao que a mulher lhe faz sinal de silêncio, o cenho franzido dizendo que não, e aponta com o queixo para algo atrás dele. Volta-se devagar, olhando por sobre o ombro esquerdo.

Invisibilidade é a palavra.

Os Cientistas acreditam que se for possível, através de algum processo, fazer com que um objeto não reflita nem refrate a luz, este objeto tornar-se-á invisível aos olhos humanos.

Eles procuram por este processo pesquisando em áreas como a ótica e a química, entre outras. Mas vale lembrar que deste modo, a invisibilidade anularia apenas uma de nossas capacidades de percepção, a visão, deixando as quatro demais livres para agir. Poderíamos, por exemplo, tocar tal objeto, a despeito de não o estarmos vendo. Poderíamos cheirá-lo e experimentá-lo caso fosse um fedorento e delicioso queijo parmesão, ou ouvi-lo no caso de ser um trinante rouxinol. Ele estaria lá, só não o veríamos. Contudo, ao que sabemos, nossos Cientistas ainda não são capaz de tornar algo invisível. Tudo não passa de muita teoria e exaustiva pesquisa.

Contrapartida, os Mágicos, é do nosso inteiro conhecimento que há séculos vêm fazendo as coisas sumirem, com a maior facilidade. E o que mais impressiona, preferivelmente diante de grandes e animadas platéias, afoitas por descobrir como. Contudo, eles nunca negaram que para tanto se utilizam dos mais variados truques para atrair e desviar nossa atenção. Como também não negam que, depois de desaparecer, o objeto em questão não mais está lá. Seremos incapazes de percebê-lo com qualquer um dos nossos sentidos. Eles nos iludem e levam a crer que desapareceu, mas em verdade ainda existe embora não mais esteja lá, nada mais que isso.

Dois diferentes métodos para atingir o mesmo objetivo, que nos servem de introdução para o assunto que nos aguarda. O terceiro método. A forma terceira. Trata-se de uma diferente idéia, dentre infinitas outras com as quais não lidaremos, que não é nem mágica nem científica. Esta forma de invisibilidade está baseada em uma teoria simples que afirma que não podemos ver aquilo em que não podemos acreditar. Alega que se não formos capazes de compreender, de abarcar dentro das possibilidades de nossa sabedoria, também não seremos capazes de ver, porque nos escapa de algum modo. Tornar-se-á invisível para os nossos olhos por não existir dentro dos limites da nossa realidade. A esta última forma de invisibilidade, poderíamos chamar de invisibilidade mística. Misteriosa ou mesmo filosófica. Diferente das duas anteriores, quer você acredite ou não, quer você queira ou não, ela é real, possível e largamente utilizada por uma infinidade de seres que diariamente convivem conosco, interferem em nossas vidas e nós nem sequer notamos.

Enquanto olham para fora da padaria, nenhum dos dois está pensando em nada disso, mas se fossem levados a pensar, é bem provável que considerariam válidas todas as três possibilidades, principalmente a terceira, visto que nenhum deles nota o mesmo que o outro. Ao menos não imediatamente.

Manuela vê alguém do outro lado da avenida, com a mesma certeza com que vê Cristiano entre ela e aquele outro. O jovem, contudo, em um primeiro instante, somente vê a calçada vazia; o que seria tudo até alguns dias atrás. Agora, porém, isso mudou de verdade e ele tem a sensação de que algo se esconde lá, próximo ao poste de luz, algo que a mulher já viu e ele está prestes a ver. Quer ver porque acredita em Manuela e decidiu participar do seu mundo. Precisa ver se quiser ajudá-la. Assim, sua percepção é gradual e mais intensa a cada novo elemento que lhe surge.

A coisa toda começa como um conceito sujo e mal cheiroso. Ao lado daquele poste de luz não há ninguém, mas poderia haver qualquer um. Poderia haver qualquer um com seus andrajos asquerosos. E a possibilidade é tudo. Soam as trombetas! Duas, cinco, onze

trombetas! Essa possibilidade lhe evoca a imagem de um maldito rei, o rei da rua, o rei do lixo, o rei das moscas... O Rei dos Mendigos!

Por cetro e cajado, pois se trata de um sábio monarca, uma vassoura de palha, que ele segura de ponta-cabeça; por coroa um boné "I Love NY", com a aba para o lado esquerdo. Os dentes podres, a longa língua, os olhos opacos, o sorriso doentio.

O Rei dos Mendigos lhe olha nos olhos, a língua lambendo o nariz. Cristiano regurgita e engole o café da manhã, em um só movimento morno e azedo.

Agora viu.

- Quem é aquele? - pergunta.

- Estava na parada de ônibus quando nos conhecemos, mas você ainda não podia vê-lo; nos está seguindo desde então. Sempre que nos vemos, está por aí. - balança a cabeça, apreensiva. - Não sei quem é.

- Simpático, não?

- Sobremaneira.

Por algum tempo ele fica lá, deixando-se ver. Observando. Então passam alguns carros e, para o bem estar de todos, ele se vai. Por enquanto.

- Se foi.

- É.

- Nossa! - exclama. - Com essa até perdi o sono!

- Melhor. Temos muito pra falar. - confere mentalmente alguma coisa. - Vamos embora?

- Por mim tudo bem. - o sono se foi mesmo. - Vamos.

Deixam a padaria e entram no carro. Cintos de segurança. O rapaz dá a partida. Lembra-se de que precisa telefonar para o escritório. Agora já deve ter alguém para atendê-lo. Nas calçadas por onde passam, procura por um telefone público. Avista um, reduz e estaciona do outro lado da rua.

- Preciso fazer uma ligação. - diz repentino. - Você aguarda aqui?

- Claro. Mas não demore... - é medo que ela traz nos olhos. - Não me deixe.

- Só um minuto. - olha para o telefone há menos de cinco metros do carro. - É ali, veja.

Seus olhos estão dizendo: Eu sei que é ali, mas você sabe que não faz diferença!

Ele entende a mensagem e faz uma vistoria nos arredores. Não há nada.

(Grande coisa...)

- Já volto. - espera passar um ônibus e atravessa a pista.

Manuela o observa se afastando na rua vazia, depois sumindo parcialmente sob a cúpula verde do orelhão. Diz para si mesma que ele está bem e resolve revirar o porta-luvas novamente, tentando relaxar.

"Mas relaxar como, comigo sozinha aqui dentro ele sozinho lá fora?" Pensa e procura por ele. Encontra. E vê que não está sozinho.

Cristiano termina o telefonema satisfeito e tranqüilo; agradece a compreensão, desculpa-se, despede-se. Põe o fone no gancho. Retira seu cartão. Ao voltar-se para sair, fica cara a cara com o Rei dos Mendigos. Lábios carnudos, rachados, repletos de feridas emolduram os dentes quebrados, feitos em pontas irregulares. E um hálito quente e repulsivo, como esgoto exposto ao Sol. Prende a respiração, escuta as palavras:

- U Cara mandô dizê qui a seta mostra u caminhu, mais tu só segui si quizé.
- Quê? - ouviu bem, mas foi pego de surpresa. - Não entendi... - nervoso.
- A Mariposa... - aponta para Manuela dentro do carro. - Ela num manda em ti, meu.

O maltrapilho esbarra nele e se afasta rindo baixinho.

Cristiano arrisca uma idéia repentina; muito rápido:

- Quem é "O Cara"? - grita para o outro, que se volta.
- U Cara, ué! - e aponta para o chão; depois parte.

O jovem não sabe o que pensar, enquanto o outro vai embora. Resiste a todos os pensamentos que tem. Não entendeu nada. Não quer entender.

Manuela, que viu tudo, mas não ouviu, lhe faz sinal para que volte.

Olhando para ela, ele desce da calçada para o asfalto e quase é atropelado por uma carroça que passa! Som de cascos no asfalto, cheiro do estrume de cavalo no ar.

"Mas que merda!" Pensa irritado, sem nem ouvir os insultos do carroceiro. "Mas que merda mesmo!" Repentinamente está irritado consigo tanto quanto com a mulher. E com toda a situação. Entra gritando no carro:

- Quando isso vai acabar!? - bate a porta. - Fale, droga!! Quando vai acabar!? - ela esboça uma resposta, mas ele não dá espaço nem tempo. - Você não viu a maldita carroça vindo!? O que quer!? Quer me matar!? É isso que quer!? Me matar!?

- Perdão... Eu...

- E aquele... - falta-lhe o ar. - Aquela coisa!? Você sabia que ainda estava por perto, não sabia!? - berra mais alto! - Não sabia!?

- Eu... O que ele disse...?

- Sei lá o que ele disse! Não importa o que ele disse! Você sabia ou não!? Responda!

Aguarda pela resposta. Agitado.

Tempo. Bastante tempo.

- Imaginava.

- Ah! - leva as mãos à cabeça, massageando as têmporas; controla-se... - Quando isso vai acabar...? - desiludido. - Quando isso vai acabar...?

Lado a lado, longamente. Nada dizem um para o outro. Longamente.

Até que:

- Perdoe-me, Cristiano. - fala baixinho. - Tornei sua vida um caos, não é?

Ele balança a cabeça em contida afirmação. Preocupado, respira fundo.

- Precisamos de um plano. - diz sem olhar para ela. - Estamos vagando por aí, sem um objetivo definido... Precisamos elaborar um plano para resolver essa situação. Encontrar um Norte, um rumo válido.

- Passei minha vida toda nessa situação, querido. - controla o tom da voz para não irritá-lo mais. - Não acha um pouco pretensioso da sua parte, querer resolvê-la assim, de um momento para o outro?

Ele só olha para ela.

Sério.

- Tudo bem... Tudo bem... - em tom de desculpa. - Façamos um plano, então. Um rumo.

- Você pediu ajuda, não pediu...? - ele se controla.

- Tudo bem.

A partir daqui a mulher deixa que ele guie, ou pense que guie, pois está claro que a mudança já teve início e que não parará mais até o derradeiro momento. "Precisamos de um plano." Ele diz. "Um rumo." Mas mal sabe que desde o princípio Manuela sempre teve um plano. Um plano contra o qual ele não tem a menor chance. Ela já indicou um caminho.

Um plano... Um rumo...

- Sabe... - resolve falar, agora completamente calmo. - Ainda existem muitas coisas que não compreendo. Nisso tudo, tanto quanto em você. Muitas perguntas que lhe preciso fazer. Depois de vê-las respondidas, quem sabe possa lhe ajudar de fato. Talvez possamos nos ajudar mutuamente, conversando. Conhecendo-nos melhor.

Está melhor. Bem melhor.

Cada vez mais comum essas variações de humor.

Uma nova dinâmica que se estabelece.

- Aquilo que eu for capaz de fazer por você, querido... - solícita. - Farei com todo prazer. Pode perguntar. Não farei segredos, desde que pergunte.

Põem-se a pensar... Pois é...

O carro está silencioso. A rua está silenciosa. O mundo é só silêncio.

Rompendo com o silêncio, fala o rapaz:

- Minhas lembranças mais antigas são em Não Há Losna, nasci e fui criado lá, é onde vivo até hoje. Só vivi lá, afinal. Naquela casa passei por coisas boas e ruins, tristes e felizes. As festas de Ano Novo, Páscoa, Natal. A morte do meu pai. Minha Primeira Comunhão. Lembranças de todo o tipo... Contudo, por mais que procure, por maior que seja o esforço que eu faça, de uma coisa não consigo lembrar, pois uma coisa jamais me aconteceu naquele lugar: Jamais tive medo. Pelo menos não até você chegar... - fala sem olhá-la, com uma avassaladora sinceridade. - Aquela coisa de encontrá-la debaixo da mesa, naquele estranho estado, foi a primeira vez em toda a minha vida naquela casa em que tive medo. Medo mesmo. - agora sim, a olha nos olhos. - Quero que me explique da melhor forma possível, o que foi que lhe aconteceu.

- Bem... Acredito que já tenha falado isso, mas não custa repetir que o que me ocorreu nada tem a ver com a sua casa e sim comigo, não se preocupe...

- Sim, você já disse. Eu entendo.

- Pois, o que posso dizer é que havia alguma coisa lá quando chegamos. Sabia que iríamos pra lá e se antecipou a nossa chegada. Estava nos esperando. Esperando-me. - tempo. - Bastou que eu ficasse sozinha para me atacar. Lembra-se que eu disse que havia sido atacada?

- Sim.

- Foi isso. Fui, uma vez mais, atacada por alguma criatura com seus insondáveis motivos.

- Qual criatura?

- Não sei, pois não a vi. Mas você quase a viu... Foi por pouco.

- É. Eu a ouvi. - pensa um pouco. - Acho que a chutei. - arrepia-se involuntariamente.

- Sim, você a chutou quando entramos.

- Certo. E foi tê-la encontrado que lhe deixou naquele estado?

- Precisamente. Trata-se de um estado de choque pós trauma. - fala bastante à vontade com o assunto. - Acredito que o contato repentino com algo por demais diferente disso que somos, algo de outra origem, de outro lugar, gere aquela dificuldade que você me viu passando. Um violento e repentino estado de choque. - acrescenta. - Já passei por isso inúmeras vezes, mas quase sempre sozinha.

- Por que o que eu vi, depois, aquela gente toda, não me causou o mesmo?

- Não faço idéia. - sincera.

- Lembro-me de apagar por um momento, mas nada tão drástico.

- Que posso dizer...? - raciocina. - Somos diferentes pessoas, com diferentes reações. Além do que, o que você passou foi bem diferente do que eu passei.

- É verdade. - ele admite. - Você tem razão. Foi de arrepiar!

- Aquela sua percepção da massa de pessoas mortas, embora muito impressionante, não costuma fazer mal algum. Os mortos, em geral, não nos causam mal. É só saber lidar com eles. Os fantasmas, ao contrário, sim. Esses são muito perigosos.

- Por que os mortos são tão inofensivos, em oposição aos fantasmas?

- Por que não querem nada com nada. - espontânea. - Em grande parte das vezes, nem nos notam. Só ficam lá, de bobeira, enquanto esperam por uma definição dos seus casos. Os fantasmas, no entanto, têm problemas. Sérios problemas. Que costumam fazer questão de compartilhar conosco.

- O que você viu, então, não foi um fantasma?

- Não. - direta. - Muito menos um morto.

- Estará lá quando voltarmos?

- Não há como saber.

Trocam sorrisos amarelos.

- Se eu for pra lá... - ela acrescenta. - Provavelmente estará.

Os dois se arrepiam.

Uma pedra de gelo que desliza da nuca até o final da coluna.

- Se eu entendi bem... - ele considera o que pretende dizer... - Pode estar aqui.

- É. - em um breve instante seus olhos se esvaziam. - Pode. Você entendeu.

- Só depende de nós.

- Exatamente.

- Precisamos dar um basta nisso.

- Concordo... Mas, de que modo?

Ele se estica todo no assento do motorista, boceja, coça a cabeça, sorri.

- Já pensou em procurar um padre?

Manuela estoura em uma gargalhada instantânea, que de pronto contém.

- Perdão. - morde o lábio inferior, marota. - Não pude me conter.

- Tudo bem... - ele diz compreensivo. - Foi uma pergunta tola.

- Não há nada de tolo. Mas não sou cristã...

- Eu sei. É que eu sou. Cristão Católico, como sabe.

- Sim.

- Respeito e admiro o sacerdócio, ouve tempo, na minha adolescência, em que até considerei dedicar-me a ele.

- E por que não se dedicou?

- Não tinha a vocação. Além do que, é muita responsabilidade.

- Contrapartida, a vocação pelo matrimônio você também não desenvolveu, não é?

- Ora! Ainda sou jovem. Dê-me uma chance...

- Quem sabe eu lhe dê uma chance... - Manuela maliciosa...

- Promessas, promessas...

Olhos, lábios, sorrisos, todos maliciosos.

Antes não era assim.

- Em quê me ajudaria um padre?

- Bem... Depende do padre. Teríamos que encontrar um, expor a coisa toda, e pedir ajuda. Uma coisa é certa. Os padres nunca negam ajuda a ninguém.

- Sei... - incrédula. - Mesmo aos não-cristãos?

- Bem... Daí depende do padre.

- Pois é.

- É.

- Melhor continuarmos nossas buscas.

- Concordo.

A mulher se ilumina.

Há uma brasa incandesce no interior do seu peito. Uma misteriosa fonte de luz que se avoluma, ganhando brilho e calor, pulsando e estendendo seus raios para todo o corpo. A pele ficando translúcida, como o bojo de um abajur, a cor das roupas dando lugar para o branco puro da luz viva. Seus olhos são como faróis, os dentes, pequenas peças de porcelana, há uma poeira cósmica recobrando seu corpo, esvoaça ao redor de sua mão, quando estala os dedos em um gesto satisfeito.

- Já sei! - tudo volta ao normal. - Antes disse que queria me conhecer melhor, para poder me ajudar. Não foi?

- Foi. - ele não viu nada.

- Pois tenho uma idéia de como faremos isso. - ele demonstra interesse e ela conclui. - Acredito que nossa casa fala muito de quem realmente somos. Conheço sua casa, mas você não conhece a minha. Quer conhecer?

- Sem dúvida que sim. - responde admirado com o convite. - É algo que não pensei que faria. Do modo como as coisas têm sido, não me admiraria nem um pouco se você nem tivesse casa.

- Mas que idéia mais maluca! - exclama altiva. - E pr'aonde pensa que eu vou quando nos separamos?

- Sei lá. - procura a resposta no painel do carro. - Talvez simplesmente suma num torvelinho em seus próprios cabelos, ou numa piscada desses seus olhos sem fim. Não sei. Você afinal é só mistério e nada mais...

- Nossa! Que coisa deliciosa de se ouvir... - pensa. - Meio maluca, mas... Obrigada.

- Tudo bem.

- Vamos lá, então?

- Vamos.

- Ligue esse motor que eu lhe mostro o caminho. - fala recolocando o cinto, já que ele tanto insiste. - Estou pronta.

Partem pela rua enquanto ela passa as instruções:

- Sabe esse grande hotel que temos aqui no centro?

- Sei. Na Lima e Silva?

- Esse mesmo. Eu moro no edifício que fica na rua dos fundos do hotel. Você conhece? Um todo pintado de vermelho vinho e creme, com aquele brasão decorando os portões. Sabe de qual falo?

- Mas é claro que sei! Está falando do Condomínio Fênix! - bastante impressionado. - Mais de vinte andares de bom gosto e luxo absoluto. Não acredito que mora lá... É o lugar mais caro da cidade, tanto que dizem ainda possuir apartamentos vagos, mesmo depois de anos que está pronto.

- É esse aí. - desdenhosa. - Acredite, é bem solitário. No outro apartamento do meu andar não mora ninguém, nem no andar de cima. Nunca morou. Eu mesma inaugurei o meu.

- Nossa! Sempre tive curiosidade de ver como é lá dentro...

- Bem... Agora verá.

Transitam um pouco.

Chegam momentos depois.

O pequeno carro popular diminui a marcha diante das muralhas de granito rosado que limitam e protegem o pátio privativo do qual o condomínio dispõe. Manuela indica a entrada dos veículos, onde param ao lado de uma guarita embutida à muralha e são avistados por um vigilante, que ao reconhecê-la, cumprimenta e faz se abrirem os pesados portões de madeira maciça. Correm para os dois lados, suaves e silentes, apesar da dimensão que têm. Do entalhe destes, poder-se-ia dizer que reproduz o interior de um bravo vulcão ou quem sabe as próprias chamas do inferno. Dividem-se ao meio, essas chamas, bem como a grande Fênix dourada que habita o escudo vermelho, seus olhos duas esplêndidas pedras verdes, em uma face severa levemente voltada para a própria direita. O escudo heráldico tem pelo menos uns dois metros, e os portões permitem facilmente a entrada de um grande caminhão baú. E tudo isso sob um telhado com corredor interno e janelas, por onde os vigilantes também podem circular, ao modo do que se faz nos castelos medievais da Europa.

Cristiano está deslumbrado.

Uma criança entrando em um circo pela primeira vez.

Este circo, porém, está deserto; vazio.

- Que loucura! - brilham seus olhos. - E pensar que tem gente que mora aqui!

- Eu moro aqui. - ela informa.

- Pois é... - sem palavras, diante do caprichoso jardim que se esparrama ao redor do carro, ao longo de uma sinuosa via que conduz para as garagens subterrâneas. Suaves ondulações verdes recortadas por carreiras de flores multicoloridas. - Parece-me um lugar para ser visitado, mas não para se morar. Como um clube... Uma colônia de férias... Sei lá...

Ela vê graça e beleza na espontaneidade que ele demonstra. E gosta do que vê.

O menino Cristiano não sabe para onde olhar primeiro.

Procura leões enjaulados, a mulher barbada.

Onde estão todos? Aonde foram?

No interior da garagem, no espaço reservado para os três carros que Manuela não tem, e nem precisa, Cristiano estaciona o seu, que fica definitivamente deslocado entre os demais. Um primo pobre. As lanternas da "pick up" ao lado, valem mais que todo o seu carro mil. Câmeras por toda a parte, e o rapaz fica um pouco desconfortável, porém... Não tem do que reclamar. Queria muito estar aqui, e está. Desejava isso por ser o lugar de sonho que é, além de ser a casa desta mulher que lhe surpreende sempre mais. Uma grata surpresa ela morar aqui. Uma conveniente surpresa. Assim ele satisfaz dois desejos de uma só vez. Conhecer sua casa, e o dito condomínio.

Depois de percorridas dezenas de metros de subterrâneo, tomam um dos elevadores rumo ao décimo quinto andar. Espelho de cristal, carpete de veludo vinho... O painel de controle, como um computador de última geração; informa hora, temperatura, entre um monte de outras coisas que eles nem identificam. O elevador, uma proporcionada mistura de anfiteatro e nave espacial, muito amplo, rápido e silencioso. Nesse espelho tão limpo, ele parece dez vezes mais cansado... Sujo. Amarrotado e sem jeito, diante de mais uma câmera, que nem sabe estar ali.

- Sorria... - diz Manuela. - Você continua sendo filmado! - olha para o espelho.

- Espero que no interior dos apartamentos não haja câmeras também... - brinca ele.

- No meu não. - diz ela. - É um opcional que dispensei.

- Ótimo!

Um sininho antecede a abertura das portas do elevador. Mostra-se então um amplo saguão aos moldes de uma sala de estar de palácio renascentista. A totalidade da parede em frente dominada por uma imensa pintura a óleo em larga moldura dourada, retratando uma paisagem natural grega, com ruínas de pilares em mármore sobre uma colina ao fundo e oliveiras floridas no primeiro plano; e sobre tudo um céu azul, de um azul mais pleno do que o do próprio céu. É possível sentir o vento fresco tocando as nuvens, tão vasta é esta obra de arte, o que faz o lugar que é grande, parecer ainda maior.

Mais uma caminhada até a porta do 1501.

- Chegamos. - fala, retirando da bolsa (Claro que ela tem uma bolsa!) um pequeno objeto preto, no qual aperta alguns botões para que a porta se abra. - Quem diria que as chaves também saíam de moda, hein?

Ele sorri.

Entram.

Gradualmente as luzes se acendem sozinhas; nasce um Sol particular. A porta também tem vida própria; fecha-se sem que se precise mandar. E Cristiano confirma que aqui dentro não é diferente de ali fora. Existe bastante espaço e ainda mais luxo. Aqui, somente de uma coisa sente falta:

- Onde estão os seus móveis? - pergunta ao atingirem a sala principal, na qual caberia a sua casa, mas não há nada além do eco de sua voz. - Você os tem, não tem?

- Não tem? - intromete-se o eco.

- Pouquíssimos. - dá de ombros. - Só os necessários, os indispensáveis. - e acrescenta. - Isso de ficar mobiliando e decorando o apartamento é pra quem não tem o que fazer... Sou muito ocupada. Além do que, alguma mobília útil o apartamento já possuía na compra.

- Quer dizer que ele é seu?

- É seu? - questiona o eco.

- Mas claro, querido! Já imaginou o quanto custaria pra alugar um lugar desses?

Não entende totalmente a interrogação, mas quem se importa? Acompanha-a até um outro amplo cômodo, onde estão esparramados e amontoados pelos cantos, vários diferentes objetos artísticos. Por um breve momento, ele recorda os Grigio. Ali estão alguns quadros, com e sem molduras, também umas molduras avulsas, variadas em cor e estilo. Esculturas em metal (Petit-bronze.), argila (Cerâmica.) e pedra-sabão. Um violino cerejado, descansa em um estojo aberto, muito pequeno; um instrumento que o rapaz jamais antes viu pessoalmente. Aqui é como o requintado depósito de uma loja de brinquedos para gente grande. Magnífico aos olhos! No fundo da sala, perto da janela fechada, um pequeno sofá com divã embutido, acomoda-se em "L" em um dos cantos. Esparramam-se ali.

Manuela confortavelmente estendida no lado divã, enquanto ele, sentado ao sofá, começa a pensar consigo.

"Era aqui o seu 'Local Seguro'?"

Olha ao redor. Tudo tão vasto e vazio. Um ambiente tão requintado e frio. Rico, extremamente rico e carregado de estilo, mas vazio, frio e sem coração. Muito estilo, muita personalidade, mas nenhum coração, nenhuma emoção verdadeira. Mesmo com todo este conforto, como é que alguém conseguiria morar aqui? É-lhe inconcebível que uma pessoa sintasse à vontade diante de tamanho luxo. Outra daquelas coisas que não existe em seu pequeno mundo restrito. Todas essas câmeras de segurança, os vigilantes, o incontável número de obras de arte presentes na decoração, e também aqui. Há uma fortuna em objetos de arte só nesta sala, jogados pelo chão como se fossem trastes velhos. Era aqui o seu Local Seguro? Como? E mais importante do que essas duas perguntas... Por que deixou de ser? Por que deixou de ser aqui?

"Por que o seu Local Seguro deixou de existir?"

Olha para ela, deitada no divã.

Olhos fechados, mãos atrás da cabeça.

Também uma obra de arte.

Uma escultura.

Fria...

E sem coração.

Manuela como seu lar.

"Por que o seu Local Seguro deixou de ser aqui, Manuela?"

Ela abre as pálpebras, como as cortinas de veludo de um teatro abandonado.

- Por que não descansa um pouco? - pergunta, lânguida como ela só.

Ele concorda, deitando-se a partir dela para o outro extremo do móvel, enquanto a mulher torna e fechar os olhos e, ao seu modo, relaxa; a última coisa que vê é o topo da cabeça de Cristiano; os cabelos revoltos. E diante dele agora, nada mais que a grande sala

com seus objetos abandonados. Seus olhos pesam... Ardem... Bastou estender o corpo para perceber o quanto este está cansado. Cansado, ouve a própria voz distante...

- Você faz idéia de por que o seu Local Seguro deixou de existir? - ele pergunta.

- Existir? - pergunta o eco tomando emprestada a sua voz.

- Manuela, ainda está aqui? - ele acha que ela está dormindo.

- Aqui? - novamente o eco intrometido.

"Eu que tinha sono e ela que dorme..."

Pensa Cristiano, despreocupado. Desinformado, o coitado...

- Tudo bem, pode dormir que estou aqui... - sussurra para a mulher.

- Estou aqui... - também sussurra o eco, mas com muito mais nitidez.

O rapaz torna a sentar, imediatamente! O susto lhe renovando a lucidez.

(Talvez...)

"Que merda é essa?" Explode, olhando ao redor!

Irrompe-lhe uma descontrolada profusão de considerações, que buscam responder a sua pergunta o mais rápido possível. As incômodas memórias das recentes experiências remexem em seus temores. Precisa aplacar seus temores antes que o controle lhe escape. Precisa manter o controle. Manter o controle. Controle.

(Controle: Aquilo que de fato não existe.)

"Foi o eco." Argumenta... "Controle-se! Foi o eco!"

Um argumento solto no espaço.

O dito controle retirando-se na ponta dos pés.

Devido à vazia dimensão do ambiente, à falta dos móveis e o silêncio que impera, não resta dúvida de que foi o eco. Sim, foi o eco. Tem que ser o eco. Tenta se convencer. Somente o eco da sua voz. O eco óbvio e sem identidade. Embora o timbre e o compasso tenham sido outros, completamente diferentes dos seus. Embora o som não tenha repercutido nas paredes ao redor, como deveria ter feito, mas sim partido de um específico ponto do outro lado da sala. Reza para que tenha sido somente o eco da sua voz. Sim, às vezes o eco comporta-se desta forma excêntrica, surgindo de onde não deve surgir, remedando-nos com uma voz diferente da nossa. Sim... Muito comum o eco ser completamente diferente do som de origem... Muito comum...

"Mas que idéia idiota é essa?" Replica-se.

Ao seu lado, a mulher ressonando em suave e profundo abandono.

Sente-se só. Ele sim, abandonado.

Considera chamá-la para que acorde e fique com ele, mas tem pena de interromper o seu merecido descanso, além do que está com medo de pronunciar qualquer coisa que possa fornecer matéria prima para o terceiro ser que sabe que também ocupa a sala. Sabe, do modo como o contato com Manuela lhe tem ensinado a saber. O próprio ser, seja este quem for, confessou estar ali. "Estou aqui..." Sussurrou para ele, como se o convidasse para um passeio repleto de segundas intenções. "Estou aqui..."

Está aqui, aguardando.

O caçador que espera nas sombras.

Por toda a parte.

E em lugar nenhum.

Ele nem imagina o quanto agora se parece com Manuela.

Cristiano levanta do sofá e dá alguns passos em frente, pretendendo melhor investigar o que se passa, mas pára no exato momento em que percebe que também o som dos seus passos está sendo roubado para que o eco se mova e se aproxime, como quem demonstra, desprezível, que não há como barrar seu avanço. Não há como lhe escapar. Jamais gaste energia em uma fuga inútil, dizem os mestres. O jovem pensa nos mestres; afinal quem são? Quando pára, prendendo a respiração, como instrui a cartilha do medo, ainda ouve perfeitamente dois passos firmes serem dados sobre o espesso carpete, vindo em sua direção. Poucos metros à frente, tal como ele, param e esperam.

Param e esperam... O jovem não sabe o que fazer.

Espera que a coisa se resolva.

Sente-se ridículo.

Mas...

Sentir-se ridículo não ajuda a espantar o medo. Encarar os fatos com ceticismo também não. Disso o medo se alimenta. Ele devora cétricos no desjejum. E os vomita ao meio-dia, para ruminá-los ao fim da tarde, e digeri-los definitivamente durante a noite. Na madrugada aguarda... Procura. Escolhe qual será o próximo cético ridículo a alimentá-lo, ao amanhecer.

Ridículo.

A coisa não se vai resolver sozinha.

E seu medo começa a ceder lugar para outro tipo de incômodo. Sente-se frágil, impotente. E isso muito lhe incomoda. Sente-se um tolo, um nada. Sente-se ínfimo diante de algo que lhe escapa à compreensão, algo de imensurável dimensão. O medo se desvanece e deixa surgir uma espécie de raiva. Uma irritação. Está irritado consigo próprio por tudo o que é e por tudo o que não consegue ser. Delineia-se aos poucos uma fantástica oportunidade para a autocrítica. O sonho de auto-conhecimento, de um covarde que nem sabe estar sonhando.

"Um grande covarde! É isso que sou."

Mas já não tem medo, o tal covarde.

"Um frouxo!"

Irritado.

Bem mais irritado do que com medo.

Lábios comprimidos sob um cenho fechado. A cabeça baixa, olhos fitando o chão. O tórax espremido entre os ombros caídos para frente, a característica respiração da ira. O ar que entra e sai dos pulmões com a dificuldade imposta pelo conflito de diferentes sentimentos; primeiro o medo, depois o ódio. O eterno medo do que está além, o medo do incompreensível, antagonizado pelo ódio de si pra si, o ódio do medo que se permite sentir.

A respiração marcada ecoa na sala.

O eco já pode respirar.

O eco respira diante dele.

O outro está ali.

Ao alcance da mão.

Respirando.

Cristiano em um supremo esforço, e com volume na voz, questiona:

- Quem está aí? Quem é você? - aguarda...

Aguarda...

E não há eco.

Aguarda ainda...

E não há nada.

Então:

- Sou você. - diz o eco aparecendo a sua frente.

Diante de Cristiano, um outro Cristiano, um eco de Cristiano, exatamente igual, mas outro ser. Mesma postura, mesmas roupas, mesmos olhos claros que ninguém jamais nota, porém outro ser. Diante um do outro, estudam-se sem se mover. São idênticos, mas não espelhados. (Trata-se de um eco e não um reflexo.) Idênticos. Em todos os detalhes, menos no olhar. (No olhar, não nos olhos.) O modo de olhar os distingue. Pois o primeiro está acima de tudo surpreso, depois de amedrontado e irritado, enquanto o outro jaz confortável em sua irônica existência recém concedida. O eco de um som. O eco de um ser. O eco quer ser, mais que apenas eco.

- Sou você. - ecoa o eco.

Que reação esperar de alguém diante de si próprio?

Através de uma intuição em pleno desenvolvimento, o rapaz finalmente se dá conta de estar diante de uma fantástica oportunidade para a autocrítica e o auto-conhecimento. Quantas pessoas têm na vida a ocasião de se encontrar diante delas mesmas, assim, sem mais nem menos? A intuição lhe diz para não perder a chance. Some o medo, some a irritação, e carregam junto o ridículo e o ceticismo. Pouco importa saber como é possível ou por que está acontecendo. As ilusões de certeza não têm mais importância. Ele sabe é que não pode deixar passar este momento, sem dele retirar o máximo proveito que for capaz.

Ele sente e ele sabe, e é assim que reage ao seu duplo.

Pessoas diferentes têm reações diferentes. É assim que reage Cristiano, que, como sabemos, está mudando gradual e continuamente desde que conheceu Manuela. Todas as questões que lhe ocorrem são substituídas por uma apenas:

"O que eu gostaria de saber a meu próprio respeito?"

Ele pensa, o outro espera...

"O quê?"

CONHECE-TE A TI MESMO.

A frase lhe ocorre como algo externo aos seus próprios pensamentos. Como que lhe ditada de dentro e de muito distante. Conhece-te a ti mesmo. Qual foi o filósofo que disse isso? (Nenhum.) Onde foi que a viu? (Descansa Em Larga Fachada Outrora Sagrada.) Conhece-te a ti mesmo. É uma boa idéia.

Pensa rápido.

Olha nos olhos do outro, que paciente espera, e pergunta:

- Por que sou como sou?

- Por que quer saber?

- Pra melhor viver.

- Melhor viver...

- Sei lá... Gostaria de entender melhor o motivo de algumas dificuldades que tenho freqüentemente. - fala como que se desculpando. - Por exemplo, por que tenho tanto medo de coisas geralmente tão banais para os outros? Como falar com estranhos ou fazer novas amizades, por que é tão difícil pra mim? É sempre muito complicado me aproximar de outras pessoas; quando elas vêm, eu fujo. De modo geral, estou sempre só. Mas não queria.

- Você é tímido. - diz o eco. - Qual o problema?

(É Cristiano conversando com seu próprio eco. Simples assim.)

- Não sou tímido. - nega, depois duvida. - Não sou tímido... Conheço umas pessoas tímidas e elas não sofrem nem a metade do que eu sofro, não chegam a ter problemas sérios como eu. Elas sabem de sua timidez, são conscientes dela, erguem a cabeça, estufam o peito e enfrentam-na. Comigo não é tão simples... - lamenta, depois conclui. - Tímido... Não, tímido não. Vejo-me mais como um solitário natural, porém inconformado. É isso. Um solitário inconformado. E acho que, no fundo, não quero enfrentar nada, ou nem quero companhia. Não quero mudar, acho...

- Não mude.

- Pois é... Não quero e quero. - confuso, busca melhor se expressar. - É que gostaria de ser diferente do que sou, queria uma drástica mudança em minha vida, mas quando penso no esforço necessário para que isso ocorra de verdade, sou tomado por um tipo de desconforto, um desânimo sem origem definida, uma preguiça ou algo equivalente, não sei! Queria que a tal mudança acontecesse sozinha. Sem a necessidade da minha participação, sem o meu empenho, entende? Quero e não quero. Gostaria que fosse como um presente, talvez uma dádiva. - o outro nada diz, somente escuta. - Tudo bem, talvez eu seja tímido... Admito. Exageradamente tímido. E um pouco acomodado. Mas... A minha pergunta ainda permanece: Por quê? - tempo. - Por que sou como sou?

Mais à vontade com a inacreditável companhia, o jovem caminha pelo grande salão. Meditativo. O eco o segue de perto. Esperto. No divã, a mulher adormecida sonha com ele, mas ele não sabe. Não há como saber. Ou talvez seja ele que sonha, imaginando-a dormir... Formam um triângulo absurdo, ela, ele e o outro.

O Eco, o Homem e a Mariposa...

- Tímido, solitário, confuso... Por que sou como sou?

- Entre ir e ficar, prefere ficar. - começa o eco. - É mais cômodo. Sua dúvida diante da decisão é falsa. Você sempre fica. Estagnado. Não gosta é de ter que decidir. Então sempre fica. Inerte. Uma pedra, que só se move quando chutada. E reclama. Uma pedra triste enlutarada, observando a Lua, a origem da pouca luz que lhe chega na eterna noite, tão distante e inatingível aquela Lua apaixonante. Uma pedra conformada de não saber voar, contenta-se com o luar; reclama das nuvens...

Cristiano ouve e não discorda. No peito, uma antiga tristeza vem.

- Sente-se um corredor vazio e desnecessário. - ecoa. - Muito raramente, alguém passa por você. E é sempre assim... Passam por você, deixam-no para trás. Pois você não é sala ou cozinha, não é um quarto e nem mesmo um porão. É corredor...

Manuela se move, mas não desperta.

(Por que deveria?)

- Mas é homem. - há um brilho nos olhos do eco. - E enquanto homem, sofre. Sofre com sua condição e não tem forças nem vontade para mudar. Espera que a casa seja demolida, que a Lua despenque do céu, mas não faz nada. Nada. Somente espera. Pois acredita que é apenas um homem, e enquanto homem nada pode. - tempo. - Uma triste condição... O magnífico ser, que tudo pode, convencido, por si próprio, de que de nada é capaz... O forte que se crê fraco, e que se faz fraco, devido a sua crença... Uma triste condição...

O eco silencia e aguarda por longos momentos.

Note-se que rapaz está chorando...

Sem suspiros ou soluços, apenas o correr das lágrimas.

Chora. Sem esperanças, chora.

Diante de si próprio...

Chora.

- Quer saber por que é o que é...?

Cristiano confirma, enxugando os olhos:

- Quero... - funga.

- Por que é um eco. - ri. - Só um eco.

"Eu? Um eco...?"

- Muitos anos atrás, uma criança nasceu e chorou. - o outro se aproxima... - Com esta criança, nasceu um manancial de possibilidades. Uma explosão de vida e vontade, expressadas no choro, no grito, no urro sofrido e sem sentido; as verdadeiras primeiras palavras de todo homem são as palavras da dor e do descontentamento! - chega mais perto e sussurra-lhe ao ouvido... - Você poderia ter sido o que quisesse, mas não passa de um eco daquele primeiro choro.

Cristiano perplexo, fita o vazio diante desta revelação.

"O eco, sou eu...?" Questiona-se.

- Você é um eco. - murmura. - O eco daquele recém nascido. O eco de tudo que poderia ter sido, mas não foi. Você é um eco. Nada mais. Um eco sem fim. Um eco de mim.

- Sim... - diz Cristiano hipnótico.

- Um eco de mim. - repete o eco.

- Um eco de mim. - ecoa Cristiano, com a voz do eco.

- Apenas eco...

- Apenas eco...

Diante um do outro, dois Cristianos, dois ecos, apenas um dilema:

Quem é a origem do outro? Quem é o real? Afinal, quem é?

- Meu maior mistério... - murmura Manuela. - Acredite: Se eu soubesse, é provável que nem lhe teria procurado.

- Hã!? - desperta o rapaz, num sobressalto.

Procura pelo que não perdeu sem saber do que se trata...

Sentado no sofá, os olhos ainda turvos; vidrados.

Esqueceu de si. Esqueceu de tudo.

- Ouviu o que eu disse? - surpresa, ela também se senta e quer saber.
- Não. Desculpe. Devo ter apagado.
- Você perguntou se eu sabia por que o meu Local Seguro deixou de existir... Eu respondi... Você não ouviu... Que coisa feia...

- Desculpe, mesmo... Eu... Não lembro o que houve... - um sorriso maroto, sinal de recuperação. - Qual foi sua resposta, a propósito?

- Eu... Não... Sei... - responde fingindo irritação.

- Não sabe sua resposta?

- Não sei o porquê! - grita! - Não se faça de louco!

- Por que o quê...?

- Chega. Paremos com isso.

Estão rindo, os dois. Seja lá o que for, por enquanto, passou.

Ele deixa o sofá e caminha pela sala. Procurando.

São tantos objetos, e ainda assim...

Tanto espaço.

Escorado a uma das paredes, um quadro chama sua atenção. Não o viu antes. Agora analisa sua imagem. Tem exatamente um metro quadrado, em uma moldura simples, estreita e preta. Ali se vê um campo enevoado, rajado como que para imitar a textura de uma pedra clara, talvez mármore, sobre este campo, uma grande e larga seta apontando para cima, centralizada e que quase toca os limites do espaço, acima e abaixo. Esta seta parece gravada na pedra, dando a ilusão de um baixo relevo, mas ao mesmo tempo, de um modo inquietante e sem sentido, deixa a impressão de que se trata de uma forma sólida flutuando em meio à neblina. A idéia e o tema da obra são simples e diretos ao extremo, contudo, a técnica de execução evoca algo sinistro e distante. Irreal, anormal.

- Por que não o prendeu na parede? - indica a tela.

- Pretendo vendê-lo em breve.

- Claro! - compreende.

- Para os Grigio.

- Sim.

Continua passejando entre as obras de arte. O absorto visitante de um diferente jardim. "Andar por aqui é como andar dentro dela." Ele pensa. "Manuela, quem é você?"

- Continua com aquela idéia de que precisamos de um plano? - a voz suave e feminina.

- É isso que está procurando aí pelo chão...? Um rumo, um Norte?

Em resposta, ele dá de ombros sem nem mesmo voltar-se.

- Quer compreender-me compreendendo o meu lar... Minha casa, minha alma... Meu eu mais profano... - divaga. - Pretende mesmo me ajudar, não é?

Agora ele se volta:

- É o que mais quero.

Tempo passa.

Um bom tempo para os dois.

Tempo de pensar no que existe entre eles.

- Você já teve aquela estranha impressão de estar prestes a descobrir algo, mas não sabe o que é exatamente? - pergunta para si, tanto quanto para ela. - Sabe de que sensação estou falando? Como uma música da qual não se consegue lembrar, sabe?

- Sei. É uma sensação boa no começo, mas depois vai ficando incômoda, à medida que não se resolve em nada. Torna-se irritante. - sorri. - É muito boa quando lembramos, quando conseguimos descobrir do que se trata, mas... Do contrário, é um saco! Sei do que fala. - em seguida. - Sente-se assim?

- Pois... É como me sinto.

- Vou buscar algo que talvez lhe ajude. - diz levantando-se de repente e deixando a sala.
- Volto logo. Fique à vontade.

Ele fica.

Vontade.

Procura.

Agacha-se para melhor olhar um jogo de xadrez. Tabuleiro em madeira, peças em cerâmica. Nunca aprendeu a jogar isso; parece muito difícil, mas instigante. O tabuleiro é a tampa de uma grande caixa, também de madeira, as peças estão esparramadas pelo chão, à volta. "Se as peças estão aqui fora, o que está ali dentro?" Intriga-se, aparentemente sem motivo. "Tem algo dentro, com certeza." (É?) Então ele abre a tampa, que corre para os dois lados, dividindo o tabuleiro ao meio. No interior de seda negra, descansa uma edição de um livro que ele bem conhece...

"Eu sabia!"

(Realmente.)

Abre em uma página qualquer.

No meio do texto.

Primeiro parágrafo inteiro que encontra:

"E assim que percorri os últimos passos desta curva suave nesta estrada estreita, uma curva para a direita que antecedia uma inclinação leve, verifiquei que todo o chão passava por uma transformação drástica e irreal, sobretudo sobrenatural, na qual demorei a acreditar, embora haja visto que não me esqueci, nem por um segundo me esqueci de onde estava, nem para aonde ia, ou em qual estrada terrível me encontrava. Contudo, não resisti ao espanto que se apossou de meu ser no momento em que confirmei que os cascalhos sob meus pés, já tão gastos que os ossos encostavam-se ao chão, foram aos poucos deixando de ser cascalhos para se transformar em cacos de vidro multicoloridos, toda a sorte de cacos de vidro que refletiam a luz da tocha que carregava, bem como à minha sombra, filha deste fogo sagrado, que por aqui também passava, pois por muito tempo nós duas estávamos nos arrastando juntas e sofrendo juntas o que precisávamos sofrer. Logo adiante, nessa distância desesperadora na qual se sabe o que se avista embora não se possa ter certeza, elevou-se, como que abortada pela terra cortante e cruel, uma imensa muralha também formada com vidro despedaçado e amontoado cuidadosamente, mas que parecia sempre prestes a desabar para todos os lados, com um estrondo sem igual. Ao centro perfeito dessa muralha, em frente à estrada que ali terminava, abriu-se um portal magnífico, escavado em meio aos cacos ínfimos e infinitos, um portal muito alto e estreito no qual me aguardava pacientemente um

guardião gigantesco e incansável, que trajava sobre sua pele nua e gélida, como somente os cadáveres como ele sabem ter, uma armadura também de vidro, que tilintava e tremeluzia enquanto ele movia-se em minha direção, deixando bastante claro que teria que derrotá-lo se quisesse passar.”

Fecha a obra, não sem certo incômodo, meditando sobre o que acaba de ler. Outra vez, sem motivo, um convite, um sabe-se lá. Em seu lugar, outras pessoas, talvez mais suscetíveis, não duvidariam dos óbvios sinais, mas ele não os vê assim tão facilmente. Ou não os quer, de imediato, admitir. Talvez sim, talvez não... Não é dado a ter certezas.

Abandona aquela montoeira de objetos (E aquela montoeira de idéias.) e vai até a janela fechada ao Norte do salão, perto de sua lateral esquerda pressiona uma suave saliência na parede que faz subirem as quatro largas persianas, os vidros permanecendo fechados. Diante de seus olhos cansados, apresentam-se, a neblina, a chuva mansa e a floresta de concreto armado. Quase em frente, sobressai os fundos do grande hotel, com sua cobertura de chocolate, à esquerda, bem do alto, o telhado do “shopping”, e as coisas sobre ele que ninguém vê, e ao fundo e a direita, quase invisíveis devido ao espesso nevoeiro, aqueles dois montes gêmeos, dominados pela mata morna e sobrenatural. O vidro reforçado não deixa ouvir os sons da cidade, nem permite que seus aromas invadam o apartamento; nada mal considerando os motores e o escapamento dos carros lá embaixo. Ocorre-lhe que quando este edifício não existia, também não existia esta específica vista. O meio-amanhecer de uma sexta-feira treze, observado de uma janela ao Norte do décimo quinto andar do Condomínio Fênix. Gosta bastante do que vê, entendendo como um novo perfil da sua conhecida cidade natal; está satisfeito.

Consigo e com todo o resto, está plenamente satisfeito.

Embora ainda sinta essa inexplicável vontade de descobrir.

A boa vontade de encontrar algo que não perdeu.

E é neste momento de tranqüila alienação que Manuela retorna para colocar-lhe nas mãos a fina peça gelada em forma de chave metálica.

- Estenda a mão. - diz.

Ele estende, aberta.

- É sua. - larga-a como um floco de neve, tão minúscula e leve.

Uma chave de prata, do tamanho de uma unha.

- A chave de Houdini...?

- Ela mesma.

- Está me dando?

- Claro!

- Obrigado.

- Não quero mais desculpas. - enfática. - Agora já tem a chave. - dá uma pirueta completa em torno de si, como uma dançarina de balé, pára olhando-o nos olhos. - É sua.

- Acho que já tenho mesmo... - volta-se dela para a chave, e desta para a janela aberta. - Aqui está a chave, lá está a porta.

Olham juntos pela janela.

A cidade.

- O que tem em mente? - Manuela pergunta, pela primeira vez insegura. - Descobriu o que estava procurando?

Pondo a chave no bolso da camisa pólo, Cristiano sorri:

- Você verá.

Admirada com os inesperados modos do outro, Manuela consulta suas recentes memórias a seu respeito, procurando algum paralelo de comparação. Como não encontra, intrigada, aguarda por um esclarecimento que não vem. Ele não falará. Ainda não. Mas, definitivamente, encontrou o dito plano. Ou acredita que encontrou.

Distante de tudo, ele aprecia a umidade lá fora... Pensativo... Contemplativo...

Anteriormente ela havia decidido deixá-lo guiar a situação, havia sutilmente lhe conferido essa responsabilidade, agora ele está de fato guiando, é o responsável, e ela não imagina aonde isso os vai levar. A mulher pensa rápido, muito mais rápido do que ele, mas não consegue deduzir, nem sondar, seus pensamentos. Fechou-se, sem mais, aquele livro aberto. De fato, o brinquedo escapou-lhe das mãos. Mas talvez, o seu objetivo final esteja perto de ser atingido. Que seja!

Pelo resto da manhã, não mais falarão desses assuntos.

Estabelece-se então uma alegre e súbita leveza, que disfarça em Cristiano as idéias das quais não pretende falar, e em Manuela, a insuportável curiosidade que a assola. Juntos, percorrem todo o enorme apartamento, predominantemente vazio, com seus vários quartos, vários banheiros, "closet" aqui, "hall" ali, belo sim, mas sem muito atrativo, devido à falta de mobília e decoração. Linhas gerais equilibrando renascença e "high-tech" em um espetáculo de sofisticação. Descubrem as diferentes paisagens que se apresentam através das várias janelas e sacadas e escadarias e muradas e mezaninos e... Enfim... Um legítimo labirinto contemporâneo, ao seu dispor, é claro! Manuela, um atual Minotauro.

Pouco antes do meio-dia, pedem pizza e refrigerante, que comem e bebem, falando sobre comida e bebida. Pois o melhor momento para se falar de comida e bebida, é enquanto se come e bebe. Enumeram os bons locais que a cidade oferece para tanto, concordam sobre uns, discordam sobre outros. Ele recorda e elogia os cafés coloniais, ela um ou outro restaurante europeu. Entendem-se bem, divertem-se um pouco. Até parecem gente normal, vivendo a vida de quem come e dorme, trabalha e depois simplesmente morre.

Mas não são.

Não são gente normal.

(E quem é?)

- Quando pequeno, logo depois da morte do meu pai, costumava acompanhar minha mãe às compras, aqui no centro. - começa Cristiano. - Para superar nossas dores, passávamos muito tempo juntos, tanto em casa, quanto fora. Tornamo-nos grandes amigos, além de mãe e filho. - Manuela pressente a importância do que vem, e atenta. - Um dos locais em que mais me agradava passear era em toda aquela área em frente ao Colégio Marista, onde encontram-se os dois córregos, sabe?

- Ali na Rótula João XXIII?

- Isso mesmo. Ali.

- Sei.

- Naquela época era um pouco diferente do que é hoje, mas... Lembro-me que em manhãs frias de inverno, descíamos do ônibus a uma quadra ou duas dali, e caminhávamos todos aqueles canteiros e calçadas, observando a geada congelada sobre o gramado. Eu arrancava os talinhos de grama e sacudia na mão para sentir o gelo derreter. Por vezes, sem que minha mãe visse, comia aqueles floquinhos gelados... - sorri do distante e perdido passado. - Nunca, que eu lembre, nevou nessa cidade, mas quando vem a geada, nas madrugadas de inverno, pela manhã é como se tivesse nevado... É muito bonito de se ver...

- Eu sei disso, querido. - ela lembra. - Não passei, como você, minha vida toda aqui, mas também conheço bastante a cidade...

- É claro! - corrige-se. - Por um momento esqueci.

- Tudo bem... Siga.

- Bem... Aonde quero chegar...? - de si pra si. - Agora a pouco, quando largou a chave na minha mão, este contato com ela, lembrou-me daquele contato com o gelo. Gerou-se um laço entre os dois lugares e tempos. Uma ligação entre dois Cristãos; um que é e um que poderia ter sido... - fixa os olhos da outra. - Tudo fez sentido. - tempo. - Quero que venha comigo até aquele lugar... Lá explico o resto.

- Este é o plano?

- Sem dúvida.

- Então vamos.

Nada falam enquanto deixam o apartamento, pegam o carro e seguem para o dito local, que fica a poucas quadras dali. Manuela, contudo, alimenta no peito um misto de esperança e dúvida, orgulho e dor, com relação ao rapaz. Agora, os últimos dias parecem ter passado tão depressa, voaram as últimas horas, está chegando o momento de partir. Foi breve e intenso, intangível, mas real. Deixam o veículo em um posto próximo e caminham somente alguns metros para chegar ao centro do círculo gramado, rodeados pelas várias avenidas que ali se encontram e se cruzam.

Uma simples rótula.

A vista é típica das grandes cidades.

Os ares e energias também.

Fluxo intenso de carros e motos e ônibus.

Pessoas, na condição de pedestres.

Tudo a volta, porém, nada ali, além deles.

Ao Norte, a Grande Escola Cristã com a imponência que a Verdade lhe concede, ao Sul, o encontro dos dois córregos entre as árvores e o asfalto. Há ainda um hipermercado, um "fastfood", a catedral de São Luis Gonzaga, o grande hotel e, atrás e acima de todos estes, como um rochedo em vinho tinto, o Condomínio Fênix.

- Certo, o que estamos fazendo aqui? - ela quer saber, intrigada, confusa.

- Aqui é um ponto de encontro. - ele diz com segurança. - Um núcleo de alguma espécie. Não sei como sei, mas desde pequeno sei. Havia esquecido, lembrei. Você me fez lembrar... Disso e de muitas outras coisas. - ela secretamente sorri. - Não estávamos sós, minha mãe e eu, quando vínhamos aqui. Vínhamos encontrar alguém. Encontrávamos a nós mesmos, encontrávamos um pouco de paz. - e quase inaudível. - Encontrávamos meu pai.

Manuela concentra-se nas palavras, esquece o trânsito, vê uma procissão de formigas pontilhando a grama molhada. O que sente é um mistério mais profundo que ela própria.

- Tinha esquecido deste lugar. Tinha esquecido deste estranhamento de sentir além, e de saber sem pensar, e de pensar diferente. Tinha esquecido que não só falávamos do meu pai, mas também com o meu pai.

A mulher ergue os olhos para ele, em uma muda interrogação.

- É isso mesmo, Manuela. - confirma. - Conversávamos com ele, bem aqui, e eu achava normal. Era normal. - aguarda pela pergunta que ela não faz, depois segue. - Este local permite isso. Não sei como ou por que, mas permite. Imagino que ninguém, ou quase ninguém, saiba disso. Mas aqui é mais fácil encontrar alguém e se comunicar.

- E... Como isso pode me ajudar?

- Do mesmo modo que vai me ajudar...

- Como?

- Conversação.

Tempo.

O tempo que corre.

Tempo que escorre e, pra nos matar, morre.

- Apreendi muito com você, Manuela, mas também sabia muito. Sempre soube. Todos sabemos. Sempre sabemos. Não sei quando ou por que, tinha esquecido. Você me fez lembrar. Em nossas conversas. Lembrei. Nosso convívio e nossos debates me levaram a reencontrar um caminho que eu havia perdido. Eu lembrei.

- Lembrou...? - hesitante. - Lembrou do quê, Cristiano?

- Que é possível conversar, com tudo e com todos, basta querer. Basta falar. - iluminado, desperto, determinado. - Comunicar é possível, e é o maior poder. Todo o universo conversa e conversando, existe.

- Então, ao pedir ajuda, eu lhe ajudei?

- Exatamente.

- E agora pode me ajudar?

- Sim.

Nem bem responde e tem seu olhar atraído para um ônibus que se aproxima. Daquela mesma empresa que costuma usar para voltar do serviço, a propósito, também da mesma linha. O horário, um pouco mais cedo, mas a mesma linha. O robusto veículo azul claro, quadrangular, vem bufando e corcoveando, reduzindo a velocidade até parar diante do semáforo logo aqui, junto da rotatória. Nesta área, alguma coisa chama a atenção do motorista que, confuso, procura pelo que não viu. Tinha alguém ali? Ninguém, somente a grama. O grande círculo gramado, rodeado pela calçada de concreto, mais nada. Acende-se o sinal verde. O homem acelera o veículo e segue seu caminho, mas não resiste a olhar pelo retrovisor mais uma vez, só para confirmar, a rotatória vazia como sempre. Pensou ter visto alguém. Mas não. Como sempre, está vazia. Afinal, por que alguém estaria ali, não há o que fazer ali, não é? Ou há...?

(Há.)

Junto com várias outras pessoas, Cristiano levanta de seu banco e vai para o corredor ser o primeiro da fila formada por todos aqueles que irão descer. Como na escola, o primeiro da fila, por que era mais baixo, o primeiro da chamada, por que era em ordem alfabética. Acende-se em vermelho o aviso de "parada solicitada". Novamente alguém fez por ele. Como na escola, quando aguardava que perguntassem aquilo que queria saber. Sempre perguntavam, e ele ficava com fama de inteligente; se não pergunta nada, é por que sabe. O primeiro da classe, o mais comportado, o mais quietinho; para as professoras. Para os colegas, era o sabe tudo, o CDF, o 13. Levou anos para descobrir o que a dita sigla queria dizer. Anos... O número, ainda hoje não sabe. Do mesmo modo que não sabe o motivo dessa nostalgia toda com relação à escola. Isso foi o dia todo.

Um derradeiro solavanco e a porta se abre, com aquele característico ruído de ar sob pressão. Com o movimento, algo gelado no bolso de sua camisa lhe belisca o peito. Agradece ao motorista, ainda perdido em seu retrovisor, pensa na escola, quando se despedia da professora que nem o notava, desce os degraus da porta, sem olhar para frente ou se segurar, leva a mão ao bolso, para ver o que está lhe... Tudo ao mesmo tempo. Tudo no automático. Tudo rapidamente. E quase pisa na mulher que passa diante da porta, quase cai sobre ela, quase, quase...

- Me desculpe! - surpreso. - Não vi que estava aí. - firmando-se para não cair.

- Sou assim tão insignificante? - maliciosa. - Tão sem importância e invisível? - muito à vontade, fica entre o ônibus e a calçada, obstruindo-lhe o caminho.

- Claro que não! - tenta concertar. - Não lhe quis dizer isso.

- Então nem quer falar comigo? - ela arremata no ato.

- Não! - mais surpreso e sem saída!

- Não?- pergunta em fúria.

- Digo, sim! - perdido.

- Como? - sádica.

(Confuso?)

Completamente confuso.

Completamente abalado por este absurdo e repentino diálogo, o rapaz demora um pouco até perceber que está atrapalhando as outras pessoas que querem descer do ônibus. Elas empurram-no irritadas, mal educadas, lá do fundo o cobrador fala alguma coisa que é melhor não ouvir. Ninguém consegue entender o que ele está fazendo parado na porta, olhando para a calçada feito um imbecil.

- Vamos sair daqui, para falar em outro lugar? - educadamente, ele convida em pleno caos descontente. - Venha comigo, por favor? - desce para o asfalto.

- Está me convidando para ir com você? - impossível definir o real teor desta frase.

(Cristiano está convidando Manuela para seguir com ele?)

- Sim. - responde, subindo para a calçada.

E a mulher sorri satisfeita.

Pela primeira vez aquele misterioso sorriso, desconcertante.

Responde, enfim, ao convite:

- Aceito!

Afastam-se da parada e seguem até umas mesas plásticas vagabundas, distribuídas pela calçada. Pertencem a uma lancheria qualquer, sem maiores detalhes que a diferencie das demais esparramadas pela área central desta cidade. Ele pensa em puxar uma das cadeiras brancas, com logotipo de alguma cerveja de péssima qualidade, mas a mulher sentou sozinha, em outra, adiante. Aguarda-o paciente. Novamente a escola lhe desponta na memória; os coleguinhas invadindo a sala, em borbotões, assumindo seus lugares junto aos grupinhos definidos. E ele ficando para trás. Sozinho, isolado. Depois se aproxima. Senta-se com ela. Espera.

Discretamente, do lado oposto da via, um sorriso doente, rodeado de moscas.

Um sinistro observador para o encontro dos dois. Seu olhar cauteloso.

Como um rei malvado, um rei mandado. Jaz ali sentado.

Só que ninguém o vê. Além de Manuela.

- Veio mais cedo hoje, não foi? - ela pergunta com inesperada naturalidade.

- Sim... - uma interrogação no olhar. - Na verdade, ainda estou a trabalho. Mas, como...

- Poderíamos beber algo, já que vamos conversar? - interrompe.

- Claro! Eu pago... - procura o garçom. - Do que gostaria...? Com esse calor... - pensa um pouco, não muito. - Quem sabe uma...

- Café preto forte; com açúcar. - categórica.

- Hã... - cadê o garçom? - Tudo bem. Café. - procura. - Café? Eu acompanho.

- Lá está ele. - ela diz, apontando um rapaz de avental. - Aqui! - chama com a mão.

Pedem dois cafés pretos, a despeito do aflitivo mormaço.

Esperam em aparente silêncio. Não se olham.

Ela, observando o trânsito, tranqüila. Ciente de tudo, sem jamais demonstrar.

Ele, confuso, perdido dentro de si. Existir é difícil, concentrar-se, impossível.

Contudo, o rapaz adora café. Em qualquer hora ou lugar, com qualquer clima, sozinho ou acompanhado. Adora café. Só que jamais pediria café em um momento como este, com todo esse calor. E principalmente se for para tomar com alguém. Passaria por louco. Quem, além dele, tomaria café preto, forte e quente, em um dia como hoje? Quem?

Logo após chega o pedido, que cada um prepara ao seu gosto. A saber, ele adoçante, ela muito açúcar. Provam. Aprovam.

- Antes de qualquer coisa, me desculpe por quase atropelá-la. - inicia. - Não sei onde estava com cabeça, que não a vi passando... Desculpe-me?

- Tudo bem. - sorri. - Desculpas aceitas. - outro gole de café. - Mas que seja a última vez! - graceja, acendendo um cigarro. - Fuma? - oferece-lhe o maço.

- Não... - titubeia. - Não fumo.

- Não faz mal. - desdenha.

- Não, creio. - perdido.

O trânsito intenso e barulhento de veículos e pedestres, o calor alarmante logo depois do meio-dia, as responsabilidades que ainda hoje tem para com o escritório. Tudo isso e mais um pouco, contribuindo para atordoar-lhe os sentidos. Ele vai longe e retorna com dificuldade. Esforça-se demasiado, para conseguir voltar. Abalado, cansado. O café pouco ajuda. Só aumenta o suor que escorre.

Pousa a xícara vazia e suplica:

- Do princípio, por favor! - ergue as mãos, como quem pede calma para uma multidão. - Meu nome é Cristiano e lamento pelo descuido. Perdoe-me. - respira. - Você, é...?

- Manuela. - deixando o cigarro na boca, estende as mãos na direção dele, movendo os dedos, longos e afoitos, dedilhando o ar. - Manuela Maia. - uma piscadela. - Já lhe perdoei. - retira o cigarro do canto da boca. - Relaxe.

Ele obedece e descansa suas dúvidas no plástico maleável e encardido da cadeira. Mais café para ambos, enquanto aguarda que ela torne a falar.

Aguarda...

E ela fala:

- Afinal, querido, por que veio mais cedo?

- Como sabe que vim mais cedo?

- Um detalhe banal... - solta uma baforada. - Responda a pergunta. - age com farta intimidade. - Você mesmo me disse.

- Não disse, não... - responde, sem muita certeza. - Não disse nada...

- Disse sim. - divertida. - Daqui a pouco. - diverte-se com ele. - Não enrole. Responda.

- Bem... - desiste da batalha e resolve falar. - Meu dia foi um tanto estranho. - pensa. - Continua sendo estranho. Passei todo o dia lembrando dos tempos de colégio. Assim, sem a menor explicação. - Manuela como uma estátua. - Para qualquer coisa que eu faça, não importa o que seja, do nada, surge uma memória da escola. De várias épocas, várias séries. Sem o menor motivo lógico. - ela está séria, escutando. - Melhor dizendo... Há sim alguma lógica. Essas lembranças... - organiza algo em si mesmo. - Elas surgem como que paralelas àquilo que estou fazendo, entende? Por exemplo, pela manhã, quando fui foto-copiar uns papéis e lembrei da ocasião em que, no colégio, pela primeira vez, vi um Xerox funcionando. Estava no canto da secretaria, uma máquina enorme, como um frizer ou maior. Fiquei impressionado de ver o que era capaz de fazer. Copiava, sabe? Incrível, na época!

- Não vejo nada de estranho nisso. Lembrar dessas coisas.

- Sim. Nada de estranho, se fosse só isso, mas foi o dia todo, para tudo o que fazia. - depois completa o argumento. - E de mais a mais, todos os dias faço centenas de cópias e nunca havia pensado nisso. Sinceramente, até a manhã de hoje, nem lembrava daquela máquina. Muito menos, que fora a primeira que vi em minha vida.

- Compreendo. - toma fôlego. - Mas o que isso tem a ver com sair mais cedo?

- Tem sim. - explica. - Devido às memórias, estive distante e desatento durante toda a manhã. Meio nostálgico. Até triste, em certa medida. E minha chefe, muito perceptiva ela, veio ter comigo a respeito. Não lhe contei das memórias, especificamente, mas admiti que não estava em um bom dia. - analisa pequenos detalhes. - Ela costuma ser legal comigo, é uma boa chefe, profissional, compreensiva. Precisava que certas coisas fossem feitas fora do escritório e sugeriu que eu as fizesse, já que estava enjoado. Sugeriu-me sair um pouco para descansar. Disse-me para aprontar uns documentos, e depois seguir direto para casa, levando-os comigo e devolvendo-os amanhã. - suspira. - Aceitei. Por isso saí mais cedo hoje. Mas ainda tenho umas coisinhas para fazer antes de ir para casa.

- Legal sua chefe.

- É. - concorda. - Gosto bastante dela. Tem vezes que é uma segunda mãe.

- Legal.

- Mas, sabe... - ainda tem o que dizer. - Lembrar da escola não deveria ser tão ruim. Nunca tive problemas na escola. Até gostava. Só que tem uma coisa que me martelou o tempo inteiro. Veio junto com as memórias. - espera, procura. - Por ser um menino sem grandes dificuldades, quieto, inteligente até, sempre me disseram que eu iria me dar bem. Cresci ouvindo todos afirmarem que eu venceria, seria plenamente feliz com um ótimo emprego e muito dinheiro. Um guri esperto, ora, só pode virar um homem rico! Um feliz vencedor, é claro! - tragicômico. - Tudo besteira. - balança a cabeça. - Tudo besteira. Não posso reclamar da vida que levo. Não passo fome, nem tenho nenhuma grande dificuldade, porém... - tempo. - Acho que no colégio eu acreditava naquilo que me diziam. Mas hoje... Não me considero um feliz vencedor. Não venci nada. - mais tempo. - E agora a escola me parece cruel. Mentirosa.

Um desabafo. Legítimo e inesperado desabafo.

- Parece-me que o sonho do passado tornou-se o pesadelo do presente.

- Creio que sim... - concorda pensativo. - Infelizmente, foi só um sonho...

Cristiano olha para a mesa plástica recoberta por uma vasta rede de arranhões, pensando em suas próprias palavras. "Infelizmente, foi só um sonho..." Concentra-se no sonho. Só um sonho. Então se dá conta da origem de suas memórias escolares. Foi um sonho. Agora faz sentido. Esta noite teve um sonho com os tempos de escola. Foi isso que trouxe todo o resto à tona. O sonho que teve, durante a noite, foi a origem de tudo. Tinha esquecido do sonho. Já não vê a mesa arranhada, mas sim o rosto daquela colega da quinta série; uma de pele clara e cabelos negros, lisos, cortados em channel. Qual era mesmo o seu nome? Era ela em seu sonho. Cássia! Isso! Era Cássia em seu sonho.

A menina de dez ou onze anos, acaba de lhe dar um beijo na boca. Nada breve e bastante sincero. Com uma delícia suave que somente um beijo tão jovem é capaz de conter. O primeiro beijo na boca, talvez. O menino Cristiano, pego de surpresa, pouco contribui, mas muito aprecia a situação. O coração, acelerado, não cabe no peito. O sorriso, tolo, não deixa a face.

- Obrigado por me ajudar. - ela fala baixinho, referindo-se ao trabalho escolar que acabaram de concluir juntos. - Eu preciso dessa nota.

Ele nem bem organiza suas idéias, para fazer qualquer comentário, e aparece o outro Cristiano, para levá-la embora dali. Não outro menino de nome Cristiano, mas uma espécie de cópia idêntica e absurda dele mesmo.

(Aquele outro Cristiano.)

Um Xérox de Cristiano.

Não. Um Xérox, não.

Um eco... Eco...

- Vamos Cássia! - diz o outro, arrastando-a pela mão. - Deixa esse babaca aí! Ele não passa de um eco... - tem um olhar impertinente. - Eu que sou de verdade. Vem!

Como na maioria das vezes, lento e sem ação, Cristiano nada faz para impedir que ela seja levada. Entristecida e acuada, antes de sumir para sempre, ainda sussurra um último e

tímido obrigado. E ele chorando, deixa-a ir. Chorando em fortes soluços, mais por ódio de si mesmo do que por qualquer outro sentimento, permite que ela se vá.

Ódio de si mesmo, por ser um perdedor.

Um perdedor para si mesmo.

O que é pior.

Para si mesmo.

- Melhor deixá-lo agora. - levanta-se Manuela, olha ao redor. - Obrigado pelo café. Pela companhia. - as mãos ágeis ajeitam os cabelos.

- Não precisa ir agora. - pede ele. - Gostei de lhe falar. - também levanta, aproxima-se dela, sente o perfume. - Fique mais. - o perfume do vasto vazio.

- Melhor não. Você ainda tem o que fazer.

- Devo é lhe ter chateado com meus problemas...

- Claro que não. Adorei conhecê-lo. É bem como esperava.

- Como sabia que eu saí mais cedo? - maroto. - Hein?

- Você mesmo me disse. - sorri. - Não disse?

- Sim... Mas quando disse...

- Detalhes... Detalhes...

- Certo. Não importa.

Senhora de si, simplesmente se vai.

Ele fica.

Só.

Depois se da conta. Ainda nos vamos ver?

Grita-lhe a óbvia pergunta:

- Posso vê-la novamente?

Distante, Manuela não ouve ou não quis responder.

Dissipa-se, desaparecendo na multidão.

E Cristiano retorna à vida real.

Ainda nos vamos ver?

(Claro que sim.)

Depois ele paga e também se retira.

"Ao trabalho!" Pensa de modo objetivo e renovado.

Ao que parece, superou os tempos de escola, uma vez que nada lhe ocorre.

Nada.

E o inesperado encontro com Manuela lhe deu nova energia para suas atividades; pouco mais de meia hora e já está voltando para casa, com todos os afazeres em ordem. Suas obrigações postas em dia, o trabalho feito, tudo normal. A responsabilidade em pessoa. Um bom sujeito, afinal.

Porém...

Nem por um momento deixou de pensar na mulher.

Manuela.

Quem é ela?

Absorto em respostas possíveis para essa pergunta, insípidas considerações que sequer arranham a superfície da verdade, ele torna ao lar que lhe espera vazio. Pela manhã sua mãe partiu para uma longa visita a certos parentes distantes, ao que ele ficou responsável pela casa e por si. Por algumas semanas, este órfão de ocasião terá que se virar sozinho. Nada da mamãe por perto para lhe facilitar a vida.

Um pouco mais de independência, é o que o futuro lhe reserva. E algo mais... Liberdade... Pretende desfrutar disso, como puder, da melhor maneira possível. Seja lá o que for a dita liberdade. Quer aproveitar.

Entra pela porta lateral, satisfeito em encontrar um ar mais fresco e úmido aqui dentro.

Acende as luzes para ver a mesma cozinha de sua infância. Sempre esteve aqui.

Cristiano sempre esteve aqui, brincando sob a mesa, comendo doces. Aqui.

Olha ao redor e se sente feliz; nostálgico, sim, mas completamente feliz.

A segurança do lar lhe inspirando tranquilidade. Não Há Losna.

- E aí, Cris! Tudo bem?

- Lídia... - sarcástico. - Que agradável surpresa...

- Eu também amo você, Cris. - entra e senta-se na mesa (Na mesa.), com um pulinho. -

Quem está aí? - olhando ao redor.

- Ninguém, ora. Por quê?

- Não tem ninguém aí? - procura intrigada.

- Claro que não, guria. Sabe melhor do que eu que minha mãe viajou hoje cedo.

- Não sua mãe, outra pessoa...

- Não. Nenhuma outra pessoa, além de nós dois. - impaciente. - Que frescura é essa?

- Mas eu acabo de lhe ver chegando acompanhado... E...

- Acompanhado, Lídia...? - balança a cabeça. - Não.

- Sim... - convincentemente confusa. - Por uma mulher.

Um arrepio involuntário percorre o corpo de ambos. A moça cruza os braços. Olham-se, e ao redor. Cristiano fecha a porta. Puxa uma cadeira e senta diante dela. Pergunta:

- Uma mulher...?

- Juro, Cris. - séria. - Estava, por acaso, na janela da frente, quando lhe vi subindo a rua.

- Sim. - ele deixa escapar um sorriso, leve, quase imperceptível. - E...

- É bem estranho... Mas... Primeiro vi você, só você, mas depois que saí da janela, pensei: Ué, quem vem lá com Cris? E olhei de novo pra rua. Você já estava aqui, entre as árvores, lado a lado com uma mulher. Só vi na segunda olhada. Entendeu, né? - ele confirma. - Não vi quem era, mas dava pra saber que era uma mulher. Achei ser alguém do escritório. Sei lá. Daí, vim pra cá.

Não há muito para ser dito. Quase nada.

- Pare de brincar, Cris. - chorosa. - Não veio ninguém mesmo?

- Não, Lídia.

- Não digo nada pra sua mãe. Juro. Não quero nem saber quem é. Mas, me diga...

- Lídia. - olha-a direto nos olhos. - Só tem nós dois aqui.

Tempo.

- Agora estou com medo. - diz ela.

- Não foi nada. Você se enganou. Foi só isso.
- Que coisa mais estranha!
- Tudo bem, passou.

(Passou?)

Passou nada. Lídia é uma jovem muito expansiva, divertida, curiosa, intrometida até, mas certas brincadeiras jamais partiriam dela. Não costuma mentir ou inventar histórias. Alguma omissão da verdade, lá de vez em quando, talvez, mas nada maior do que isso. Nada mais sério. Jamais diria ou faria algo que pudesse prejudicar alguém. Assim, essa sua declaração de ter visto uma mulher... É algo que realmente mete medo no rapaz. Algo que, no momento, ele é incapaz de compreender, e por isso o assusta.

Mas ele evita demonstrar.

Supera.

- Falou com minha mãe, antes dela sair? - muda de assunto. - Ela lhe encheu de instruções de como cuidar de mim?

- Dei tchau pra ela, sim, mas nem falamos em você, seu bobo.

(Isso, é uma inocente omissão da verdade.)

- Sei... - ele murmura. - Garanto que fui o principal, se não o único assunto.

- Não foi não, convencido. - ela desce da mesa, afagando-lhe os cabelos. - Mas quem só falou em você foi minha prima, a Rosana. Lembra dela? Está em férias. Passou a tarde de ontem toda aqui em casa. Passei-lhe um relatório completo de como você tem se vestido bem, depois que passou lá pro escritório principal. E ela ficou doidinha pra conferir!

A jovem se refere a um fato recente na vida de Cristiano. Algo com o que ele ainda se está acostumando. Em caráter de recompensa pelos bons serviços prestados, nos últimos dois anos de sua vida, dedicados à firma de contabilidade na qual trabalha, foi promovido a assessor direto da chefia. Mais responsabilidade, certa autonomia, maior estresse, melhor salário e, é claro, a necessidade de se vestir com roupas mais apropriadas ao requintado gosto dos clientes. De fato, ele mudou seu guarda-roupa, um tanto contrariado, mas mudou. Não que se tenha tornado vaidoso, ou o que agora chamam metro sexual, mas se adequou, sem percalços, às suas novas necessidades.

E obviamente, Lídia adorou a mudança e saiu espalhando pra todo o mundo.

- Vocês duas não têm assunto melhor pra gastar suas tardes?
 - Melhor do que você, Cris? - saracoteia negativamente. - Na opinião dela, não.
 - Só na opinião dela...?
 - Não desdenhe, querido. Rosana já completou o segundo grau e fará dezoito logo logo. Está cada vez mais linda. E...
 - Sei o que vai dizer...
 - Dará um belo par pra você.
 - Eu sabia!
 - Ora! Por que não!?
 - Porque não!! Ora!
- Enfrentam-se dois olhares fumegantes.
- Por que você tem que ser assim, hein?

- Assim como?
- Sei lá! Esse seu jeito de estar sempre contra... Contra...
- Contra o quê?
- Contra... Contra a natureza... - achou! - É isso! Contra a natureza das coisas!
- "A natureza das coisas"...? - ri. - O que é "a natureza das coisas", Lídia?
- Ora... Sei lá... - procura de novo. - Crescer, ser feliz, vencer. E... - seu sorriso maroto o desarma completamente. - Arranjar uma namorada...

- Lídia, Lídia... - levanta-se e vai saindo da cozinha. - Não sei por que ainda lhe dou ouvidos... "A natureza das coisas". Claro! Como não?

- Claro. - ela segue falando alto, mesmo após ele deixar a peça. - Arranjar uma namorada. Uma namorada, que bem poderia ser a Rosana... - e sussurrando. - Ou eu.

A moça fica sozinha enquanto o outro vai largar suas coisas e tomar um rápido banho. Sem muito que fazer ali, além de esperar que ele retorne, volta a pensar naquela mulher que não viu. Muito estranho... Tinha uma mulher com ele. Ela viu. Ou não? Será que imaginou?

Em seu quarto, no segundo andar, Cristiano deixa suas coisas sobre a cama e prepara-se para um merecido banho. Vai ao guarda-roupa ao que lhe ocorre uma inquietante sensação de recomeço. C'est du déjà vu. A estranha impressão que isso já aconteceu.

Sobre a prateleira, entre suas roupas, onde seus olhos imediatamente percebem, está um livro aberto. Um velho livro que não é seu, embora (Onde?) já o tenha visto antes, está ciente (Quando?) de que já o leu.

Recolhe o pequeno volume entre as mãos, com uma íntima e já conhecida expectativa, este papel, de uma envelhecida suavidade, dobra-se ao contato, cochichando-lhe docemente.

Lê:

"Muito, muito tempo depois de derrotado o Guardiã terrível e monstruoso, pois precisei de descanso devido ao esforço monumental empreendido nesta batalha sem igual, e que somente fui capaz de vencer por estar preparada e protegida da melhor forma possível, pude verificar, e não sem vasto espanto e desconforto, que a mencionada criatura, por sob as múltiplas peças de sua armadura, e embora profundamente desfigurada pelas cicatrizes que esta vestimenta lhe causara ao longo dos anos, se parecia bastante comigo. Deixei-a para trás, assim como o inexplicável enigma de nossa semelhança inesperada, e transpus aqueles imensos umbrais de vidro, nos quais até o momento não tinha tido ocasião de deitar o reparo devido, trazendo em meu peito dolorido e cansado a inexplicável sensação de que, de alguma forma e em alguma outra situação, já estivera ali, onde então adentrava pela primeira vez. E como de fato esperava e nem por um segundo sequer duvidei, depois de minha preparação torturante e humilhante, minha viagem desafiadora e batalha final, agora mais do que nunca consciente da necessidade real dessas coisas, tive a felicidade de encontrar, no vazio vasto do inesperado e ignoto, tudo aquilo de que a tanto tempo precisava e de que tanto precisava, percebendo, no auge de meu júbilo, que aquilo tudo já era meu, e que carregara comigo para os diversos lugares por onde estive e durante todo o período. Satisfeita então com meu pleno êxito e renovada pela sabedoria, e consciente de que aqui o correr das horas é bem menos sólido do que em outras paragens, dediquei-me a conhecer as mais diversas regiões de Tir, assim como desfrutei do que elas possuíam de melhor para

oferecer para uma viajante estrangeira recém chegada e sua discreta e silenciosa companheira, a Morte."

Somente ao final do parágrafo, consegue escapar.

Faz tanto tempo... Sabe que já leu esse livro.

Procura pela capa, como quem procura por socorro. Tateando na memória escura.

Não há capa, não há redenção, mas o frontispício ilumina, informando:

"Tir."

Logo abaixo, um símbolo que lembra uma seta voltada para cima.

Esta palavra... Este símbolo... Tanto tempo...

- Espero que não esteja sem roupa, Cris, porque estou entrando. - diz a garota, aproximando-se pelo corredor. - Mas, se estiver sem, não fará mal algum... - entra no quarto.

Cristiano ainda está vestido, de pé, parado, de braços cruzados, olhando para o chão, em frente à cama. Com uma voz controlada, sem erguer a cabeça, fala:

- Preciso lhe contar algo, muito, muito importante, gurua. - espera um pouco, por qualquer reação da outra, que não vem. - Você vai querer saber.

- Pode falar, Cris. - ela percebe que é sério. - Pode falar.

Agora ele ergue os olhos para ela; um semblante sem paralelo, um olhar vazio.

- Hoje conheci alguém. - tempo. - Uma mulher.

Lídia não sabe como reagir... Tem medo... Como se soubesse... Espera... Em total inação, espera que ele conclua...

- Essa mulher... - segue ele. - Acho que ela não existe.

O olhar perdido de Cristiano... É algo que não faz sentido.

E a jovem não está preparada para isso, não tem idéia do que fazer. Aguarda, quieta, observando-o contemplar o que ela não vê. O movimento de alguma coisa invisível e fora dali. Preocupada, ela o percebe desviando o rosto, como que acompanhando o movimento de alguma coisa que se desloca além das paredes da casa. Não tem como saber que ele acompanha o grande ônibus azul claro, que reduz a velocidade e pára em frente ao semáforo junto da rotatória. Troca um inquietante olhar com o motorista, que jamais compreenderá o que aconteceu. E embora agora seja mais sedo, tal ônibus é da mesma companhia e rota que costuma tomar diariamente, quando retorna do trabalho.

Manuela sabe que chegou ao fim.

(E você também.)

Vendo-o deste modo, sabe que seu trabalho está concluído, o rapaz já chegou onde deveria chegar, encontrou o que precisava encontrar, lembrou do que havia esquecido. Jaz aqui, de si próprio convencido. Agora só precisa de tempo para lidar com a nova informação. E com sua nova vida.

Ora... Tempo eles têm de sobra...

(Tempo todo mundo tem.)

E enquanto ele metaboliza o seu novo ser, seu novo entendimento das coisas, seu novo olhar para o mundo, a mulher volta-se para uma recente memória sua.

É noite, sozinha, ela passeia pela cidade atraída pelas luzes brilhantes. Quantas diferentes luzes! Tão lindas, coloridas! Os diferentes brilhos para as diferentes necessidades;

nas cidades, tudo carece de luz. Dos faróis dos carros iluminando os caminhos, ao néon das fachadas convidando os passantes. Quantas luzes para iluminar a vida. Quantas luzes para iluminar a noite...

"Eles têm medo do escuro... Têm medo da noite..."

Pensa, enquanto olha as pessoas ao seu redor.

Manuela não tem medo do escuro, nunca teve, mas gosta muito da luz, sempre gostou, principalmente durante a noite, onde ela faz mais sentido. Gosta de ver o modo como as coisas mudam quando se muda a luz, principalmente seu corpo. Seu corpo se transforma e se reconstrói quando bem iluminado. Assim segue passeando, sob os facho dos postes, indo de um para outro, como quem se banha entre cascatas de feliz renovação. Sente-se linda, com toda essa luz refletida sobre seu corpo. Está linda, é linda.

Contudo, as pessoas que passam nem a percebem...

Mas não faz mal. Ela é linda para si, não para os outros.

Está entusiasmada com o que tem por fazer. Faceira. Linda.

Sempre fica exultante quando parte em novo trabalho.

Sim. Ela pensa nisso como um trabalho. Uma arte.

Então o avista, descendo as escadarias do "Shopping".

(Foi ao cinema sozinho. Anda entre os outros, sozinho.)

É quando o vê pela primeira vez. Cristiano. Seu próximo trabalho.

Sabe que é ele, por aqueles que lhe acompanham, mas que ele não vê.

Sabe que é ele, porque eles a vêem, e não gostam. Furiosos, eles o preferem do modo como está... Triste e solitário... Fraco.

Mas se não gostam dela, é problema deles! Seu entusiasmo não diminui.

Seus movimentos cada vez mais leves, e livres, e lindos, não param!

Segue o jovem, incógnita, por pouco mais de uma quadra, até ele alcançar seu carro. Abre a porta, entra, senta e liga o motor. Ela está ali em frente, mas ele não vê. Fecha a porta, põe o cinto, liga o motor e acende os faróis. Adiante, rapidamente, alguma coisa reflete a luz, esvoaçando diante do veículo, bate as asas e se vai. Uma mariposa, talvez.

"Uma mariposa das grandes..."

Pensa ele, sem muito interesse.

(*Thysannia agrippina*, talvez.)

O motor ronrona suave, o veículo manobra e parte, levando dali o solitário Cristiano.

E Manuela sabe que, para si, chegou ao fim, porque, para ele, acaba de começar...

- Como você pode me ajudar, Cristiano? - ela o desperta com a repentina questão.

- Comunicando-lhe a verdade. - é a resposta que ele tem para dar.

- Que verdade, querido? - ela faz sua parte.

- Você não existe. - e ele a dele.

- Existo sim. - sorri. - Mas você ainda não compreende como.

- Desculpe-me então... - sincero. - E obrigado.

- Tudo bem. - seu último sorriso. - Eu que agradeço.

Cristiano não sabe quem ou o que é Manuela, mas decide não perguntar. Deixa o Mistério ser Mistério. Deixa, enfim, que ela se vá. Também não sabe se de algum modo ela

realmente precisava de ajuda, ou se isso foi somente um estratagema para se aproximar dele e ajudá-lo. Agora já não importa. A mulher não mais está ali. Não mais existe. Na rotatória, o rapaz está sozinho; toda a cidade ao redor, o céu carregado no alto. Um enigmático local de convergência do qual quase ninguém sabe. Um local de comunicação, com ele sozinho ali. Do bolso da camisa, retira a diminuta chave de Houdini, que diante de seus olhos se desfaz como um floco de neve. Que se vai, devagar... E aquele certo livro, ele sabe que nunca mais verá, nunca mais lerá, já que não é mais necessário. De fato, nunca existiu.

Volta para o seu carro, lentamente. A porta, o banco, o cinto, a chave na ignição. Quando está prestes a dar a partida, aguarda ainda que um último daqueles ônibus azuis passe diante dele. Impossível evitar as perguntas: Será que ele realmente esbarrou em alguém, naquela distante decida do ônibus? "Me desculpe! Não vi que estava aí." E quanto a Lídia...? A moça sabe ou não sobre Manuela? "Ora, é claro, Cris! Quer ajuda?" São questões que naturalmente surgem, mas ele não vai responder. Não precisa responder. Por enquanto, chega de respostas. Basta de perguntas. Só quer voltar para casa e descansar pelo resto da sexta-feira treze.

O resto...

E o que restou?

Além das confusas memórias daquilo que nunca ocorreu, praticamente nada. Tão somente um novo Cristiano, que no fundo é um velho Cristiano, que até agora não tivera a oportunidade de ser. Restou isso e uma negação. Nada além de uma negação. Um grande e alucinado não, dizendo que a vida não precisa ser como ela é se não for nosso desejo...

Não precisa não.

*Esta obra foi feita por ÍgorO.,
em tipologia Segoe UI e Segoe Print,
em documento pdf,
em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil,
no Verão de 2008.*

*Contato com o autor:
blogoro.blig.ig.com.br
e-igoro@ig.com.br
81774254*

Exemplar: 0 1 3.
Edição: A.

